

CLAUDIO JOSÉ NUNES

SCENAS

LIBRERIA

CONTEMPORANEAS

PRIMEIRA PARTE — DRAMA

SEGUNDA PARTE — COMEDIA

R.F. 7415

COM UMA CARTA-PROLOGO

POR

José Maria Latino Coelho



EDITORES — ROLLAND & SEMIOND

LISBOA

TYPOGRAPHIA CASTRO IRMÃO

Rua da Cruz de Pau, n.º 31

1873

GARTA-PROLOGO

Meu caro Claudio.

Ha bem dezeseis annos, eramos nós collegas em um jornal, onde o meu amigo se estreava nas pelejas da imprensa e onde, ao debate vivo e apaixonado das theses do governo, alliava já os raptos da poesia lyrica e as ironias da satyra politica. Principiava então a percorrer um estadio, em que lhe estavam reservados tantos e tão virentes louros. E fui eu um dos primeiros a adivinhar que na apparente negligencia do seu engenho transpareciam já as centelhas precursoras de um grande entendimento e de uma fecunda inspiração.

São transcorridos largos annos, em que as agitações da vida publica parecia deverem apartar o meu amigo da aprazivel conversação das musas patrias e alheias. E ao cabo d'elles, depois de haver ido repartindo em folhas soltas as mimosas producções do seu talento, depois de haver-nos revelado um estro original e creador, vem agora opulentar

as letras nacionaes e as peregrinas, com um livro destinado a assignalar uma epocha brilhante nos fastos da litteratura contemporanea.

Desvaneço-me de haver eu sido eleito pela sua deferencia e amizade para insculpir a inscripção na portada d'este monumento litterario, sem que mais titulos me encomendassem á sua honrosa preferencia, que não sejam a affeição ininterrupta, que nos prende ha longo tempo, as memorias da nossa antiga convivencia, e a communitade das nossas opiniões, ácerca dos grandes problemas da humanidade, tomados na sua mais vasta e mais comprehensiva significação.

Responderei á distincção, com que me obsequiou, dizendo em breves termos o meu sentir a respeito da collecção de poesias, a que estas linhas servem, não de prefacção, ou de louvor, porque d'elles não carece, mas apenas de modesta e imparcial avaliação.

Repugna-me este commercio de encarecidos panegyricos, este contrabando frequente de pomposas amplificações, esta especie de seguro mutuo, com que os autores se costumam prevenir contra os naufragios da sua inspiração, trocando com facil complacencia os encomios e as hyperboles e imprimindo a marca dos contrastes litterarios nas peças fabricadas de liga pouco preciosa, como se foram cinzeladas em ouro de bons quilates. Nem os bons engenhos, como o seu, precisam d'estes suffragios para luzir na praça

publica. Não são pois elogios, que vou entretecer, senão reflexões que ousou aventurar ácerca do seu livro.

A poesia é hoje decadente, são raros os poetas, é fraca e indecisa a inspiração. A poesia, como todas as artes, na sua espontanea e mais esplendida manifestação, é um privilegio d'aquellas edades meio-civilisadas, meio-barbaras, em que a humanidade, antes influida pelo sentimento, do que pela razão, não tem ainda chegado á reflectida consciencia da sua vida e do seu destino social. Os grandes poemas, ou pelo menos os poemas originaes, producto de uma verdadeira criação, pertencem áquelles seculos, em que a sociedade é ainda infantil, e caracterisada pela simpleza dos seus costumes, allumiada pelos resplendores de uma incipiente civilisação. Os Homeros não podem apparecer na Grecia de Pericles ou de Alexandre: os *Nibelungen* na cultissima quadra, em que a Allemanha perde a singeleza da meia idade e dá ao mundo os exemplos da mais profunda e reflexiva meditação. O *Mahabarratta*, o grande epos hindustanico, onde ficaram numeradas as sangrentas contestações entre os Aryanos invasores e os povos indigenas do Dekhan, o *Ramayana*, a segunda epopeia índica, não podem reproduzir-se com a sua genial e imaginosa originalidade nos seculos, em que a civilisação transmuda as primitivas condições da vida politica e social. As odes epinicias de Pindaro, ou os hymnos sacros do Rig-Veda, pertencem a estas edades de uma cultura inicial,

em que a fé e o extase reprimem as nascentes explosões da duvida e do livre exame. O psalmo 103, em que o rei propheta rompe os accentos do seu alaúde, para descrever, inspirado pelas magnificencias da natureza, as harmonias de Jehovah e do universo, aquelle modelo da lyrica semitica, não terá nunca mais quem o reproduza e o traslade nos metros da moderna poesia.

Os tempos, em que a civilisação alcança os maximos triumphos, não são aquelles, em que a imaginação é mais fluente, nativa e creadora, onde é mais vivo e exaltado o sentimento, em que é mais subido o enthusiasmo e mais arrebatada a inspiração. Assim como nos individuos a razão e a phantasia raro coexistem na mesma intelligencia, e a frescura da poesia quasi nunca anda associada ao vigor do pensamento, assim tambem n'uma sociedade ou n'um dado momento da civilisação não é frequente ver mescladas em regradas e harmonicas proporções as faculdades eminentes, que constituem os Homeros ou illustram os Platóes, o genio lyrico dos Pindaros e o abstracto raciocinio dos Eleatas ou de Socrates. Na antiga Hellade, quando a musa principia a entibiar; quando os grandes sentimentos, que agigantaram a Grecia heroica, se vão debilitando com a perda da primeira liberdade, quando a espada de Alexandre, favorecendo a civilisação cosmopolita, poz um termo glorioso mas fatal ao hellenismo antigo; quando a imaginação cede o logar ao pensamento escrutador; quando á

dominação intellectual dos grandiloquos poetas e dos ardentos oradores succede o genio philosophico de Aristoteles; quando as artes, chegadas ao fastigio da sua gloria, principiam a declinar; quando já não ha na Grecia nem Phidias, nem Polycletos, nem Lysippos, nem Zeuxis, nem Timanthes, nem Apelles; quando a sciencia, adoptando fórmias racionais e positivas, se despoja das proprias feições poeticas, de que se vestia nos dialogos sublimes de Platão; quando as lendas e mythos da Grecia perdem o seu divino esplendor para que o evhemerismo as reduza prosaicamente a concepções naturalistas ou a tradições historicas, disfarçadas na allegoria; quando n'esta passagem improvisa do velho mundo hellenico ao mundo alexandrino a philosophia substitue a ode e a epopéa; a litteratura, infecunda para crear, toma as fórmias da erudição, a poesia desaparece, e a sua ausencia é o signal de que a antiguidade está prestes a expirar, de que um pasmoso acontecimento, o christianismo, vem breve imprimir á caduca humanidade uma assombrosa transformação, e com o baptismo de uma idéa nova restituir-lhe o candor e o viço juvenil.

Á poesia da Grecia succede como a imagem delineada n'um espelho, não como a espontanea criação de um genio nacional, a regrada e scientifica litteratura latina, porventura mais perfeita que a hellenica na formosura do desenho, no frescor do colorido, na belleza dos seus tons; porém incomparavelmente menos audaz na concepção e me-

nos preciosa na valia, por ser imitada, e como que produzida antes por um processo technico do que por uma inconsciente explosão do estro creador. Os épicos, os didacticos, os tragicos, os comicos de Roma são—nem elles o buscam occultar—os reflexos da antiga inspiração atheniense. Entre elles e os seus modelos gregos ha a mesma proporção que entre os heroes de Homero e os personagens de Virgilio, entre os pastores de Theocrito e os zagaes do mantuano, entre o *Prometheu* de Eschylo, o poeta, e o *Hippolyto* de Seneca, o philosopho. A litteratura poetica de Roma não póde, sem grave parcialidade, conquistar da boa critica as palmas da originalidade absoluta.

É preciso baixar desde o sublime esplendor do mundo romano até ás nevoas intellectuaes da meia idade, para que as raizes da poesia, latentes e occultas na terra, comecem a mostrar á luz novos rebentos. É necessario que a sociedade européa haja experimentado uma profunda e dilatada metamorphose, para que a inspiração tome novamente o logar, que lhe usurpára a philosophia, a duvida e a erudição. Mas não é a poesia antiga, que renasce e continúa as suas glorias. Essa está morta e encerrada na sua crypta e fechada quasi a sete sêllos, quasi ignota ainda aos mais eruditos investigadores. A poesia, que principia a altear os vãos, é a poesia christã, cavalleirosa, despreendida de todo o jugo e tradição da antiguidade classica, tão original e tão differente da poesia grega, como a traça da me-

diéva cathedral renega por seus modelos e antecessores a regradada estrutura dos templos hellenicos, do Parthenon e do Theseion de Athenas, do sanctuario de Olympia, do Pantheon de Roma.

A idade média tem uma poesia sua, verdadeira, nativa, espontanea, independente dos modelos classicos, producto immediato da phantasia e não de um puro technismo intellectual. São os *Nibelungen*, o poema do Cid, os cantares dos trovadores e dos *trouvères*, a severa comedia de Alighieri, estas fórmas, em que se revela o genio moderno e christão. Na poesia antiga o anthropomorphismo dominava como na crença popular e na theologia. O *fatum*, a *moira*, o sombrio e ferocissimo destino, que assombrára como uma condemnação implacavel os espiritos da antiguidade, contrastando friamente com as tintas dos quadros mais ridentes e das mais graciosas composições, faz agora praça a sentimentos mais humanos e mais consoladores: o ideal da fé entorna a sua luz suave nos paineis da imaginação christã. A *melancholia*, que transparece já por muitas vezes nas creações da arte classica, passa de ser um reflexo fugitivo a ser um continuado resplendor. O fatalismo antigo tinge de sinistro colorido as télas poeticas da antiguidade. A esperança, a consolação, o amor espiritual, a alliança da fé e da independencia e liberdade humana douram as concepções da arte mediéva. Se a trilogia dantesca principia com as lugubres pinturas da eterna condem-

nação, e inscreve na portada do inferno o *lasciate ogni speranza*, lá vem por doces transições rompendo a luz n'aquellas trevas adensadas, e o espirito, oppresso pelo aspecto das miserias e tormentos dos réprobos e precitos, pôde librar as azas finalmente nas ethereas e luminosas regiões do *Paraiso*, onde voeja em eterna beatitude aquella *santa milizia* de quem o poeta disse:

Le facce tutte avén di fiamma viva
E l'ále d'oro e l'altro tanto bianco,
Che nulla neve a quel termine arriva ¹

Chegada a Europa aos tempos do Renascimento e da Reforma, a fé é já então frouxa ou tem perdido a sua mystica unidade; as imaginações apparecem descoloridas; a antiguidade, que a paciente erudição tem desentranhado d'entre as ruinas e escombros do passado, assoberba novamente os espiritos com a sua auctoridade e o seu encanto, como se fosse uma rediviva religião. Ao mesmo tempo que as turbas, concitadas e dirigidas por chefes espirituaes irrequietos ou enthusiasts, anhelam a renovar, segundo as feições de suas varias phantasias, a *cidade de Deus*, os tempos de apostolica simpleza, e os espiritos, desoppressados de toda a sujeição tradicional, se revolvem n'um cahos de contradicções religiosas e proclamam ousadamente, com a desconformidade e multidão das seitas e

¹ Dant. *Paradiso*, Cant. xxxi. 13—15.

das egrejas dissidentes, a anarchia da fé e da consciencia, um segundo movimento, coexistindo paradoxalmente com o primeiro, intenta colligir as paginas rotas e dispersas do velho código da arte e litteratura, e levantar sobre os alicerces da liberdade intellectual o edificio remoçado e inteiro da antiguidade classica. Os mesmos engenhos, que negam e desdenham a tradição nos dominios da consciencia, professam a tradição nas regras da arte.

Em quanto Luthero, soltando os canticos sagrados, abre o estadio á moderna musa germanica e enlaça a Reforma com a poesia religiosa e christã, os Bembo e os Sadoletos quebram engenhosamente a mudez ao plectro classico e fazem ouvir de novo, nas suas graciosas imitações, as camenas greco-romanas. A erudição e a cópia dos exemplares antigos dão á Europa uma litteratura sem originalidade nem grandeza, onde o metro é primoroso, o rythmo irreprehensivel, a locução correcta, o estylo terso, onde porém fallece a inspiração e a naturalidade—litteratura similhante a uma planta forçada a vegetar, entre os carinhos e artificios da acclimatação, n'uma região agreste, n'uma paragem inhospita; litteratura parecida á mumia de um rei egypcio, desfazendo-se em pó sob as ligaduras sumptuosas, que ainda attestam a sua prístina grandeza e majestade.

A poesia desaparece como inspiração e continúa apenas como arte. Disfarça a pobreza do conceito com a ri-

queza da fórma e dos ornatos. Como á Helena do pintor, censurado por Zeuxis, bem se podia applicar á poesia do Renascimento o dito celebre do artista grego: «não a podeste fazer bella, fizeste-l'a opulenta.» A antiguidade classica ministrou á poesia nova os themas, as feições e os sentimentos. As eclogas de Virgilio, moldadas já nas de Theocrito, viram-se reproduzidas n'uma prole interminavel de bucolicas. Foi preciso que o seculo xviii, ao mesmo tempo pensador e leviano, philosopho e galanteador, applicasse aos assumptos actuaes, á realidade das paixões contemporaneas, o estro dos seus poetas, para que se pudesse conhecer que não estavamos parodiando a idade florentissima de Horacio e de Virgilio. E ainda assim os poetas, mais innovadores e mais audazes, mais realisticamente imitadores das scenas, que passam em derredor, não despregam dos modelos antigos e tradicionaes os olhos afeitos a venerar a antiguidade e a seguir em tudo os seus preceitos e ditados.

Depois da idade média e antes da revolução da poesia, sequencia necessaria da revolução da sociedade, só ha em meu parecer tres homens e tres fórmulas litterarias, que representam a originalidade e a independencia de uma nova litteratura, que nem se adstringe ás fórmulas antigas, nem continúa cegamente a rudeza da meia idade. Esses homens são Shakspeare, Cervantes e Rabelais, os iniciadores da nova phase litteraria, os precursores da poderosa

transformação operada nos domínios da moderna phantasia. Afóra aquelles tres espiritos eminentes, as letras, com raras e pouco significativas excepções, arrastam-se tardas e preguiçosas, copiando os traslados, que a antiguidade lhes deixou. Nenhum novo incitamento social reclama uma forma nova de poesia, até que a revolução politica do final do XVIII seculo sacode o jugo da tradição e tempera a lyra dos poetas para cantos originaes e accommodados á idéa contemporana.

A poesia ou é a expressão intellectual da humanidade em cada *momento* da sua longa evolução, ou é apenas uma deleitação do espirito; ou é um brado e um gemido eloquente, que exprime, em sublimes movimentos, a dor e a esperança da humanidade, ou é sómente um vicio elegante de effeminados entendimentos, uma pura diversão, um passatempo da illustrada ociosidade, sem nenhuma relação de causa e effeito, sem nenhum liame necessario com o estado presente do homem social. Sob o primeiro conceito—o da poesia verdadeira—temos uma função impreterivel da vida espiritual em certas crises do seu desenvolvimento—no seu segundo aspecto, vemos apenas um jogo, uma frivolidade dos espiritos, a que são tão alheios os sentimentos, as esperanças, os problemas, as duvidas, as crenças de cada seculo, como ás grandezas e ás miserias da humanidade são estranhas as infinitas combinações das peças no xadrez.

Esta poesia, artificiosa mas falsissima, que está para a verdadeira poesia como as arengas fícticias dos rhetores hellenicos para a varonil e affectiva eloquencia dos Demosthenes e dos Démades; esta poesia, que pretende supprir com o mosaico das palavras, com o matiz dos metros, com a disposição das estancias, com o primoroso da locução e com o rendilhado das imagens e arabescos, a penuria do sentimento, da convicção, da phantasia, foi a que dominou durante seculos na Europa após o Renascimento das letras.

Quatro epochas distinctas assignalam e repartem os annos do pensamento. A primeira a que costumâmos designar com o nome de antiguidade. A segunda o estabelecimento do christianismo, como protestaçoão espirital contra a primeira. A terceira a Renascença, quadra de reacção intellectual contra a meia idade, e de accentuadas aspiraçoões para a idéa antiga. A quarta a revolução democratica de 1789. Cada uma d'ellas tem a sua poesia e a sua litteratura, a sua arte e a sua philosophia. A primeira creou os grandes monumentos da imaginação greco-romana. A segunda principia a sua evolução litteraria nos canticos dos poetas christãos do imperio decadente e continúa o seu lavor através da meia idade. Na terceira a phantasia creadora é supplantada pela erudição, e o trabalho do entendimento é antes de exumaçoões do que de fórmas novas de poetar. Na quarta principia a bancarota

das tradições. A humanidade recusa pagar as letras que as edades antecedentes vieram sacando contra a civilisação novissima. O terceiro estado ousa protestar contra os fóros da monarchia; os servos emancipados desconhecem os direitos senhoriaes, o pensamento insurge-se contra a philosophia das tradições e da auctoridade, e a revolução vae semeando de pontos de interrogação o *syllabus* das theses economicas, politicas, sociaes, litterarias, philosophicas, havidas por dogmaticas no transcurso de numerosas gerações.

Tivemos até hoje a poesia da patria, a poesia dos heroes, sob a fórma dos guerreiros homericos, dos paladinos de cavallaria, dos soldados valentissimos da *Gerusalemme liberata* ou dos *Lusiadas*; tivemos a poesia que encerra cada nação e cada povo no angusto cêrco das suas fronteiras; tivemos a poesia da natureza; e força é que, com a fraternidade progressiva das nações, amanheça para nós a poesia da idéa e da humanidade.

É este quinto cyclo poetico que me parece andar-se agora delineando nos espiritos. É esta poesia, que tem arrebataadas aspirações para verberar todas as tyrannias, phrases compassivas para todos os infortunios, palavras de enthusiasmo para todos os grandes sentimentos e para todas as elevadas concepções: poesia, cujo protagonista não é nem Rama, nem Agamemnon, nem Godofredo, nem o aventureiro descobridor dos caminhos do Oceano. É esta

poesia que se distancia a milhões de leguas do passado, se levanta acima das miserias do presente, e que bate as azas resoluta em demanda do futuro. É esta poesia, que espedaça os grilhões da tradição esthetica e as cadeias da auctoridade politica e social; que é ao mesmo tempo philosophia e sentimento, meditação e hymno, buscada solução de altissimos problemas e suave deleitação do que ha de mais nobre e generoso no humano entendimento.

D'esta poesia novissima é o principal representante e corypheu o maior lyrico da França, o Tyrteu da democracia universal, o autor de *l'Année terrible*, dos *Misérables*, dos *Travailleurs de la mer*. No meio das suas exagerações de imagem, de estylo, de conceito, percebe-se que o cantor da livre humanidade é o mesmo que desferiu outr'ora a lyra das íntimas e amoveis inspirações. O defeito principal da sua nova maneira de poetar é porventura uma demasiada liberdade na estrutura do pensamento e a consequente anarchia das fórmulas litterarias. Parece ás vezes que Luiz de Gongora, esquecendo a absurda suavidade dos seus cantos eroticos, renasce no eminente poeta francez, alteando a musa até ás regiões da liberdade, e engeitando as suas fabuladas Galathéas para tomar por dama de seus amores a estreme democracia.

A esta eschola novissima da poesia lyrica pertence, meu charo Claudio, o seu brilhante livro, a que estas linhas, mal traçadas, vão servir de introdução.

Nas suas inspiradas poesias parece-me ver expressa pela vez primeira em metro portuguez a aspiração do poeta democrata para uma era mais perfeita e ideal de paz e de liberdade. Na formosa poesia, que se inscreve *O Seculo envelhece*, fallando o poeta da verdadeira democracia, solta estes valentes versos:

.....anjo immortal do Bem
 Que, outr'ora, pelo azul librate o vôo alem
 Ao esplendido clarão das redempções humanas!

É este como que o resumo de todo o pensamento d'este livro, na parte em que o estro se remonta para cantar as grandezas e as miserias, as esperanças e os desconfortos da humanidade.

Tudo quanto ha de grande e sublime no homem está compendiado nas varias poesias, de que o livro se entretetece. *A Intelligencia*, cantico cheio de inspiração e de conceitos elevados, celebra o triumpho e a crucifixão d'este invejavel privilegio, que se chama o Talento, e que tem guiado e conduzido a humanidade durante a sua longa peregrinação, assignalando de palmas e de laureis o seu caminho, e de duvidas a sua sciencia e a sua fé.

A Raça latina, inspirada visivelmente pela recente lucta dos herdeiros decadentes da velha Roma com os rejuvenescidos descendentes de Arminio e de Marbod, é um

bello trecho de philosophia da historia, engrandecido e poetizado pelo engenho do cantor. As glorias d'esta familia de povos, que durante dois mil annos teve na mão o sceptro da intelligencia e da victoria; as corrupções que Roma nos legou mal dissimuladas na magnifica herança das suas grandezas e das suas instituições; o advento das raças septentrionaes, que desde a queda do Imperio vem baixando das suas gelladas regiões para se expandirem ao sol meridional; o destino, que reparte ás nações com mão regrada os seus periodos de esplendor e abatimento; o povo, glorioso hoje, apressando amanhã o passo para afundir-se na soterrada necropole, onde rareiam as memorias de Ninive e Babylonia; o raiar e o desaparecer das nacionalidades, para quem a dominação e a conquista é o prenuncio fatal da decadencia e do torpor até que se levante uma nova potestade para as vencer e assoberbar: tudo isto se lê em bellissimos alexandrinos n'esta poesia, consagrada por um philosopho-poeta ao parallelo entre os dois povos, que disputam no mundo a hegemonia da civilisação e da intelligencia.

No seu livro, meu Claudio, não se honra e engrandece apenas a poesia nacional, dourando-a com reflexos novos e abrindo-lhe caminhos desconhecidos. As musas francezas, hoje desfallecidas quasi, após as devassidões do cesarismo, como que acham abrigo e luzimento na terra de Portugal. *La chute de Paris, Les mères françaises, Le*

procès de la commune e *Rossel*, são versos verdadeiramente inspirados, em que o poeta, lembrando as causas moraes, que levaram a França até á derradeira humilhação, deplora nos seus canticos a desgraça de uma nação, que foi grande e gloriosa, e verbera com egual indignação as frias atrocidades da communa e as ferozes represalias da repressão ordeira; os que ferem e matam e incendeam em nome da liberdade, e os que flagellam, procrevem e suppliciam em nome da ordem social; os que trucidam o arcebispo de Paris, revestido da duplicada auctoridade do sacerdocio e da velhice; e os que espingardeiam o capitão Rossel, apesar da duplicada recommendação da gloria e da juventude.

O seu livro, meu caro Claudio, onde não faltam os risos e donaires para que o espirito do leitor repouse após os vôos arrojados, a que o obriga a sua musa; o seu livro, onde a comedia humana completa com uma face necessaria a tragedia da sociedade, é destinado, em meu humilde parecer, a instaurar uma nova idade n'esta poesia philosophica e scismadora que, já cansada de assistir aos convivios de Anacreonte, aos epicureismos de Horacio, ás magnificencias de Virgilio, se abalança ousadamente em demanda de novas regiões, buscando ajustar os seus carmes ás necessidades intellectuaes da nossa epocha. A poeisa d'este seculo ou ha de ser um instrumento efficaz da nova idéa, ou, seguindo o trilho da imitação, terá de abdicar

a originalidade. A poesia, sem esquecer o seu intuito principal, que é o culto do *bello*, póde e deve ser ao mesmo tempo um poderoso instrumento de transformação moral, um meio de diffundir e auctorisar as grandes concepções e os sentimentos generosos. Póde, sem se deslustrar, assimillar-se em certa maneira á architectura, que não se limita a erigir columnas, a levantar obeliscos, ou a edificar extructuras monumentaes, sem nenhum fim directamente proveitoso, antes se desentranha em invenções para alliar o util e o bello. A poesia dos nossos dias ha de empenhar-se em consociar com a esthetica, o direito e a moral. A estas condições me parece que satisfazem já, em grande parte, as suas elegantes composições. Ao livro e ao autor dirijo, pois, os mais affectuosos e sinceros parabens.

Lisboa, 18 de março de 1873.

José Maria Latino Coelho

A MINHAS FILHAS

Crianças, não sabeis ainda o que é a dor!
Oscula-vos na face o maternal amor,
E o dedo da Innocencia arreda-vos da testa,
Quando dormis, a mão esqualida e funesta
Que entorna os sonhos maus na paz dos corações!
Registra-vos no céu as puras orações
A Virgem, que vos ri de dentro das cortinas,
Quando, ao deitar, erguendô as mãos, ó pequeninas,
Diante de um painel, humildes, lhe rezaes.
No meio dos jardins, onde tumultuaes
Atraz do rouxinol que ensaia a nova penna,
Inda é gota de orvalho em folha de açucena

O que, talvez, depois, evaporado ao sol
Em brumas, entristeça o pallido arrebol
Do dia de amanhã!

E sempre a vida é isto!
Não longe do presepe a cruz atroz do Christo!
A rosa desfolhada ao cabo de um tufão!
A serpente da dor em torno ao coração
Entre os nós desplumando a aza da phantasia!
O Facto sobre a Idéa! O pranto da agonia,
Após a embriaguez, no fundo dos cristaes!
O pó do tempo sobre os arcos triumphaes!
E á flor da humanidade as loucas maravilhas
Do homem!

Aqui vos deixo, ó minhas caras filhas,
Em livro condensado o meu quinhão de dor;
Dores de corpo e de alma; o travo do amargor
Da humana vida em fim! E, ó flores de innocencia,
Oxalá nunca possa a vossa intelligencia,
E ainda mais, tambem, o vosso coração,
Quando sorrir um verso alegre e folgasão,
Jámais comprehender quanto me foi preciso
De fel para poder elaborar um riso!

PRIMEIRA PARTE

DRAMA

I

A INTELLIGENCIA

A José Maria Latino Coelho

Triste e irrisorio dom! funesta Intelligencia!
De que serve no mundo a tua omnipotencia,
— Tanta vez na theoria apregoada em vão —
Quando a par d'ella bate um pobre coração
Que pese o mal e o bem á luz do sentimento?
Que vale a chamma audaz, do humano entendimento
Sem a vontade fria, o calculo tenaz
Que as linguas lhe arremece a tudo o que nos traz

Uma difficuldade ás gestações da idéa,
Embora depois morda a funebre alcatéa
Das chammas, torça e funda os élos de metal
Da honra e do pudor, das leis e da moral?
Que vale sem que a Sorte, aos ventos espalhando
Um punhado de gente, arroje d'esse bando
Alguna intelligencia um pouco mais feliz,
Que possa — á sombra d'ella! — achar nos alcantis
Da vida algum logar onde arda sua chamma,
Tendo ao de cima a luz, sem ter debaixo a lama?

Que vale a Intelligencia a quem luçando vae
N'esta arena do mundo, onde o que morto cae
Só tem por necrologio a aclamação das massas
A quem ficou de pé, em frente ás populaças
Para as quaes sempre a quéda é um delicto atroz?
Que vale, rosto a rosto á multidão feroz
Que vocifera alem? que faz? que diz? que medra,
Se não bue o punhal n'um coração de pedra,
Esse gladiador que por officio tem
Matar, sempre matar, sem lhe importar a quem?

Não sei se Deus te fez de sua propria sombra,
Porque podesses ir a descançar na alfombra

Dos soes do firmamento as azas da razão,
Embebendo-te ali em meio á creação,
Efflúvio d'esse Pan no qual a causa e o effeito
Se fundem n'um só todo harmonico e perfeito!
Não sei se o homem, depois, crestou aos sopros seus
A planta que nascera, alem, das mãos de Deus,
Para que da raiz, cravada aqui no solo,
Alguma flor saisse a perfumar o polo
Perdido na amplidão do firmamento azul,
E limpo já da nevoa em que o algido Irminsul
Vestia no dolmen o berço á humanidade!
Não sei se te fez Deus porque na immensidade
Podesses remontar, bebendo a força em tí,
E soberana, então, como a aza do nebri
Que nunca mendigou o auxilio da aza alheia,
Urdisse junto ao sol as malhas de uma teia
Do centro da qual, tu, preasses na amplidão
Uns fragmentos de sceptro ao rei da creação!
Não sei. O que só vejo é que de nada serve
Teu leme sem governo em meio ao mar que ferve,
Nas ribas debulhando os negros vagalhões
Em lagrimas d'espuma; e que, nas cerrações
Do mundo, a Intelligencia, esse infeliz piloto,
Vê partir-se-lhe a nau, se no costado roto
Algum monstro do mar não coze a troco, mau,
Da alma do marinheiro alguns pranchões da nau!

*
*
*

Como te chamas tu? Gengis? Timur, ou Mario?
A encarnação da força? o typo legendario
Que faz com que, fallando em teu alfange nu,
A historia se avermelhe em mil clarões se tu,
No fundo do que foi, passas brandindo o ferro?
Qual torrente que vem dos pincaros do cerro
Triturando na encosta os cálamos e o grés,
Sentiste estrebuxar debaixo de teus pés
A victoria, submissa, e que teus pés beijava,
Como os pés de outros beija uma vencida escrava!
Arrastaste no chão o pallido tropel
De povos, que amarraste ás clinas do corcel
Em que, soberbo e grande, ias, do mundo ás bordas,
Dando a tragar, cruel, ás tuas negras hordas
Os rios, a montanha, o plaino, os matagaes,
As clareiras do bosque, os tojos e os rosaes,
As tumbas dos avós e os berços das crianças!
Se a Guerra premiou as inclitas pujanças
De tua intelligencia, onde era o coração
Quando um aceno só—um só!—de tua mão
Açulava os mastins do incendio e das torturas,
Em caçada feroz de humanas creaturas,

No limiar do Caspio ou nos confins do Ural?
Onde era o sentimento, ó carro triumphal,
Quando a roda cavava uns trilhos tão profundos
Que ali cabia, á larga, o sangue de dois mundos?
Onde era tua sombra, espirito de Deus?
Onde era a emanação que o livro dos judeus
Nos pinta a espadanar por sobre o barro do homem,
De dentro d'essa luz, em face á qual se somem,
Apagados em noite, os turbilhões dos soes?
Ó Virtude e Remorso, onde eram os pharoes
Que de dois polos vem illuminar as brumas
Que amortalham a terra em seus lençoes d'espumas?
Diga-o o consorcio infame, o amplexo atroz, villão,
Da luz da Intelligencia ao fel do coração!

E, tu, qual é teu nome? Henrique, o sanguinario?
Cesar, o imperador? Mafoma, o proletario?
Mordia-te o ciume em face do Pireu,
Hopлита de Argos, quando, á flor do mar Egeu,
Rumorejara, ao longe, a barca atheniense?
És Simão de Monfort, o açoute do albigense?
És um Sixto, a toupeira, ou um Gregorio, o açor?
Sem que se saiba bem se foste riso ou dor,
Chamas-te Machiavelo, o enyigma florentino?
A politica audaz? o sêllo de ouro fino

Com que uma intelligencia enorme estampilhou
Um seculo, uma raça, e inteira a arremessou
Á bigorna em que a Fama os seus clarins martella?
Mas applicae o ouvido ao que, debaixo d'ella,
Se espalma á flor do chão, e logo encontrareis,
Festejado ao clamor de papas e de reis,
De tribunos, do algoz, da força cega e bruta,
Da malicia que ri, de toda a alma corrupta
Que vende parte ao mundo e o resto a Satanaz,
O infame e vil consorcio, o amplexo vil, tenaz,
Do fel do coração á luz da Intelligencia!

És Verres, a riqueza? És a magnificencia
Das flores do tapiz? das joias de coral?
Dos leitos de marfim? das taças de cristal,
Em que espuma o licor da encosta do Vesuvio,
Quando, brumoso o olhar, tu bebes no outro effluvio
Dos labios de uma escrava, ou quer o somno, ou quer
A dupla embriaguez do vinho e da mulher?
O marmore do tanque é ninho de lampreias,
Que morrem para dar-te, á luz de tuas ceias,
Aos olhos o prazer da morte, e ao paladar
O outro prazer menor do gosto? És o altar
Em que um Apollo de ouro á adoração te obriga,
Não porque é deus, mas sim porque em metal sem liga

Mão grega cinzelou a divindade ao deus?
És mais ainda! és mais: a gruta dos Proteus
Onde hontem penetrou o pranto da Sicilia,
Transformado em nudez, em fomes e vigília
Das multidões que espreme a vara consular,
Para de ali, depois, em torno irradiar
De tua intelligencia em busca de outros favos
Esse enxame fatal de pallidos escravos
Que, ó proconsul, condensa as lagrimas no mel
Que o obriga a fabricar teu coração de fel!

Seneca o banho foi; Socrates, a cicuta;
Foi Salomão de Caus a fome negra e bruta;
Vergniaud, a guilhotina; Archimedes, punhal;
Cervantes, aleijão; Camões, um hospital!
Virgilio, bem fizeste em recurvar o busto
Até beijar a fimbria ao manto d'esse Augusto
Que teus ocios fazia, em quanto, co'a outra mão,
Ia esbofeteando a sombra de Catão
Sobre o esqueleto nu da morta Liberdade!
Bem fizeste, Racine, em pôr a immensidade
Do teu talento aos pés de quem te dava o pão
A troco da altivez, lepra do coração,
Molestia bem fatal que nunca ousou expôr-te
A macular de fome uma libré de côrte!

Bem fazeis todos vós, satellites do sol,
Em redourar a crusta á luz d'esse pharol,
Sem que cuidado dê á vossa mente, ou braço,
O que de trevas ha nas solidões do espaço!

Congregae vosso pó, enormes legiões
De corpos cuja cinza a furia dos bulcões
Já longe dispersou das campas arrasadas!
Acercae-vos de mim, innumeras ossadas
Dos martyres da Idéa, a vibora cruel
Que vos mordeu na testa, em fórma de cinzel,
Penna, téla, harmonia, espada, bolsa, toga,
Ou de outra encarnação com que o aspide se afoga
No sangue que envenena o seu lethal furor!
Chegae-vos todos! Vinde, ó victimas da dor!
Intelligencias mil, que todas expirastes
Sem ver tornado em rosa algum botão nas hastes
Que, antes de nado o sol, já eram troncos nus!
Todos! todos! Correi, famintos Isaús,
Que vendeis o ideal de vossas maravilhas
Pela sofreguidão de um prato de lentilhas!
Dispersas legiões de Jobs e de Josés,
Que raspaes vossa lepra ou maceraes os pés
Co'um pedaço de telha ou pelo algar do exilio!
Desherdados da sorte, a quem negou auxilio

O acaso da Fortuna, esse hybrido avejão!
Dizei-me que addições contar-nos poderão
Os acervos sem fim de grãos intelligentes
Semeados debalde, anonymas sementes,
No meio de juncaes de sáfaros paúes!
Dizei se as multidões de soes nos ceus azues,
Ou da areia do mar as multidões de bagos,
Podem reproduzir o numero de tragos
Do fel que haveis bebido, e sempre heis de beber!
Vinde cá! vinde cá! dizei-me que prazer,
Que gloria e que honra tem a humana Intelligencia
Em retratar no mundo a eterna Omnipotencia!

As mãos e os craneos nus, vamos! mais alto erguei!

Intelligencia, exulta! appareceste rei
De dentro d'esse pó das arrasadas campas!
Já tens corôa e sceptro, e já na terra estampas
Os passos triumphaes! Avante! avante, pois!
És grande, eterna, augusta! Hossana! que já sois,
Sobre o craneo e na mão do luminoso espectro,
Tu, d'espinhos, corôa! e, tu, de canna, sceptro!

De Homero a Belisario, e d'este aos que hoje vão,
Gigantes ou heroes, a mendigar o pão,
Que turba d'esses reis, na beira dos caminhos,
Faminta roe o pau da canna e dos espinhos!
Perto! mais perto aqui! dizei-me todos vós
A cujos corações repugna esse cadoz
Em que — cerrado o ouvido aos gritos dos que gemem,
Ou ás nobres paixões que dentro da alma fremem:
Amor e boa fé, honra, altivez, pudor! —
A intelligencia audaz de algum conquistador,
De algum Sejano baixo, ou de uma venal lyra,
Voltando a espadua ao mundo, apanha, aponta e atira
A pella da ambição, sem que lhe importa alem
Se, de interposta testa, á flor da cutis vem,
Depois do tiro, um pingo: ou sangue, ou pranto, ou lodo!
Vós todos que a Fortuna esquece alem de todo
Na rocha á beira-mar, nos fulvos areaes,
— Na bulha ou na soidão! — dizei-me quantos, quaes,
Conseguem despertar-lhe as attentões, ás vezes!
Por cada intelligencia erguida em seus pavezes,
Quantas foram degrau a quem pisar as quiz!
E quantas, apalpando os callos da cerviz,

Rendidas sob o jugo a que as amarra a sorte,
De joelhos no pó, arrastam, quasi á morte,
O carro em que triumpha alguma estupidez!

Exulta, Intelligencia! archanjo que Deus fez
Para, de frente ao sol, remoinhar na altura!
És grande! omnipotente! e na terrena agrura
Ninguem puxa melhor, até na ancia morrer,
Á canga de metal da gloria e do prazer!

Por cada André del Sarto, a quem cobria de ouro
A téla o rei francez, thesouro por thesouro;
Por cada Ticiano, ou cada Raphael,
A quem levanta o amigo o magico pincel,
Solto das mãos do artista aos pés de Carlos Quinto,
Ou que um papa visita, entrando-lhe o recinto
Cercado de um tropel de egregios cardeaes,
De quantos outros mil, pintores ideaes,
Tiveram de ficar as virgens refulgentes,
— Espiritos sem fórma, emanações das mentes,
Sonhos da Intelligencia, e como effluvio seu —
Fechadas no sacrario em que a alma as concebeu,
Por não poder a mão representar nas lonas,
Em côr e traço, o olhar das fulgidas madonas?

Ou se, aos fogos da mente obedecendo, a mão
Dilue a alma na côr, e em traço o coração,
Ô Ghigi, pinta-as tu! que em quanto tu trabalhas
Enverga a penna alheia o lombo vil das gralhas!

Por cada Gama que acha um rei...—antes, talvez,
Por cada Gama que acha um povo portuguez—
Que lhe preste a alavanca, enorme, omnipotente,
Com que possa arrombar as portas do Oriente,
Varrendo do caminho o fero Adamastor,
Quantos á beira-mar, qual da pioz o açor,
Sonhadores de terra e sonhadores de astros,
Soltaram a alma após as flammulas dos mastros,
Que embutia o horizonte em duplicado azul?
Quantos viram erguer-se as palmas de Cabul,
Ao longe, e inda mais longe, os pincaros dos Gattes?
Quantos, quantos, talvez, com rapidos embates,
Viram passar em sonho a proa de uma nau,
Cunhando em peças de ouro a espuma do degrau
Por onde ella subia á admiração dos povos?
Que turba, fixo o olhar nos liquidos corcovos
Das aguas, ao golfinho os remos invejou,
Ou a aza pardacenta ao solitario grou
Que nas alturas ia em busca de outros mundos?
Dizei-o todos vós, espectros gemebundos

Que povoaes o escolho em que rebenta o mar!
Vós todos, que nas mãos podestes apalpar
A mais ligeira e vã das nuvens d'escomilha;
A mais dura madrasta; a mais ingrata filha:
A instavel protecção dos povos e dos reis!

Vermes que, pelo escuro, anonymos correis;
Vós outros que pouaes pelo verdor das heras;
Aves que esvoaçaes ao sol das primaveras
Na balsa, ou percorreis o stadio do tufão,
Quer sanguinario açor, quer perla de Ceylão
Na aza do beija-flor crystallizada em pennas;
Cetáceo colossal, ou pávidas murenas
Que a vasa, ao lume da agua, em circulos ergueis;
Dizei-me todas vós, innumeraveis greis,
Diffusas multidões de vermes, aves, peixes,
Que caistes tambem, em destrançados feixes,
Das mãos do Omnipotente; erguei-vos todas vós,
Dizei-me o que vos poupa a Intelligencia atroz
Quando cede o logar aos empuxões do Instincto!
Vem tu, murganho vil; leão de sangue tinto;
—O que anda, nada e voa! a terra, o céu e o mar!—
Dizei se vos queixaes de que ouse devassar
O Acaso ou a Protervia o seio á Intelligencia!
Se vêdes o real debaixo da apparencia!

Se sabeis que na chamma ondeia em rubra mó
O que será depois fuliginoso pó!
Que elabora veneno a folha de um loureiro!
Que, uns segundos após o sopro derradeiro,
Das trevas vos salteia algum gusano vil!
Que cada anno só tem um transitorio abril!
Dizei-me todas se ha nas vossas brutas calmas
Algum dente que morda a pobre flor das almas!

Mas—oh! sublime dom!—sentir alvorecer
De toda a parte a luz da chamma do prazer,
Sem poder degelar os labios no perfume
E no calor vital que irrompe d'esse lume;
Roubar uma flor secca ao espolio dos jardins
E dizer: aqui houve aromas e setins;
Querer alto voar e ver-se preso ao solo;
Querer sorver n'um beijo, haurido á flor de um collo,
A essencia universal de toda a creação,
Ou borrifar desdens n'um verme vil do chão
Que nos salpique os pés com babas peçonhentas...
E na bocca sentir as roscas ferrujentas
Que opprimem o Desejo, o Pégaso immortal,
Só dando-lhe a roer um pouco de metal!
Cravada a vista em meio aos soes do firmamento,
Ser um esforço sempre e nunca um movimento!

Ou movimento só e nunca a direcção!
Essa fortuna é tal; tão alta na amplidão,
Homem, sombra de Deus, se apura a humana essencia,
Que só consegue havel-a a tua intelligencia!

Quando a escuridão sobe á escala do Thabor
Rojando ao longe o véu, tanto mais alta for
A columna em que chora o lugubre stylita,
E na base da qual se torce, e quebra, e agita
O marulhar do mundo em rapido tropel,
Mais nas soidões do espaço e em torno ao capitel
A nevoa vespertina, infame, enorme, espessa,
Virá empoeirar-lhe a pallida cabeça!

II

INGRATIDÕES

A Anselmo José Braamcamp

Encostando na mão a fronte pensativa,
Vêde-a, como ella passa, alem, na aresta viva
Do horizonte banhado em luz crepuscular!
O espirito de Deus, vogando á flor do mar,
Como que á flor da terra a traz por companheira,
Tanto ella enorme, eterna, e sempre sobranceira
Ao pó do mundo, eleva, em meio da amplitidão,
A par das pennas da aza, a aza do coração!

Segue, serena e triste, a linha de seu norte.
Triste, porque ouve e vê! serena, porque é forte!

Chama-se a Liberdade.

Uivando junto aos pés
Da grande scismadora, esfalfa-se, através
Das fragas do horizonte, uma matilha immensa
Que a persegue, raivosa, e em meio á nevoa densa
Que já veste de sombra os concavos do val.

Uiva um molosso e exclama: « Eu sou o Capital.
« Sou a força motriz de toda a actividade.
« Concentro, em minhas mãos, das mãos da humanidade
« O disperso labor, quasi impotente em si
« Se, dentro de mim proprio, em feixe o não prendi.
« Sou da esphera do mundo o raio, a crusta e o centro.
« O ponto onde vae tudo e donde, então, de dentro
« Sae tudo o que é riqueza em facil producção.
« De que me serves tu? com que fecundo grão

«Avolumas, espiga, as tulhas do celleiro?
«Com a zizania vil que lança ao mundo inteiro,
«Nos sulcos do terreno, o teu regaço atroz!
«Debaixo de teus pés, ennovellado em mós
«De fumo, come o incendio os germens das cearas,
«E no teu seio nu, que infame lhe escancararas,
«A multidão absorve o empeçonhado ardor
«Com que paga o prazer de teu venal amor!
«A doce Paz, o céu dos corpos e das almas,
«Retrae, ao teu contacto, as luminosas calmas
«Com que a Abundancia, ao longe, elaborando vae
«Após do fructo a flor, quando outra flor lhe cae,
«Já transformada em fructo, á luz do sol, a fibra!
«Sus! companheiros, sus! rixdaler, franco, libra,
«Onça, rublo, sequim! todos! metal! papel!
«Dilaceremos hoje a vibora cruel
«Que vae colleando alem, má, fria, audaz... e pobre!»

Vem outro e diz, uivando: «Hypocrita, descobre
«Essa frente que á mão vaes encostando alem!
«Eu chamo-me o Trabalho. Encara o rosto a quem
«Guarda n'elle os signaes do açoute com que o zurzes!
«Cobarde, chega aqui! não tenhas medo de urzes;
«Digna corôa são para essa frente, ó vil!
«Debaixo de teu manto esconde-se, subtil,

«O envenenado cris com que do Estado matas
 «A omnipotencia santa, e os vinculos desatas
 «Da Idéa Social, a força enorme e sã
 «Com que hoje o proletario, ao dia de amanhã,
 «Com a vingança pede o gozo das riquezas.
 «Que fazes tu de nós? um mólho de mãos presas
 «Ao cepo bestial da concorrencia atroz!
 «Responde-me, imbecil! que fazes tu de nós?
 «D'estes pulsos em sangue? e d'estes rins curvados
 «Debaixo do zurzir dos látegos vibrados
 «Por capitaes crueis? Sus! companheiros, sus!
 «Martello, trolha, lima, escopro! a ella! a flux!
 «Morte á vibora! morte, irmãos, a quem nos pica,
 «E vae colleando alem, má, fria, audaz... e rica!»

Forte, serena e triste, avante proseguiu
 Essa calumniada! e aos labios lhe subiu
 Como um sorriso bom de um anjo bom da guarda,
 Quando assim murmurou: Ó loucos a quem tarda
 «A minha morte! ó vós, ingratos, que a pedis
 «Co'o frémito infernal de imprecações hostis!
 «Como de vós, do insulto ignaro e descomposto,
 «Me vingaria se eu,—fazendo-vos o gosto!—
 «Me deixasse morrer!?!...»

E inda outra vez passar
A vi na aresta viva, á luz crepuscular,
Cada vez mais serena, e sempre, no horizonte,
Encostando na mão a pensativa fronte.

III

O Povo

A José da Silva Mendes Leal

Ha quatro erros fataes que enlaçam nos seus fogos
O burguez e o fidalgo, o padre e os demagogos.

O povo nunca foi a grei do pergaminho:
O cavallo; o leão; o hypogripho; o golfinho;
Ou qualquer outro bicho—ou mais ou menos rudo—
Que se empina a suster as laminas do escudo

Que a heraldica povôa em symbolos e motes.

O povo nunca foi a grei dos sacerdotes:
Besta do Apocalypse; a cabra de Amalthéa;
Indiano dragão; bezerro da Judéa;
O cão do velho Egypto; a cobra de Suluque;
Qualquer outro animal que o pau, a pedra, o estuque,
Dão por encarnação á Grã Sabedoria.

O povo nunca foi a grei da burguezia:
O cavallo andaluz; a egua hanoveriana;
A aguia sobre o metal de uma onça americana;
A ave que afôa o leito em que resona o rico;
O mocho de Minerva; o papagaio; o mico;
A mula do *tram-way*; a galga fraldiqueira;
O verme que urde em seda a folha da amoreira,
Ou outro inda talvez de mais somenos raça.

O povo nunca foi a grei da populaça:
O morcego nocturno; as lividas corujas
Que chamam, da ruina, a plebe de mãos sujas
Ao roubo e ao morticinio; o esqualido molosso
Que os dentes arreganha a quem lhe atira um osso;

Todo o animal sem nome a quem serviu de ninho
A borra turva e má da crápula e do vinho.

Mas o povo é tudo isso! o todo em que se embebe
O fidalgo e o burguez, o sacerdote e a plebe!
Roch immenso que, quando adeja á flor do solo,
Vae da luz do oriente ás cerrações do polo!
Leviathan que nada, em liquidas planuras,
Co'o estomago na vasa e o dorso nas alturas!

IV

ROMEU E JULIETA

A Manuel Paes Redondo Villas Boas

ROMEU

Ó vida da minha vida,
Como é suave o viver
Quando junto a ti, querida,
Vivo de por ti morrer;

Quando ha n'estas noites bellas
Dois astros do céu á flor:
A lua em meio de estrellas,
E nos teus olhos o amor;

Quando em teus labios agora
Sorri um anjo tambem,
Como o anjo da guarda outr'ora
Nos labios de minha mãe!

Que tem, ó querida, o mundo
Co'o voarmos na amplidão
A ver se o céu é tão fundo
Que ali caiba o coração?

Minha pomba, lustra a penna
Nos effluvios d'este alvor
Em que nada a luz serena
Da lua da Italia, amor!

E se tu podes, voando,
Erguer-te no espaço azul,
As flores da terra quando
Dobram os tufões do sul,

Que tens com que vergue a dahlia
Em que pousas, anjo meu!

JULIETA

(Indicando uma nuvem negra que passa)

Mas, olha, no céu da Italia
Tambem ha tufões, Romeu!

V

A VELHICE DO SÉCULO

Ao *ill.^{mo}* e *ex.^{mo}* sr. visconde de Castilho

Ruit coelum
Virg.

I

O seculo envelhece! Após os roxos lumes
De auroras juvenis, que avivam os perfumes
De flores que amanhã nas hastes murcharão,
A luz occidental esvae-se na amplidão
Dos véus horizontaes, nas trevas abatidos!
Por toda a parte alem se escutam os latidos
D'essa matilha infame, innumera e brutal,
Que o olor das podridões, que o Espirito do Mal

Convoca ao pasto immundo, ao lugubre conforto,
Em torno do que morre, ou do que está já morto!
Já no escuro do chão serpeia o verme vil
Que nas brumas do inverno acha o seu pleno abril!
E através do ouropel, que a vista ainda afaga,
Mas no amago do qual verdeja funda chaga,
A gangrena, atacando almas e corações
Corrompe o leite em fel no seio das nações!

O seculo envelhece! e que velhice pobre,
De miserias sem fim as cãs por hi lhe cobre!
Esse mar de paixões em que elle boia á flor;
O gozo do prazer levado até á dor;
A dor, que é sempre cruz, violentada em risos;
Esse artificio todo em que saccode os guisos
O corpo social, qual pallido histrião
Que, quando aluga o braço, aluga o coração;
Toda essa hypocrisia; esse trabalho todo
Com que se doura em luz o que por dentro é lodo;
O que na idéa põe, sem visionario véu,
Os sonhos de Jacob ante os degraus do céu;
Todas as tentações de todas as serpentes;
Todo esse marulhar dos peitos e das mentes
Em torno do que chora e em volta do que ri,
Arrastam para a tumba—aberta já de ali

Em presepe infantil de algumas novas eras—
Este seculo vão, que, em suas primaveras,
Julgava, Atlante audaz, sobre o costado erguer
O mundo á perfeição de algum eterno ser,
E que hoje estonteado, astmatico e tolhido,
O olho fechado á luz, ao som fechado o ouvido,
Qual, como ao desfazer de torpe bacchanal,
O ebrio passa da mesa ao leito do hospital,
Com o tropego pé e o dedo mal seguro
Bate, cambaleando, ás portas do Futuro!

A lingua pervertida affronta a idéa, e traz
Esmagada a razão e espavorida a paz!
O rótulo quer ser a lei da humanidade!
Sabeis o que se chama a flor da liberdade?
Tinge-lhe a côr do sangue o lemma que ergue á luz,
E na dextra crepita, á beira em taça a flux,
O espumante licor de alguma orgia immensa.
A coma, erguida ao vento, açouta em nuvem densa
O peito chato e nu da esteril cortezã,
Onde nunca, entre riso e angelical affan,
Poz a maternidade um fio só de leite!
Que apenas se humedece em horas em que deite,
Da amphora de qualquer diabolico festim,
A mão, trémula já, qualquer licor emfim

Que em ondas diffundido, e em titubante enleio,
Cae do cristal no labio, e cae, de ali, no seio!

Pobre democracia! anjo immortal do Bem
Que, outr'ora, pelo azul libraste o vôo alem
Ao esplendido clarão das redempções humanas!
Que turba hoje nas mãos te mette as verdes cannas
De uma irrisão atroz? e que horrido tropel
De mil centuriões te chega á bocca o fel
Na ponta de metal que já rasgou teu peito?
Que torva cerração? que temporal desfeito
Te vem de trevas só, d'espumas alagar?
Em volta de ti ruge o tormentoso mar
Em que, no revolver do bárathro infinito,
Cada marulho é braço e cada vaga um grito!
Mar de sonhos ruins; de impetos pela fé
N'um porvir que se esvae, se se lhe chega ao pé!
De miserias, que o são, e de afflicções mentidas!
De chispas sem calor! de invejas mal soffridas!
De dor accumulada á flor do coração!
D'espíritos sem luz! d'estomagos sem pão!
Pélagos onde o que aspira ao que no ouro se come
Se aproveita da mão de tudo o que tem fome!
E onde o genio infernal das anniquilações,
Se o pomo appetecido esmagam os tufões,

Saturno que a alma traz no gume dos colmilhos,
Á faltá de manjar devora os proprios filhos!

Quem quer que sejas tu, do mundo antiga lei,
Acaso ou Providencia! em frente á qual não sei,
Em minha pequenez, mais que baixar a fronte,
Sem poder devassar os pincaros do monte
Onde não chega o vôo em que andam, rez do chão,
Sustidas pelo Facto as azas da Razão!
Tu, do progresso ó lei! que sempre tens levado,
A caminho do sol, o mundo equilibrado
No arco, sempre em lavor, da fulgida spiral!
Aguia aqui, mariposa alem, mas a final
De ti sempre deitando, ou aguia ou mariposa,
Sulcos de luz no ar e beijos sobre a rosa!
Ampara com teu braço a morbida cerviz
D'essa multidão rude, em rudes alcantis
De olhos fitos no abysmo e de halito arquejante,
Colleando na fraga e na urze a cada instante,
Norte ao porvir, porém, que, qual mulher de Loth,
Julga ver adiante e vê para traz só!

Depressa que, senão, morre, em suicidio novo,
O porvir popular ás proprias mãos do povo!

Volve-se o olho, cansado em tanta embriaguez,
Mas não muda com elle o que mudar o fez!
Alem, no polo opposto aos dentes com que mordem
Os appetites maus da plebe, as garras da Ordem
—Ou do que rouba o nome e as azas de ouro e anil
D'esse anjo tutelar, em mascarar ás mil—
Rasgam com furia igual, e igual tenacidade,
Sempre o outro flanco nu da enferma sociedade!
Pois a Ordem, Amalthéa uberrima, anjo bom
Cujo regaço é berço, onde se embala ao som
Da encarnação da idéa em forja, ou penna, ou malha,
O futuro inda em flor de tudo o que trabalha!
Orbita sideral, traçada em pleno azul,
Onde gravita a paz, sol que, de norte a sul,
Traz no raio a explosão da vida inda latente
Em que dormita o fructo ao cabo da semente
Que espargida no solo, ou seja idéa ou grão,
Floreja em liberdade, ou fructifica em pão!
Pois essa Ordem, que é mãe—palavra que diz tudo:
Ventre que gera, mão que ampara, labio mudo
Para a condemnação, mas que fallou de amor—
Poderá nunca ser o estúpido líctor,

Que só pensa co'a vara equilibrar o mundo?

Enganas-te, líctor, no calculo profundo!
O povo já cresceu! já longe o tempo vae
Em que, debil criança, alem tropeça e cae
Se do estábulo á porta, apavorando-o, assoma
O vulto consular de algum corcel de Roma!
Pois quando o povo cresce, esplendida maré,
É o corcel quem cae, ficando o povo em pé!

Para que, pois, em vez do amor e do conselho;
Da concessão, reparo; e em vez do exemplo, espelho,
O aguazil e o algoz, uivando em plena paz,
Matilha de chacaes, no rasto e sempre atraz
Do intangivel brandão de alguma idéa extrema?
Ou quando a guerra escreve, em lugubre poema,
As rimas infernaes da bomba e do canhão,
A balla do arcabuz lançando ao pó do chão,
—Cobarde disonancia em metro tão altivo—
O roto coração de quem, tomado vivo
Para morrer depois, á cova leva em si
O adubo necessario a novo phrenesi?
Para quê, se o carrasco, ao cabo da epopéa,
Póde o molde quebrar mas não fundir a Idéa?!

Ordem, que és voz do céu! como reflectirás,
—Tu, que és sempre a harmonia!— a voz de Satanaz
Na lingua de metal de algum bezerro de ouro?
Como reflectirás, harmonico thesouro,
No dulcissimo tom do célico clarim,
O latir da facção, o rabido mastim,
E o grito do egoismo, a assustadiça lebre
Que se requieima na ancia e no calor da febre,
Se o medo multiplica algum rumor subtil
De uma folha em trovão nos echos do covil?

Como reflectirás — sacrilegos esgares! —
O rumor com que o esbirro, á sombra dos altares,
Pretende encoronhar o cano do arcabuz
No lenho, todo amor, da luminosa cruz?

A pergunta é bem triste e tristes as respostas!
Mas silencio, anjo bom! basta que, de mãos postas,
Voltando a espalda ao mundo e da calumnia aos reus,
Apontes com o gesto as orbitas dos céus!

II

O seculo envelhece! e quando de soslaio
O velho, que foi sol, mas que do céu baixou,
Não póde, nem sequer á luz de obliquo raio,
Agigantar em sombra o que inda em pé ficou;

Quando as neves das cãs, pendendo em fronte curva,
—Cratéra, que abateu, de rubido vulcão—
Descem a arrefecer, em gotas de agua turva,
O logar onde foi o que era coração;

Essa velhice então, em vez de flamma ardente,
É cinza! e a cinza póde, em duvida fatal,
Tanto adubar do Bem a provida semente,
Como o negra raiz de alguma flor do Mal!

Qual é pois o embryão da planta por que espera
O sulco aberto já, caminho do que for?
E onde insciente cinza as forças retempera
De um torrão que nem sabe o que é semente ou flor?

Bracejará no espaço o tronco da oliveira?
Será rubra papoula o que refflorirá?
É balsamo, ou veneno, o que da enorme leira
A mão da humanidade appropinqua já?

Como sabel-o, ó Deus! se nem sequer o sabe
Quem, do trabalho ao cabo, o fructo lhe colher!
Se não se póde ouvir, sem que o grangeio acabe,
Se soluça uma dor, ou canta algum prazer!

Como? se sob os reis, alem, nas cumiadas,
Os thronos a tremer começam por si só,
Sem que se saiba donde irrompem as lufadas
Que moem sceptros de ouro em vagabundo pó!?

Se, em collo roto e nu d'estatuas já sem cultos,
Aninha a ave nocturna em velha cathedral,
Sem que os olhos no escuro enxerguem bem os vultos
Que apagam, revoando, a alampada final!?

Se a Lei, por toda a parte, enlaça, peito a peito,
Os braços com a Força em duvidoso arcar!
E a Liberdade, triste, encosta a fronte ao leito
Onde a Chimera azula o sonho popular!?

Como? se tudo é mar de nebulosas scenas!?
Se, nas brumas até de immensa cerração,
Já no occidente o sol como que esboça apenas
A curva sideral de uma interrogação?!

III

Triste interrogação! pergunta a que, em demencia,
Póde a voz responder, mas não a consciencia!
Como ave que um tufão levou de noute ao mar,
— Absorta vendo ali, já tropego o voar,
Que, se procura a balsa, acha agua só, e arminho
De alvas espumas só, quando procura o ninho —
Em plano que se abate, em nó que se contrac,
Desce, desce, a aza em ancia, até que tonta vae,
Molhando na agua a penna, alfim cair nas aguas,
Assim o homem, perdido em bá Rathro de maguas,
Naufraga de canção ao cabo do lavor
Com que busca no que é o arcano do que for,
E em roda um mar immenso, erguido em mobil serra,
Nem dá pelo cair d'esse átomo da terra!

Seculo dezenove! acaba de morrer!
Tua velhice é má! depressa! que o nascer

Da Phénix só de cinza em meio se elabora!
E se d'essa ave, além, nos porticos da aurora,
Tem de resplandecer o redivivo azul,
Que, qual fatuo clarão sobre lethal paúl,
Tua chamma sinistra, em rapida modorra,
Suba, desça, vacille, e relampeje e morra!

E quem sabe? talvez que no atrio do que vem
Já balbucie em berço algum vindouro bem?
Quem sabe se esta dor em que estremece o mundo;
Esta vaga anciedade; este roer immundo
De um cancro social na fibra das nações,
Não são presagio e alvor de novas redempções?
Quem sabe se esta morte é necessaria á vida,
Como o negrume e o raio, em pavorosa lida,
Ás elaborações da gota pluvial?
Quem sabe se no throno a purpura real,
Haurindo uma lição do pó que a envolve em rolos,
Se enrolará depois em ninho de consolos
Sob o paterno olhar de desvendados reis?
Ou se o throno tiver, em lugubres parceis,
De expiar no gemer das tábuas descozidas
As velhas tradições, em que andam confundidas
Nos crimes de Saul as glorias de Israel;
Quem sabe se depois, já mansa, de cruel,

E de materno amor presa em mimosos nastros,
A loba popular que hoje uiva em frente aos astros
Que inda luzem no céu—mas que, incessante, roe
O attriçto do que rasga e o pranto do que doe—
Conchegará, piedosa, ao peito intumecido
Em leite puro, o labio inda recém-nascido
De nova sociedade? e se, do fundo algar
Onde a fera nutrir o infante popular,
Banhando o mundo em luz, de ali surgir-nos ha-de
A mão de generosa e santa liberdade!?

Ora em luz, ora em véus, tem do progresso a lei
Sido constante sol á numerosa grei
D'extinçtas gerações! pois sonhe ao menos a alma
Que, por detraz da nevoa e em protectora calma,
Aquelle velho amigo, esplende sobre nós!
E se elle alguma vez tiver de entrar nas nós
Do Cahos, do factor de universaes ruinas,
Esperemos que, á luz das palpebras divinas,
Ao menos esse sol, quando cair do céu
No sorvedouro atroz do immenso mausoléu,
Esplendoroso pó de sideraes procellas,
Se partirá no abysmo em pallidas estrellas!

A VELHICE DO SÉCULO?!...¹

A Claudio José Nunes

Não envelhece, não! — Poeta, pára e pensa!
Tem no peito a velhice o vivo ardor da crença,
No braço juvenil poder de destruir
D'um só golpe o passado e crear o porvir?!
Onde tu vês a noute a caminhar agora
Contemplo o despontar d'uma punicea aurora;

¹ Agradeço ao meu distinctissimo amigo R. de Bulhão Pato a permissão de publicar aqui estes seus magníficos versos, sem a leitura dos quaes ficaria, em parte, inintelligivel a réplica que adiante se lê.

Onde um *seculo vão* apenas descortinas,
Vejo a luz immortal de inspirações divinas:
Vejo um seculo audaz, Sansão que, em pleno dia,
Abraçando a columna abate a tyrannia!

Que importa o referver da espuma das paixões?
Em vindo o furacão tambem os vagalhões
Tem a espuma ao de cima, a vasa, o lodo vil.
Enturvada a corrente a vista mais subtil
Que pôde descobrir!?!... mas cesse a tempestade,
E serenado o mar—responde-me a verdade:
Aquelle que abysmar no pégo o olhar profundo,
Não verá branquejar as perolas no fundo?

«Ebrio passa da mesa ao leito do hospital!»
De tal modo apodaste o seculo actual!
Por quê? porque em seu curso affronta o cesarismo
Procurando extinguir os crimes d'esse abysmo
Corrompido e fatal, que fez da altiva Roma
A baixa cortezã, tão vil como Sodoma!

Em meio d'este horror que exige o povo agora?
Ao passado diz: «Basta! Ha muito que devora

«A classe do trabalho a fome, a sêde, a peste.
«Em quanto o capital de pompas se reveste,
«Exulta no esplendor das salas deslumbrantes,
«Adormece feliz nos braços das amantes,
«Embriaga-se á mesa, e ri-se com desdem
«D'aquelles que nem pão sequer ao menos tem!
«E nós da aurora á noute embalde transudamos!
«Ao cabo do caminho apenas encontramos
«Exauridos de força, o leito do hospital,
«E algum descanso, emfim, na valla sepulchral!»

O seculo que faz?—á nedia burguezia
O que ella fez tambem á flor da fidalguia,
Quando teve nas mãos poder de a debellar.
Pede contas. Então, que tem de singular?
Os direitos feudaes, o dizimo, as commendas,
A pingue conesia, as optimas perbendas,
Tudo era regular, e vinha do passado
Por direito de herança—apenas contestado
Por um bando suez de certos jacobinos
Maltrapilhos, vilãos, covardes, assassinos,
Que ousaram propagar, por entre o vituperio,
O que Jesus prérgou no tempo de Tiberio;
E nos deram a nós, os homens de hoje em dia—
Escravos de outro tempo—a carta d'alforria!

O sangue! Ousa fallar em sangue derramado,
Talvez, o imperador ha mezes coroadó!
Alma quasi infantil, ingenua, affectuosa,
Ergue os olhos ao céu e participa á esposa:

«Cem mil homens no pó, varridos da metralha.
«O sangue foi um mar no campo da batalha!
«Louvemos o Senhor!!—A Providencia quiz
«Que eu fosse imperador e tu imperatriz!»

E Deus exclama então:— «Mandei ao mundo Christo
«Para egualar irmãos, e os grandes fazem isto!
«Não o torno a mandar. No povo ha consciencia;
«Em julgando que é tempo esmague a prepotencia.»

Quando a *avalanche* cae do pinCARO da serra
E se funde no valle, a cheia alaga a terra.
Então apavorado o espirito mais forte
Suppõe que é tudo horror, devastação e morte!

No curso impetuoso a turbida caudal,
Abysmando a campina, ameaça o casal;
Mas, quando ella passar, verão como deixou
Nadando na abundancia a terra que alagou!

Espumante caudal, torrente das ideias,
És fecunda tambem como estas grandes cheias!

Aquella parte vil que assola hoje Paris
Em presença do imperio abateu a cerviz.
Se o imperio voltar ha de cantar-lhe hosanas.
É fatal condição das miserias humanas.
A escoria não se liga ao melhor dos metaes?
Desde que o mundo é mundo existem homens taes.

Tudo que é grande e bom antes que veja o dia
Tem a noute primeiro, a bacchanal, a orgia—
A protervia do cego a traspassar na cruz
Com o ferro da lança o lado de Jesus!

Demolir é cruel. Quem póde, n'um momento,
Ver no chão, sem tremer, vetusto monumento

Que desde a infancia amou?! Mas consta que existisse
Um grande facto, emfim, em que isto se não visse?

Pois ao mundo pagão que fez o christianismo?
Demolir tradições, arrojal-as no abysmo!
A reforma que fez, e que fez a Inglaterra
Quando quiz libertar do jugo a sua terra?
Demoliu o que pôde, e segue a demolir,
E mais demolirá n'um proximo porvir!

É forçoso dizel-o: aterra, na verdade,
Este insano labor da vasta humanidade!
Condemnada estará, por influxo do mal,
A rolar na montanha o rochedo fatal?!

Oh! não!—Quando o saber illuminar os povos
Então hão de surgir os horizontes novos;
E a idéa que hoje vês, por tantos insultada,
Com as benções de Deus será glorificada!

Maio, 14, 1871.

R. DE BULHÃO PATO.

VI

O SÉCULO ENVELHECE

A Raymundo Antonio de Bulhão Pato

Amigo, já pensei! já devassei co'a vista
Os abysmos do mar, sob a desfeita crista
Da vaga que se amansa ao cabo do tufão!
Já meus olhos cravei na juba do leão
Do povo de Israel! mas como, de entre as vagas,
De pérolas em vez, o mar cuspiu nas plagas
Só rotos cadernaes, reliquias de baixeis
De povos em naufragio e naufragados reis;

Como sobre Sansão — a força — em ancia tanta
Eu vi Dálila — a astucia — erguer a debil planta
E com ella esmagar o Hercules no pó,
O braço da Razão, dobrado em ferreo nó,
Verga o espirito e faz com que elle, mal seguro,
Recue espavorido á beira do Futuro!

E hoje a Duvida só, em torno ao coração,
Fria, pallida e muda, esvoaça na amplidão
Das trevas em que habita! escuridão profunda
Que esterilisa na alma a leira, hoje infecunda,
Onde, outr'ora, a esperança, em pétalas sem fim,
Como a flor no botão, desabrochava em mim!

Pois basta, meu poeta, ao seculo que passa
Para ser grande e bom, que, á flor da humana raça,
A espuma social marulhe em vagalhões,
Retinta no rubor do incendio das nações?
Basta que o desabar de funebres ruinas
Debrue em cinza negra as faixas vespertinas
De horizontes sem sol, para que já, de alem,
Ande esboçada a cruz de outra Jerusalem
No calvario re-aberto ás redempções das gentes?
Basta que da montanha as asperas torrentes

Afoquem nos cachões as veigas dos casaes,
Para que o leito a flux de tumidos caudaes
Se torça em cornucopia ao cabo de uma cheia?
Oh! não, poeta! não! se lhes faltar a idéa,
A espuma fica espuma e a cinza um pó no ar,
Quando é ruina ou vaga a furia popular!
E quantas vezes já tens visto da agua os veios,
Rasgando da mãe terra os ubertosos seios,
Deixar no solo aberto, em vez d'esse esplendor
De um peito que alimenta, o sepulchral horror
De um cadaver informe, um dédalo infinito
De musculos de areia e de ossos de granito?

Nem sempre do bater do ferro no cristal
Irrompe a chispa ardente! e o esplendido fanal
Das noutes de verão, o alado pyrilampo,
Por se banhar na luz, aquece a flor do campo
Com um raio, sequer, de tépido calor?

Vê Roma, a nossa mãe, nos annos do estertor
Da era republicana: ali tambem no ouvido
Retumba o crebro som do lugubre gemido
Que, desde o berço á tumba, ergue em dorido arfar
O peito magro e nu do escravo popular,

Que vive no trabalho e morre na indigencia,
Emquanto, ao lado d'elle, os ocios da opulencia,
Da taça do falerno, entornam a embriaguez
Nos labios da volupia! ali tambem tu vês
Em busca de ar e luz, subir, na escala viva
De monte sobre monte, a pobre alma captiva
Da velha humanidade! illuminar-se o céu!
Profundo o mar bramir! ranger sob o escarcéu,
E desfazer-se em pó a esplendida fachada
D'esse edificio erguido á ponta de uma espada
Que não cabia á larga entre as nações de então!
Verás sangue, poeta—e sangue de Catão!—
Como uma gota de agua em meio do oceano,
Perder-se no que empapa o lábaro romano,
Ao funebre esplendor das guerras sociaes!
E se a vista correr os fundos penetraes
Do Olympo, onde se esconde um Jupiter, que oscilla,
Ali verá, decerto, a tua audaz pupilla
Como, na mão do deus, se esfria o raio, a luz
Que Lucrecio soprou e apagará Jesus!

É Roma em gestação! no ventre seu profundo
Palpita uma Pharsalia! Uma hora mais, e o mundo
Terá de nova lei o desvendado alvor...

Eil-o! honra á plebe? Não! logar ao imperador!

E ao cabo da ancia atroz; de tanto sangue a rodo;

De tanta espuma e pó; de tanta cinza e lodo,

Poeta, o que ficou no aberto lupanar?

Caligula no throno e Commodo no altar!

Grande o seculo foi, quando, na mocidade,

Tomando pela mão a cega humanidade,

Com ella percorreu as longas estações

Da Via Dolorosa. Em face das nações

Desdobrando no ar a flammula da Idéa,

Foi grande no martyrio e grande na epopéa

Dos transes em que andou: apotheose ou cruz!

Debalde, em torno d'ella, o fogo do arcabuz,

A corda e a casamata, o exilio e mais a espada

Quintavam batalhões d'essa inclita cruzada

Que só tinha por norte a grande estrella: a fé

N'um futuro melhor ao cabo alem do que é!

O culto austero e são da immensa divindade

Que tinha então por nome: a simples Liberdade!

E que hoje revestida em mascarar sem fim

Talha o *peplum* na côr da veste de Arlequim!

Embalde! que da Idéa as azas, nas pelepas,
Voavam só por si, e não sobre as invejas
Do que mais alto brilha! e o humano coração
Luçtava no lavor de uma renovação
Que erguesse a vasa ao sol, e não que, em torpes nistros,
Prendesse, em baixo, á vasa a luz do rei dos astros!

E hoje qual é a idéa em meio da embriaguez,
Não da onça de Paris, ou do açor versalhez,
Mas d'esta geração, Sisypho cuja fronte
Transuda no lavor de coroar um monte
Com a rocha que sempre alem das mãos lhe cae?
Que relampago azul, em longas fitas, sae
Da reacção — sepulchro — ou da revolta — orgia? —
Dois dentes da tenaz em que a democracia
Se torce e dilacera em alternado affan?
A idéa? mas que idéa, ao cabo de amanhã?
A simples inversão das scenas de um calvario?
A burguezia no alto, e em volta o proletario?
Mas sempre havendo quem, junto do lenho, em vão,
Co'os lacerados pés, se cance atraz do pão?
O dominio da *plebs*? da casta? e que, de novo,
Seria — como casta — a negação do povo,
D'essa arvore na qual, da cúpula á raiz,
Tudo elabora a seiva e lida no matiz

Da flor em que palpita um embryão de fructo?
A republica? oh! não! deixae passar, no luto
De immensissima dor, a virgem do porvir
Que, toda pallidez, forceja por subir
Ao céu, para lavar nas luzes dos espaços
A baba vil do beijo e o stygma dos abraços
De um seculo senil! Que fica então? Não sei.
No horror da escuridão, nas trevas em que andei,
Minha vista cegou, e a alma em anciedade
Apenas, sobre a cruz, suspeita a liberdade!

E oxalá que nos fique, ao cabo do escarcéu,
Na terra algum nateiro e alguma luz no céu!

VII

D. JOÃO E ELVIRA

A Antonio de Serpa Pimentel

D. JOÃO

Em que pensas, minha Elvira?

Porque tens pallida a côr?

Arfa teu collo e suspira...

Mas porque suspiras, flor?

Não vês tudo o que nos cinge,

Em luz e aroma a nadar?

E tu só, callada sphyngue,

Velas o brumoso olhar!

Como é nácar a roseira!
Em perfume, á luz do sol,
Como paga a laranjeira
A canção do rouxinol!

Como canta a agua na fonte
Debulhando seus cristaes!
E tu só, d'ella defronte,
A exhaurir o peito em ais!

Como é curto o céu, querida,
Para as pennas estender,
Quando vôa a aza da vida
Sobre as rosas do prazer!

Voemos na immensidade!
Um beijo, Elvira, e outro a flux!
O mundo é a mocidade!
O prazer, o canto e a luz!

Mas em que pensas, querida?
E porque emmudeces, flor?

ELVIRA

(Como que accordando sobresaltada e triste)

Desculpa. Andava perdida
Pelo azul dos céus do amor!

VIII

YISÕES E REALIDADES

Ao ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. duque de Loulé

É noute! Ruge o vento! Os bastos arvoredos
Dobram a copa altiva ao nível dos rochedos,
Qual se corresse á flor da coma do pinhal
A agigantada mão de algum genio infernal
Que o retorcesse todo em seus nervosos pulsos!
Dispersa pelo ar em épodos convulsos,
A strophe do trovão desata-se do céu
Até perder-se alem, varrida do escarcéu,

Na mais funda garganta em que se estreita a serra!
Chove a jorros! O mar, em que se alaga a terra,
Une-se por milhões de fios de agua a flux
Ao mar que anda no céu, e que illumina a luz
Do relampago ardido em pallidas centelhas!
E, qual de enxamear de innumeras abelhas,
De cada tronco enorme e cada herva do chão
Arranca algum zumbido a aza do furacão,
Nas trevas açoutando o dorso da montanha!

Á beira de um algar, e na profunda entranha
Da floresta, uma dama, em frente ao vendaval,
Conchega a si no peito o rosto glacial
De uma creança, ó mães! que chora nos seus braços!
Em volta de seu coche, aberto em mil pedaços,
Derrama-se um montão de alfaias, mais alem,
E do centro d'esse ouro e d'essas prendas vem
As lufadas do sul morder co'o seu colmilho
A tez febril da mãe e a pallidez do filho!

Luctas da Natureza! ó guerras de titães!
Quem vos póde vencer se vos não vencem mães?

A criança tem frio e, exanime, tem fome!
Longas horas já vão, sem que nos labios tome
Uma gota sequer do tépido licor,
Que do seio das mães faz rebentar o amor!
A bocca pequenina em torno busca a vida,
E crisca-se-lhe a mão, trémula e arrefecida,
Como se desejara em seus lividos nós
Colher um peito nu, quando ella segue após
As apparencias vãs de imaginario seio!

A crise d'essa noute estanca o doce veio
No peito maternal! e em torno d'elle o sul
Veste d'escuridões a côr do ethereo azul!

Dos abysmos do algar, e da urze que o reveste,
Rebenta agreste voz de algum demonio agreste
Que diz á pobre mãe: «Ó pallida mulher,
«Não tens a plenas mãos o ouro do rosicler
«Que de gemmas te ennastra a fronte alabastrina?
«Nas ondas de teu collo, envoltas em nebrina

« De lagrimas, não luz a perola a montões?
« Dos pulsos não te corre em fulgidos cordões
« Um rio que podera arrebatrar um throno?
« Porque esperas, ó mãe? Da morte o plumbeo somno
« Já sombreia com a aza a palpebra infantil
« De teu filho que geme! eia! abre a mão gentil!
« Rasga as brumas do espaço á luz de teus brilhantes
« E compra ao eterno Pan, co'os montes scintillantes
« Das riquezas que pisa o teu cothurno em vão,
« Umás gotas de leite e, n'elle, a salvação! »

A mãe cravou no filho a vista lacrimosa.
Duas nodoas de anil na palpebra mimosa
Lhe escureciam já os marmores da tez!
A mão já não se abria, e nem sequer, talvez,
Uma sombra fugaz de seio imaginario
Passava na amplidão de aquelle atroz calvario!

E a chuva redobrava! e a furia do tufão
De horrores povoava o horror da escuridão!

« Por tres gotas de leite »! exclama a dama afflicta,
E dos rotos caixões esparge em longa fita

As sedas de Ispahan, da China e de Cabul;
A lãs de Cachemira; os linhos de Stambul;
As rendas de Alençon, que as fadas entretecem!
Atira aos vendavaes, que em roda se enfurecem,
Topazios e rubis, brilhantes e cristaes!
As perolas de Ophir, no solo dos pinhaes,
Desatadas do collo, ao longe vão rolando
Sobre os lameiros vis!-mas só, de quando em quando,
Em vez de falla amiga e de clamor de paz,
O crescente furor do sul, de alem lhe traz,
De dentro da amplidão das lugubres ramadas,
Um como rebentar de brutas gargalhadas!

«Foi pouco!» diz a voz.

A mãe mira outra vez

Da gelada criança a triste lividez.
Forceja por chamar co'os halitos dos beijos
Ás faces de seu filho uns cálidos lampejos
Da vida, que esmorece. Aqueita ao peito, em si,
Como em ninho de amor, o anjo que de ali
Já tenteia o voar, caminho dos espaços!
Porém sómente logra em berço de seus braços
Acalentar o alvor de um gélido torrão!

E a chuva cae; redobra o sul; e na amplidão
Tem cordas infernaes as harpas dos rochedos!

«Por duas gotas só!» diz ella, e nos fraguedos
Chovem primores de arte. Arroja ás sombras vãs
As auroras de Guido, esplendidas manhãs
Que vertem luz e sol nas telas bolonhezas!
Despede de seu punho as mysticas bellezas
De alguma cruz lavrada em gothicos missaes;
Frisos do Parthenon; flores orientaes
Cortadas no marfim d'enormes elephantes;
Punhaes de Benvenuto; as cordas lacrimantes
Que vibraram outr'ora em harpas de Sião;
As coleras de Ajax, gravadas pela mão
De algum grego esculptor no escudo de um soldado;
Estatuas de Canova; o cris envenenado
A que rendilha o cabo o indio de Alemban!
Baldado esforço! Alem, por premio d'esse affan,
Sómente escuta a mãe, do concavo das grutas,
De novo rebentar as gargalhadas brutas!

«Mais ainda!» do lado exclama a agreste voz.

A Niobé estremece. Ao cabo da ancia atroz
Soluçam no estertor os labios de seu filho!...

E a chuva cresce. E o vento cresce. E sobre o trilho
Do bosque vão nadando enormes troncos nus!

Desconsolada mãe! A ensanguentada luz
Do raio lhe avermelha a limpidez dos olhos!

Arreda de seu peito as puas dos abrolhos;

Ergue a prumo no collo o filho, e ao coração

O aperta! crava o torvo olhar na escuridão;

E, trémula de horror, dispersos os cabellos

Que doba o temporal em rapidos novellos,

Exclama, tinto o pé na vasa que foi pó:

«A minha alma tambem por uma gota só!»

Ninguem! o bosque é ermo! em meio das lufadas

Só crepitam ao longe as torpes gargalhadas!

De subito e no véu das negridões do algar
Branqueja um ponto emfim. No lento caminhar
Pouco a pouco se augmenta esse arrebol de alvura.
Começa a desenhar-se em meio da espessura
Um corpo humano. Avança; avulta e—Deus o quer!—
Junto da mãe afflicta assoma outra mulher!

Uma pobre mendiga é a recém-chegada.
Vem de andrajos coberta. A planta lacerada
Apenas lhe sustenta a custo o vulto em pé.
Debrua-se em carvão no olho a luz da fé.
— Fome— diz mudamente a bocca macilenta.
Vem de longe. Na testa, em nodoa pardacenta,
Espraia-se o lavor d'enorme cicatriz.
Mendigando vagueia em topos de alcantis
Ou nas escuridões do bosque mais cerrado;
E ella—a nobre—que tem no escudo esquartelado
De John Hampden a balla e a espada de Catão
Com a corda de Riego e a cruz da remissão,
Vive pedindo esmola ás multidões do mundo!

Olha. Descobre o seio; e com suspiro fundo

Põe nos lábios do infante o maternal licor.
Exulta, ó mãe! teu filho é salvo! a vida em flor
Resurge nos carmins da face de teu filho!

E a chuva abranda. E o vento acalma. E ao longe o brilho
De uma aurora já doura a coma do pinhal!

É Hugo a mãe; a voz agreste *a social*;
O seculo a floresta; o infante a sociedade;
O escarneo a reacção; a pobre... a liberdade.

IX

UM HEROE

Ao visconde de Valmór

É dia de batalha! Em fumo suffocados

Desde o romper do sol duzentos mil soldados

Luçtam a ferro e fogo.

Um d'elles, um dragão,

Curvado no selim, e em frente do esquadrão,

— Como racha uma cunha os toros de um pinheiro —

Embebe-se, feroz, n'outro esquadrão fronteiro,
Fazendo-o rebentar em rotos vagalhões.
Qual se na mão vibrara um raio, as multidões
Vergam, fundem-se á luz do aço de sua espada.
Após o lampejar de cada cutilada
Chovem jorros de sangue em meio d'essa mó
Que, aos pés do seu cavallo, e em turbilhões de pó,
Desenlaça os cordões de seu dobar confuso.
Incendeia-lhe a raiva o torvo olhar diffuso
Por tudo o que inda vive! e do seu labio á flor
Fuzila a imprecação, se o fatigado açor
Da morte, um só momento, encolhe a garra curva.

Depois a noute desce, enregelada e turva
Co'as brumas d'esse mar de sangue.

Desde então
Findara a luçta horrenda; e o esplendido dragão,
O grande heroe do dia, após tão bom regalo,
Limpa tranquillo a espada ás clinas do cavallo.

De repente uma voz interrogal-o vem,
Qual se de dentro d'elle a voz partira: « Quem

«Venceu n'esta batalha em que mataste tanto?
«Que salvadora idéa, ou que principio santo
«No sangue baptisaste? e, cego de furor,
«Porque te foi prazer a ancia da alheia dor?
«Das lascas do metal dos elmos, que partiste,
«O que forja a victoria? aguda lança em riste
«De encontro aos peitos nus de alguns de teus irmãos?
«Ou martello que parta os ferros em que as mãos
«Lhes roxeiam no cepo, ambas acorrentadas?
«Que lumes surgirão do choque das espadas
«Em que se aqueça mais a cinza de teu lar,
«Quando—volvido á choça onde te foi buscar
«A guerra—em torno a ti pedirem as crianças
«Calor, abrigo e pão? Que fervidas vinganças
«Reclamavas de quem, pela primeira vez,
«Tu viste hoje e que ainda, ha bem pouco, talvez
«A mil leguas de ti, em vez de humanas vidas
«Ceifava, como tu, as messes ressequidas
«Á luz do sol do céu e do outro sol da paz?
«De que lado partiu o desafio audaz?
«Da força do direito ou do empuxão da força?
«O que faz com que o ferro esmague, quebre e torça
«Armas e corações em funebre tropel?
«Que sabes tu, que sabe o teu feroz corcel
«De mappas ou de leis, de imperios ou de raças,
«Para que, contemplando os rombos das couraças

«Donde sae pingo a pingo a vida a gotejar,
«Tranquillo o coração e indiferente o olhar,
«Escutes o estertor e as ancias da agonia
«De uns pobres como tu?»

O grande heroe do dia
Os hombros encolheu em frente á morta grei,
Sorriu bestialmente, e respondeu: «Não sei!!»

X

POIS CESARES

A Francisco da Silveira Vianna

Dois cesares: um de ouro; o outro de cobre apenas.

Na primeira medalha ouvem-se cantilenas
Como que a rebentar de uns labios que sorriem.
Não ha raio que tisne, ou brumas que anuviem
O louro triumphal, que á fronte se encadeia
Desde que a mão do artista a modelou na areia.
O tempo, a eterna pyra, a flammula da tocha
Que desfaz em poeira a mais erguida rocha,

Debalde ali passou, por vezes dilatada,
Por vezes abatendo a rutilante espada
Diante dos vulcões de alguma Roma em chammas.
Do manto imperial as purpurinas tramas
Agora, em vez de lã, entretecidas no ouro,
Parecem redondar-se, esplendido thesouro,
Em ninho de aguia em cujo opulentado fundo
A mãe aos filhos deu a devorar o mundo!

Macúla e come o azebre o outro perfil romano,
Encontrado, talvez, no fundo de algum cano
Que vomitava ao Tibre os soros dos monturos.
No oxydado metal modelam traços duros
Uns restos de feições de uma cabeça pobre
De louro e de cabello. A purpura — no cobre
Em malhas verdes tinta — em gretas se esburaca
Por entre as quaes parece, em meio á téla fraca,
Penna a penna cair, perdido o lustre e o aroma,
Toda a aza imperial da desplumada Roma!

Um pedaço de cobre em frente de ouro fino.

E o ouro chama-se Nero, e o cobre um Antonino!

XI

UM EPITAPHIO

A Antonio Alves Pereira da Fonseca

Não me recordo bem do sitio em que foi isto.
E ha quantos annos foi? Talvez que dez ou onze.
O que é certo é que vi, sob uma cruz de Christo,
Na pedra de um sepulchro uma inscripção de bronze.

E dentro d'essa pedra estava uma criança
Que só tinha vivido o espaço de uma aurora,
E que, filha de rei, legara ao mundo a herança
Que só lega a materia á tumba que a devora.

E, comtudo, a inscripção fallava de grandeza,
E não me lembro até se de virtude e gloria;
Creio mesmo que dava a pobre da princeza
Um distincto logar entre os annaes da historia!

E d'essa curta vida—um livro em cujo rosto
Nem a dona, sequer, um titulo nos marca—
Um pouco de metal, em pedra sobreposto,
Extractara um volume em honra de um monarcha!

Mas eu, fixando o olhar no leito em que repousa
Esse anjo profanado em seu extremo arranco,
Sómente julguei ver no distico da lousa
Como um borrão de tinta em um papel em branco!

XII

OTHELO E DESDÉMONA

A Augusto Saraiva de Carvalho

DESDÉMONA

Que sonho, Othelo! que sonho
Foi o que hontem eu sonhei!
Tão sombrio e tão medonho
Que até... nem contal-o sei!

Vi, como acerados gumes,
Dois olhos na escuridão
A cravarem os seus lumes
No meu pobre coração.

Ah!... sim... lembro-me de que eram
Dois olhos e nada mais;
Mas d'esses que dilaceram
Como a folha dos punhaes!

Punhaes?... não!... mas antes como
Os pulsos de Satanaz
Fazendo ranger um pomo
Nos dentes de uma tenaz!

E se elles eram os pulsos
Que apertando a tenaz vão,
Eram meus seios convulsos
O pomo esmagado então!

E inclinavam a pupilla
Como que a escutar, na dor,
Se as ancias d'essa sybilla
Tinham arcanos de amor!

Quiz lutar. Um golpe rude
Rendida me fez vergar.

Quiz fugir. Tambem não pude.
Nem sequer pude chorar!

O que poude o peito afflicto,
No fim só dos transe seus,
Foi o arremessar n'um grito
A minha alma aos pés de Deus.

Então, arquejante e louca
Diante da atroz visão,
Tres vezes soltei da bocca
A prece do coração!

Deus! Deus! Deus! Bondade summa!
Acode, Senhor! e emfim...

OTHELO

(Com gesto desconfiado e taciturno)

Mas dize: nem sequer uma
Te recordaste de mim?

XIII

A RAÇA LATINA

A Eduardo Augusto Vidal

Como em pomo sorvado, alastra-se e profunda
Pela raça latina a nodoa negra e immunda
Que, de podre, a fará cair de inanição?
É possível. A historia é a revolução
Das brumas para o sol, do sol para outras brumas.
Desfaz-se qualquer onda, e só pelas espumas
Que deixa atraz de si, boiando á flor do mar,
Se póde bem medir té onde ousou galgar

O rolo negro-azul da vaga enorme e extinta!

Não nego a podridão, a mancha atroz que pinta
O fructo secular com tetricos signaes.

Empina a embriaguez das brutas saturnaes
A taça do veneno, ou quer nas mãos da plebe,
Ou quer nas outras mãos onde em cristal se bebe
A mesma corrupção n'outro qualquer licor.

Onde existiu a lei, a liberdade, o amor
—Ou como luz real, ou como luz sonhada—

Transita pela sombra a Inveja mascarada
Em communas aqui, e ali nos capitães
Que encastellam o throno, hypocritas titães,
Sobre a pedra do altar para, na escala viva,
Projectarem no empyreo a sombra fugitiva
De um homem, barro vil, sobre a amplidão de Deus!
Todo o velho metal se forja em caduceus

Ás mãos do enorme obreiro, o universal Mercurio!

Confundem-se no som de identico murmurio

O crepitar do estanho e do aço as vibrações,
Um contornando o rosto, e o outro, os corações!

Parte-se na bigorna o gladio da Justiça.

A furia do Interesse ageita, sopra e atija,

Ao pé da Caridade, o lume do carvão

Com que derrete os nós de algum roto grillhão

De ferro com que atava— inútil porque é morta! —
Um cerbéro trilingue ao pé de cada porta
Ladra ao pobre que vae, sedento e de pés nus,
Caminhò do Calvario, o dorso posto á cruz;
Ao passo que outro pobre estuda, magro e fero,
Como possa roubar uns ossos ao cerbéro!

Será verdade tudo. Em cada pedestal
De uma virtude antiga oscilla a bacchanal
Sobre o cothurno tinto em nodoas avinhadas.
Cruzam-se á flor da lama os rastos das pégadas
Da raça que vae tonta hoje encostando a mão
Ao goso, qual ao muro a encosta o amphytrião
Que uma amphora esgotou até ao pó das fezes.
O *eu* é a raiz da epigraphe das theses
Em que se prova que a alma apenas pôde ter
Por missão o inventar as fórmulas do prazer
Para honra da materia, o grande e eterno facto!
E quando, no proscenio, e ao cabo de cada acto,
Lhe cospe um histrião o nome vil do auctor,
Nas immundicies da obra applaude o espectador
O reflexo que espelha a sua propria infamia!
Tudo; tudo. Cornelia ao estrado de uma Lamia

Invejando os coxins de seda oriental;
Lucrecia adelgaçando a folha do punhal
Em settas, no carcaz de algum venal Cupido;
Fabio, esbanjador de gente e de ruído,
Jogando por capricho o sangue das nações;
Cincinnato, usurario; as mãos dos Scipiões
Não podendo suster o peso de uma espada;
Cicero açacalando a lingua envenenada
Nas invejas do povo, ou na ambição dos reis;
Os senados torcendo e retorcendo as leis
—Como no ilhal de um mu se torcem os arrochos—
Para amarrarem, bem sobre os costados frouxos
Do Estado, a imposição de algum corrilho audaz;
Bruto, aulico de côrte, e Scevola, tenaz
Que volve no brazeiro as espiraes da trompa
Forjada na traição, e com que abale e rompa
As muralhas da patria, a santa Jericó;
O *forum* lupanar; o consulado, mó
Em que a Força tritura os braços do Direito;
Catão, bobo talvez; o *rostrum* posto a geito
Para servir de palco aos momos de Arlequim,
E toda a velha Roma, em torno a esse festim
De taça em punho, e a testa em rosas coroada,
Confundindo o estalar da ultima gargalhada
Co'o primeiro estertor da morte que alluir
Seu proprio pedestal nos atrios do Porvir!

Tudo; tudo. Em metal cunhada a consciencia;
A insolencia do luxo em frente da insolencia
Da miseria—leão de rosto ao jaguar—
O culto do fomento erguido a atrophiar
A aza espiritual do archanjo das alturas;
O ouro servindo só de metro ás estaturas
Das vespas que elevou ao nivel dos aivões;
Liberdade, Ordem, Patria, ás especulações
Da praça e do quartel, dos padres e dos thronos,
Prestadas como anzol com que se façam donos
Dos cunhos da moeda e do astro do poder!

Mais ainda? Pois mais: quero-vos conceder
Que o Deus do camponez da Apulia e da Bretanha
É o santo de pedra em cima da peanha
Sobre o portal da igreja, e que elle adora alem
Como a expressão real da força que sustem
Nas orbitas dos céus as multidões dos mundos.
Quero-vos conceder que os halitos immundos
Que, por vezes, exhala a bocca do gomil
Que tem nome—cidade—é a emanção vil

Do verme—populaça—escoria extravasada
Dos moldes em que a mão de alguma excelsa fada
Vasou Madrid, Lisboa, e Roma e essa Paris
Que, á maneira do astur nos laços da buiz,
Luctando contra a dor, macula a penna em lama!
Tudo! concedo tudo! e caia aos pés da Fama
A cinza do que foi a estrella das nações!

Mas escutae-me agora, altivos corações,
Filhos de Thor, ó raça herdeira de outras raças,
Aguia que na tormenta hoje soberba passas
Direita, olho na preza, ás regiões do sul!
É transitoria a vida! e se o marfim curul
Não poude suspender ás portas do senado
A espuma a borbulhar do Rheno trasbordado,
Talvez que venha já, da steppe ou de alem-mar,
De outras aguias a pé que tem de te pisar.
A cauda na Asia, e o peito onde reinou Hedwiges,
Varrendo norte e sul co'as pontas das remiges,
Uma vem do oriente, e traz após de si
Uma Babel de povo. Irrompe a outra de ali,
Do lado opposto, e traz, em cambio de framéas,
Após de si no ar, uma Babel de idéas!
Ambas vem a prear nas brumas da manhã:
Almas a da União, e corpos a de Ivan!

E se, uma vez no espaço um dia confundidas,
Embebendo uma na outra a força, o genio e as vidas,
Em vez das duas, no alto, á luz apparecer
A envergura possante e enorme de algum ser
Que nas unhas de ferro o mundo esmague e torça;
—Hybrida creação em que Rurik a força
Por sob a liberdade apalpe e busque em vão,
Ou em que o velho Penn, tambem debalde, então
Procure sob a força achar a liberdade;
Mas que nas amplidões dos céus da humanidade
De ambas ao mesmo tempo enlace em rijo nó
O que uma tem de luz, e a outra tem de pó;—
Então n'essa hora triste, ó pobre açor de Brenno,
Tonto, de rocha em rocha, e entre os beiraes do Rheno
Dobando e desdobando o vôo á flor do algar,
Irás, a cada nó d'esse infernal dobar,
De pennas semeando o teu revoltó ninho!
E quem sabe se até, no topo do caminho
Que leva do Presente aos antros do Porvir,
A mão do Tempo, já, começa a te cobrir
D'esquecimento o nome, e d'embryões de cardo
O chão das cathedraes em que fumega o nardo
A incensar a Victória, a mais venal huri
Do paraizo teu, e que ao poder surri
Furtando o collo ao amor e abrindo a mão á paga!

Então — como hoje em dia entre os juncaes da plaga
Do Nilo, quando o sol lhes bate nos perfis,
Nas ruinas de Luqsór arrasta as patas vis
O ichneumon, ou retine um dente contra um dente,
Quando o luar á flor das orlas do oriente
Chama o chacal, do escuro, ás sobras do festim
De algum monstro maior — da mesma forma assim
— Quando a nevoa hibernal, que o Baltico amontoa,
Te descer a oxydar os restos da corôa
Caída com a testa, em meio de juncaes —
Famintos e da sombra, alguns outros chacaes
Que farejam em ti as corrupções latinas,
Virão ranger o dente á beira das sentinas
Onde apodrecerá teu esqueleto nu!

E, por segunda vez, ouve-me agora, ó tu,
Filho de Thor, ó raça herdeira de outras raças,
Agúia que na tormenta hoje soberba passas
Direita, olho na presa, ás regiões do sol!
Quando ambas nos cobrir o funebre lençol,
E que, dos Pyrinéus ás raias da Polonia,
— Como hoje se procura onde era Babylonia, —

O antiquario d'então buscar Roma ou Berlin
N'uns troços de columna, envoltos em capim
Brotado da ruina entre os desvãos das lousas;
Quando a revolução dos homens e das cousas,
—A mesma que já poz na Grecia e em Portugal
O eixo do mundo—erguer outro eixo de metal
Em que se mova a terra, ou placida ou cholericã,
Em volta da attracção dos slavos ou da America;
N'essa hora não terás, ó raça que morreu,
Como teremos nós—erguido á flor do céu
Sobre o pó que esconder as fossas dos latinos—
O coro sideral dos canticos divinos
Com que a Arte e a Poesia em baixo affogarão
O rumor do ossuario exposto ao furacão
Que tiver d'espalhar-lhe os restos carcomidos!
Não terás como nós os laranjaes floridos
A disfarçar o olor de nossas podridões!
Não terás a azular as tuas negridões
Os reflexos do anil disperso nas alturas,
Ou um fragmento só de carne ou de verduras,
Trituradas em côr por mão de Raphaelis,
A illuminar de vida os mysticos anneis
Que prendem a alma ao céu com lyrios e crianças!
Nada, nada, ó Sansão! que venha ungir-te as tranças
De harmonias, de luz, de aromas e de côr,
Como que possas quebrar, nos pulsos do que for,

A thesoura do Olvido, a Dálila funesta
Que já na escuridão te encosta a mão na testa!

Pois quando tu na fossa houveres de tombar
Para que nunca mais te possas levantar,
Em vez d'essa harmonia e d'essa luz e aroma
A disputar ao escuro as podridões de Roma,
Sómente sobre ti no espaço adejarão
Duas azas que tinge a polvora e o carvão
Da muda artilheria ou do apagado forno!
E quando isso vier, de tua cova em torno
Algun abutre negro unicamente irá,
Em busca de carcaça, ao val do Josaphat
Onde teu corpo em vão espere a chispa da alma!
E, desdobrando o vôo entre a nebrina calma,
Irá sempre apertando os circulos no ar
Até que pelo odor guiado possa achar,
Frio, disperso e podre, em meio da fumaça
Das nevoas de um paúl, o espolio da uma raça!

XIV

OS MONUMENTOS

A Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos

Quer aponte a columna o aereo polo,
Erguida a prumo sobre o inteiro phyntho;
Quer durma o capitel em paz no solo,
Pendida testa de um gigante extincto;

Quer sobre as multidões, no céu das naves,
Da pomba da Trindade a alvura assome,
Quer venham aninhar nocturnas aves
No collo das estatuas já sem nome;

A Deus levantem mysticas offertas
As mãos postas, na ogiva recurvadas;
Ou se vejam pender ambas abertas
No esqueleto de gothicas arcadas;

Dos bustos dos heroes nos largos hombros
Repousa a Fama o pé, que o olvido esmaga;
Ou salpique-os do musgo dos escombros,
Em vagas solidões, do Tempo a vaga;

Sempre és, ó monumento, uma memoria!
Do Facto ou da Paixão eterno grito!
Das almas e das raças lê-se a historia
Nas perpetuas estrophes do granito!

És grão que semeado nas esferas
Do que foi, pela mão da humanidade,
Germina em tradições de mortas eras
No vivo coração de nossa idade!

Aqui fallas de Deus e alem do mundo;
Aqui lembras a paz, mais longe, a guerra;

De tua voz reflecte o som profundo
A dupla immensidade: o céu e a terra!

E até quando o Silencio aos labios puros
Encosta, taciturno, o dedo santo,
O erguer do braço accorda nos teus muros
Os echos de algum riso ou de algum pranto!

Em teu vaso floresce o argenteo lyrio
Da Virgem Santa e os louros dos combates!
Desabroçam as palmas do martyrio
E do prazer as rosas escarlates!

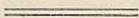
Só, entre a flor e a flor que talha a pedra
Nos rendados perfis do monumento,
Rubra filha da morte, nunca medra
A papoula fatal do esquecimento!

Nunca! porque, da historia aos esplendores,
Quando rasga o cinzel da rocha a veia,
Cada golpe de maço abre os labores
Do sêllo enunciador de alguma idéa!

XV

RES, NON VERBA

A João de Andrade Corvo



De minuto a minuto irrompe um grito novo:

O ABSOLUTISTA

Ó povo!...

O CONSERVADOR

Ó povo!...

RES, NON VERBA

O LIBERAL

Ó povo!...

O PROGRESSISTA

Ó povo!...

O REPUBLICANO

Ó povo!...

O INTERNACIONALISTA

Ó povo!...

O POVO

Se me dessem, meu Deus! por cada invocação,
Mais um banco d'escola ou um ceutil de pão!...

XVI

AMOR PATERNAL

A Mathias de Carvalho e Vasconcellos

Satanaz, o cão tihoso,
De certa dama de honor
Teve um filho mui formoso
E a quem tinha muito amor.

Era tão bella a criança
Como tudo quanto houver,
Ha e houve, da alliança
Do demonio e da mulher.



Pois, se o bello é que nos tenta,
Nunca deve ter senões
O que das fontes rebenta
De todas as tentações.

Ora dizem que, n'um dia
Em que o fôra a passear,
Sucedeu que anoutecia
N'esse instante á beira-mar.

Por detraz do azul das ondas
Surgia da lua o alvor,
Pintando as bolhas redondas
Das espumas com tal côr,

Como fadas que, surpresas,
Espargissem do avental
N'um tapete de turquezas
Uma chuva de cristal,

Morria na areia a vaga
Com tão suave rumor
Como o de um beijo que paga
Uma divida de amor.

Ao som, pela brisa erguido
D'entre as espigas dos pães,
Vinha casar-se o balido
Dos anhos após das mães.

Era a doce poesia
D'essa noute tanta e tal;
Brotava tanta harmonia
Do apparente e do real,

Que, inclinando quasi a medo
Para o filho a bocca audaz,
Murmuraram um segredo
Os labios de Satanaz.

Mas apenas dito fôra
Que, na mesma occasião,
Caiu a criança loura
Dos braços do pae ao chão.

E uma nuvemzinha escura
Que se arrenda, arrenda e esvae,
Um momento apenas dura
No sitio onde houvera um pae,

Que surprehendera, ao brilho
D'essa noute, os labios seus
A ensinarem a seu filho
O santo nome de Deus!

XVII

DUAS NOBREZAS

A Eduardo Coelho

Neto de cem avós de nome conhecido!
Herdeiro do esplendor da lança e da couraça!
Eu tenho, como tu, em cima do appellido,
Tambem o meu brazão e o timbre de uma raça!

Tu mostras de teus paes a historica estatura
A semear de gloria o chão da heroicidade;
Eu mostro o braço vil da minha *gens* obscura
A grangear no solo o pão á humanidade!

E d'essa gloria até, se se lhe chega ao fundo,
Tambem cada um de nós o espolio lhe arrecada;
Tu dizes: foi meu pae quem conquistou o mundo!
Eu digo: foi o meu quem lhe forjou a espada!

Homem de sangue azul! eu, o villão provado
Que, quando a vista atraz um seculo volvesse,
Não poderia achar, nas trevas do passado,
Nem um ninho sequer no qual meu nome lesse,

D'erguida frente, digo: em cousas de grandeza
Collega, dá-me a mão! tu valles o que eu valho.
A tua vem do rei e chama-se—a Nobreza!
A minha vem do povo e chama-se—o Trabalho!

XVIII

A LUA NO OCCASO

A João Gualberto de Barros e Cunha

Sentei-me antes da aurora á beira de um vallado.

Como um olho gigante e em lume affogueado,

Que se debruça a ver o abysmo de outros céus,

Por detraz do horizonte, e envolta em negros véus,

Escondia-se a lua; e já no pleno disco

Mordia a projecção de um ramo de trovisco

Que, a seis passos de mim, roçava, humilde, o chão!

Rapido declinando em meio da amplidão,

Do astro no occidente o moribundo raio,
Quasi da terra á flor, batia de soslaio
Em tudo o que ante mim se levantava alem.
Ao pallido fulgor, que do horizonte vem,
O que é pequeno á luz, reproduzido em sombra,
Alastrava no chão, em prolongada alfombra,
O vulto curto e magro. Alguns esgalhos nus
Eram robles na sombra, e apenas tojo á luz.
Bastava um cardo vil por que se mergulhara
Nas trevas um cordão d'espigas da ceara
Que, em frente, me ondulava, ao bafejar do sul;
E se a aza de um morcego, abandonando o azul
Do céu, rasteira ao solo, urdia ao vôo a rede,
Passavam no alva côr da cal de uma parede
Rapidos turbilhões d'enormes sombras, qual
Se passara correndo á beira do frontal
Uma aza immensa de aguia.

Ao topo do carreiro
Appareceu-me um vulto ao longe.

Era um rafeiro
Tinhoso, audaz, faminto! e, como se ao mastim
Cheirasse a carne morta, olhou, parou, e emfim

Estendeu a focinho e poz-se a uivar á lua.

Uivou! uivou! uivou! e a negridão fluctua
Tanto ao longe após elle, e da ceara á flor,
Que a sombra do rafeiro encobre em negra côr
As mil ondulações de um pélago d'espigas!

Quantas vezes, se ás mãos das hostes inimigas,
Sentes, ó Liberdade! o brilho esmorecer,
Uivando atraz de ti, costuma apparecer
O vulto exiguo e audaz de algum pequeno Sylla
Que, aprumando-se em frente aos raios da pupilla
Que mergulhas então nas brumas da manhã,
Rafeiro em si, leão, porem, na sombra vã,
Consegue projectar nas paginas da historia
Um vulto collossal?! Ó mentirosa gloria!
Basta que no zenith resurja a luz do céu
Para que, ido o leão, só fique o vil lebreu!

XIX

ESPRONCEDA

A Augusto Cesar Barjona de Freitas

Relíquias do que foi o pallido Espronceda!
Pisado pó no chão da funebre alameda
Que dos cyprestes vae ao grande e eterno enygma!
Cratéra á flor da qual queimou da dor o stygma
A aza á Resignação—o anjo dos que padecem!—
Quando ao vosso contacto as mãos se me arrefecem
Ao palpar-vos, sonhando, em minhas horas tristes,
Que de nebrinas vem, da fossa em que caistes

Empoeirar de cinza a lava de meus sonhos!

Como eu te vejo então, nos frémios medonhos
Da luçta com a dor, tomal-a braço a braço,
Até ranger-te o peito entre os dois nós do laço
Com que tentas, poeta, espedaçar-lhe o seio!
Debalde em torno d'ella, e em convulsivo anseio,
Arquejam teus pulmões e cobre-se de orvalho,
Nevado e pegajoso, a testa, no trabalho
De poder reprimir as explosões da mente!
Cada musculo teu é rosca de serpente
Que busca triturar os membros do colosso;
E vejo-te cravar-lhe os dentes no pescoço
Tingindo-os no rubor d'espuma ensanguentada!
Luçtas! caes! recomeça a luçta horrenda! e nada
Ao monstro communica o mais pequeno impulso!
Té que—rendido emfim d'espírito e de pulso
Diante d'essa estatua, e, pallido de furia,
Buscando um vingador n'uma suprema injuria—
Te vejo, ó meu poeta! ó pobre alma perdida!
N'um arranco final cuspir-lhe ao rosto a vida!

XX

A MORTE

A Thomaz de Carvalho

I

Foi n'uma sexta-feira. O Christo ensanguentado
Pendia em sua cruz. Da lança de um soldado
Via-se-lhe o rasgão no peito de marfim.
Sobre os cantos da bocca, em bolhas de carmim,
Tingia-se de sangue a espuma da agonia.
Dos espinhos da frente a sombra se estendia,
Em tenues projecções, nas palpebras sem côr.
Tinha no olhar vidrento esse iris que anda á flor

Das aguas do paúl, ao sol apodrecidas,
E nos pés e nas mãos os pregos regicidas
Dobravam-se ao pendor do tronco inerte e nu.

Era a morte, no que ha de mais horrendo e cru,
O que me apparecia á vista de tal sorte!

E eu, vendo o Christo em cruz, puz-me a pensar na morte!

A Morte! e logo então meu sonho, em frouxa luz,
Desprendendo o voar de cima d'essa cruz,
Baixou do Christo morto ás amplidões do mundo.
Por toda a parte um som, terrivel e profundo,
Como do desabar de tudo o que se ergueu,
Retumbava do solo até morrer no céu!
Por onde quer que andava o vôo imaginario
Roçava a pluma da aza o lenho de um calvario!
Era a terra um sepulchro! e, n'um concerto atroz,
Em baixo, em cima, em torno, unia-se na voz
A dor da humanidade ás lagrimas das cousas!

Corri do homem primeiro ás funerarias lousas

Onde o que hontem nasceu hoje apodrecerá;
Fui do botão á flor e fui, depois, de lá,
Ao lyrio desfolhado ao sopro das tormentas.
Fui da beta da rocha ás lascas pardacentas
Da estatua que tombou de rotos pedestaes;
E sómente encontrei, nos sonhos ideaes,
O pó da cinza sempre ao cabo do que ardia!
E como, no horizonte, ao desmaiar do dia,
Descem as trevas do alto atraz do pôr do sol,
Após cada existencia um lugubre lençol
Amortalhava o barro á terra devolvido!

E que de mortes vi! que de cristal partido
Em meio do correr que vae do labio á mão!
Que de nevadas cãs! e de anjos em botão
Entre os polos da vida alem solver-se em nada!
Que de andrajos banaes! de purpura rasgada,
Espolio da miseria, ou do esplendor dos reis,
Eu vi remoinhar, em rapidos anneis,
Sob o gume da fouce, ás mãos de igual destino!
Vi morrer pela fome o pallido Ugolino,
E vi sentar-se a Morte em frente a Balthazar!
Do peito de Lucrecia o sangue espadanar,
E, nos mesmos cachões, do ventre de Agrippina!
Morrer Graccho no templo e um cesar na sentina!

E, nas vascas finaes de identico estertor,
Tambem morrer de raiva e até morrer de amor!

E sempre d'essa fouce os golpes repetidos
Tinham por echo triste um côro de gemidos!
Cuspia-lhe no ferro a injuria a turba vã
Dos homens, vivos de hoje e mortos de amanhã!

Depois voei mais alto! ergui-me das vaidades
Da cova singular ás grandes mortandades;
Cinza que nem sequer poudes conservar só
O rótulo de um nome em cima de seu pó!
Fui da agua do diluvio ás chammass de Sodoma;
Das pestes da Judéa ás proscricções de Roma;
Vim do gladio da Biblia ás patas dos corceis
Com que esmagam o povo as ambições dos reis;
Voei sobre os montões de anonymas ossadas
Que ainda á flor do chão indicam as pégadas
De algum grande assassino, esplendido sultão
A quem beijava os pés a bruta multidão
Que por elle morreu, sem que sequer lhe importe
Que idéa ou que delirio a despenhou na morte!
Vi no fundo do mar, rasgado no escarcéu,
Derretidas á luz do fogo azul do céu,

As azas infantis de Icaros que se somem
Pobres loucos! atraz do aperfeiçoar do homem!
Mais alto! fui mais alto! e, em rapidos fuzis
Encadeando o vôo em torno de alcantis,
Subi, da folha, ao grão! do homem, á humanidade!
Mas, então, aturdido, e ebrio de anciedade,
Recuei, vendo ao fim, dos tempos através,
A Morte erguida a prumo e a humanidade aos pés!

E sempre o martellar dos golpes repetidos
Tinha por echo triste um côro de gemidos!
Cuspia-lhe no ferro a injuria a turba vã
Das raças, vivos de hoje e mortos de amanhã!

Ao largo! ao largo! alem! com choque mais convulso
Bateu a pluma no ar e a arteria no meu pulto!
Tentei erguer meu vôo até junto do sol!
As pennas relustrar no mystico arrebol
De alguma nova estrella erguida no oriente!
Subi! subi! subi! fendi no vôo ardente
A estrada sideral do curso do astro-rei!
Alto! mais alto ainda! as orbitas rasguei
Em que esplende e se volve o seu cortejo de astros!
Sonhando me embrenhei após todos os rastros

Dos innumeros soes que via em torno arder!
Como um tenue clarão de alampada a morrer,
Já de Sirio, por baixo, a amortecida braza
Illuminava a custo o verso de minha aza!
A cúpula dos céus, já, desde norte a sul,
Achatava de longe o arco do aéreo azul!
Quiz traçar no infinito a linha de meu norte!
Subir tanto que aos pés me estrebuxasse a Morte!
Insensato! inda ali, vi de redor de mim,
Disperso na soidão das amplidões sem fim,
Disseminar-se o pó dos mundos apagados!
Em meu louco ascender servirem-me d'estrados
Os fragmentos senis de umas constellações!
Vi co'o ferro da fouce, em minimos tições,
Esphacelar a Morte os orbes das estrellas;
Como átomos de areia, ao longe dissolvel-as,
E ao cahos devolver, do fundo do crysol,
Em turbilhões de cinza o que tomara em sol!

E sempre d'essa fouce os golpes repetidos
Tinham por echo triste um côro de gemidos;
Como que lhe cuspia a injuria a turba vã
Dos mundos, vivos de hoje e mortos de amanhã!

II

E quiz então fugir! Cerrando a mente e os olhos
Aos novellos sem fim da espuma dos escolhos
Em que, por toda a parte, a aza de meu sonhar
Quebrava alguma penna em seu febril voar,
Como perdida nau, rendida pelos mastros,
Entreguei á mercê dos turbilhões dos astros
A cega direcção de minha estrada alem!
Senti-me arrebatár, em rapido vaivem,
De sol a sol; da Terra, á grei de terras bastas
Em que outras gerações, no seio de outras castas,
Esperam pelo dia em que hão de florescer!
Fui das trevas do abysmo á luz do eterno Ser!
Do infinito do espaço ao numero infinito!
Subi! descí! voltei!—em baixo, ao som do grito
Das ancias que elabora a ponta da punhal,
A taça do veneno, o abuso sensual,
O barro da materia e o ouro da intelligencia;
Em cima, ao mesmo som da quebra da existencia
De alguma estrella extinc̃ta ou de astro feito em pó—
Até que no dobar dos giros d'essa mó,

Palpitante de aneio e morto de canção,
A ultima vibração d'esse invisivel braço
Immovel me fixou, rasgando ao sonho o véu!

Julgava estar no inferno e despertei no céu!

III

Ali, sentado aos pés da Força Omnipotente,
Ou Zeus do olympos grego, ou Deus da christã gente,
Ou qualquer que ella seja, em cuja essencia em vão
Luçtei por embeber os olhos da razão,
Entre os anjos mais anjo, um anjo de alvas pennas
Branquejava no azul das regiões serenas
Aonde o Eterno ao Grande inteiro se apertou.
No âmbito do regaço em que se repousou
Minha vista cançada em tormentosas lidas,
Como em ninho gigante, um marulhar de vidas
Rumorejava ao fundo, á espera de que, a flux,
Um só gesto do archanjo as diffundisse á luz!
Pendiam-lhe das mãos as chaves das auroras!
Como roto cordão de perolas sonoras,

Dos labios lhe brotava o rythmo das canções
Com que embalava ao collo as novas gerações
Que pediam logar no universal banquete.
Girava-lhe em redor, supplice ramalhete,
O que ainda é a flor do fructo que será
No ovario muribundo elaborando já
Os vindouros carmins de remoçadas flores!
Adejavam-lhe em torno os bandos mil de amores
Sedentos de forjar em oxydados nós
O élo do grilhão novo em que, do goso após,
Se prendem os botões de algum novo desejo;
E, como concretado em mysterioso beijo,
Osculava-lhe o alvor da tunica gentil
Tudo o que balbucia, apenas infantil,
Os hymnos festivaes das roxas madrugadas!

De subito, estendendo as azas desdobradas,
Com as pontas roçou a terra toda e o mar,
E as vidas a milhões, quaes gotas pelo ar,
Cairam a orvalhal-a em mysticas espumas!

Li-lhe o nome! Era a Morte o archanjo de alvas plumas!
Não como a vi na terra, abutre das nações;
Fermento universal d'enormes podridões;

Esqueleto vazio, em cujos longos dentes
Debalde se abysmava a multidão das gentes,
Sem que entre os ossos nus pudesse palpitar,
Cristallisada em vida, uma onda só do mar
Quer do sangue vertido, ou dos vertidos choros!
Mas a filha do Tempo, a musa d'esses coros
Que entôa sem cessar, do berço e do botão,
A seiva, na espiral de toda a criação!
A grã renovadora! a mãe da mocidade!
A que, calcando aos pés o monstro Sacidade,
Põe nas azas do amor as pennas de ouro e anil
Da phénix rediviva aos beijos de outro abril!
Laboratorio immenso! universal cadinho
No qual se funde, em vello e musgo de algum ninho,
O oxydado metal de todos os grilhões
Que peiam o voar das novas gerações
Na senda do Progresso—onde talvez que tomem,
Nas trevas do futuro e sob as cinzas do homem,
Já corpo os embryões de alguma nova flor
De que seja o homem de hoje o estame precursor—
Morte! como te vi! como eras bella e grande!
E como após teu vôo o espirito se expande
Quando, solto do pó do que foi e do que é,
Remonta a devassar, no impeto de outra fé,
O que depois será...

IV

Volvido ao terreo porto,
Olhei de novo o lenho. Inda era o Christo morto!
Mas do topo da cruz já resvalava então,
Por sobre a morte, o alvor de uma resurreição!

A. J. de S. da Silva Tullio



*Un est fait! La croix qui chancelle et qui tombe
Dans la fosse creusée, aux pieds de la croix,
Par la foudre, spectre assombrissant
Le ciel est, comme au fond d'une poitrine humaine,
Mental d'un double accord tout le cœur de la France
Dans le sein de la Liberté.*

XXI

LA GHÔTE DE PARIS

À *Antonio da Silva Tullio*

I

C'en est fait! La voilà qui chancelle et qui tombe
Dans la fosse creusée, aux lueurs de la bombe,
Par la faim, spectre ensanglanté,
La ville où, comme au fond d'une poitrine immense,
Battait d'un double accord tout le cœur de la France
Dans le cœur de la Liberté!

La faim! Lâche despote à la bouche baveuse!
 A la main pâle et froide! A la voix sombre et creuse!
 A l'œil oblique! Aux dents d'acier
 Où la mort va jetant, de ses deux mains jaunies,
 Des foules de cercueils et des tas d'agonies,
 Hélas! sans les rassasier!

Ta couronne de fer ne s'est pas abattue
 Sous le feu du canon, ainsi qu'une statue
 Dont un brasier fond le métal!
 La mer, qui te frappa d'une onde convulsive,
 En vain a fait rougir l'écume de sa rive
 Aux angles de ton piédestal!

Le titan, pour qu'il mît sa tête dans la nue,
 Entassait sur le mont la montagne chenuë!
 Pour arriver au Panthéon,
 O roi Guillaume! en vain le Sort entasse et cloue
 Sous tes pieds glorieux la cendre sur la boue,
 Bazaine sur Napoléon!

En vain ton étendard pleure autour de la hampe
 En lambeaux, o Paris! noirci comme une lampe

Qui fume encore, éteinte, hélas!

Tandis que sur tes toits la dent des couleuvrines
Tachette de trous noirs les blanches pélerines
Dont les habille le verglas!

La parallèle en vain, serpent aux longs murmures,
Étend sur toi ses nœuds et darde ses morsures!

Et, comme un juron impuissant,
L'obus de ce Bismarck, qui de bien loin t'égorge,
D'un effort inutile en vain monte à la gorge
De tous ses krupps teints dans ton sang!

L'ours du nord va de Wœrth à Sedan et Bazeilles,
Sous les routes semant les tronçons des abeilles
Écloses à la Malmaison!

En vain! Tous ces débris, quand ton pied les écarte,
S'il font jaillir la boue aux mains d'un Bonaparte,
N'atteignent pas à ton blason!

Il faut pour le ternir bien d'autres tristes causes:
Les larmes de l'esprit sur les larmes des choses!
Les cris affamés, déchirants,
Des mères au sein nu, marbré, flasque, inutile,

Agaçant vainement d'un bouton infertile
La bouche des petits enfants!

La honte du vieillard qui vole, quand il passe,
Un chiffon au crochet, un os à la besace!

Tous ces bruits, qui montent au ciel,
D'abeilles sans des fleurs, de frelons à l'embûche,
Qui, de leurs aiguillons, aux abords de la ruche,
Se battent pour un peu de miel!

O ville, salut donc! vieille reine du monde!
Il fallait la famine, il fallait cette immonde

Alliée à ces palatins
D'Allemagne, pour qu'ils enfonçassent tes portes
En passant sur des tas de pauvres femmes mortes
Auprès de leurs foyers éteints.

La patrie est un Christ! De sa sainte prunelle
Qu'à l'entour d'un tombeau le regard étincelle,
Et, d'un bond, Lazare est debout!
France! à l'aigle de Prusse, à l'oiseau des tempêtes,
Oh! ce n'est pas de trop tout l'effort de deux têtes
Pour te dévorer jusqu'au bout!

Car tandis qu'une, en bas, te ronge les entrailles,
Il faut que l'autre guette au dessus des murailles
Si de ta fosse, ô nation!
Ton cœur, en s'envolant, ne va pas dans la plaine
Refermer sa blessure à la puissante haleine
De quelque résurrection!

II

O France, déjà dans l'orage,
A l'horizon, obscur encor,
Le soleil au flanc du nuage
Enfonce un trait d'azur et d'or!
Le repentir est une étoile!
Et, sous les flammes que dévoile
Cet astre dans l'immensité,
La pauvre Madeleine inonde
Des parfums de sa tresse blonde
Les pieds nus de la Liberté!

Déjà de la coupe du vice
Toute l'éniivrante liqueur
Devient le sang du sacrifice
Dans le calice de ton cœur!

Le Mal s'arrête et balbutie,
O naissante démocratie!
Devant les mâts de ton vaisseau!
Et reste, pensif, sur la grève,
Comme une bacchante qui rêve
Devant la blancheur d'un berceau!

Toute âme devient grande et fière!
Quand le soleil luit, l'ouragan
Met un panache de lumière
Sur chaque flot de l'océan!
Tout s'épure aux baisers des flammes!
Les argiles se font des âmes!
Et l'Intéret, cet ogre noir,
Croise, Messaline cynique,
Le lin flottant de sa tunique
Devant l'aurore du Devoir!

Dans l'arche où l'esprit roule et tombe
Au gré des flots, toujours meurtri,
Souvent l'angoisse est la colombe
Qui rapporte un rameau fleuri!
Les harpes des monts, triomphales,
Changent sous le fouet des rafales!

Et, pour qu'il tonne quelque peu,
Il faut au vieux fer de Stérope
Que, sous le marteau du cyclope,
Il tombe des larmes de feu!

III

Il est là — Darius — dans tes murs inutiles!
Devant ton sol foulé, l'éclat de ses pupilles
Dans le doute et l'orgueil est noyé tour-à-tour!
Et, sous l'œil flamboyant d'un aigle, qui s'étonne,
Son cheval aveuglé hennit à la Colonne
Comme s'il hennissait au jour!

Il secoue à ton seuil ses poudreuses sandales
Qui mettent leur empreinte au front de ses vandales!
Mais tout bas aux canons il demande, surpris,
Ce qu'a dû soulever d'héroïque poussière
L'insulte de l'obus crachant sa noire sphère
A la face du vieux Paris!

O ville, qu'il est grand! En marchant il recouvre
De son ombre les fûts des colonnes du Louvre!

Mais comme, un peu plus loin, sous ton Arc il jaunit
Quand son regard jaloux compte, au fond de l'histoire,
Tout ce qu'on peut trouver de génie et de gloire
Dans quelques pouces de granit!

Il te parle de tout, le nouveau Charlemagne!
De conquête, de droit, de bible, d'Allemagne,
De soldats rayonnant sous leurs vains oripeaux!
Qu'est ce que ça vous fait, vôtes des Invalides?
Si tout ce bruit se perd dans les rumeurs splendides
De votre Babel de drapeaux!

Aussi donc le vieux roi renversa-t'il d'un geste
Danois et *kaiserliks* dans la tombe funeste,
Et resta roi toujours! Mais ce vaillant tireur,
Pour avoir abattu d'un coup de feu la Gaule,
Cache tous les gros noirs, qu'il s'est faits à l'épaule,
Sous la pourpre d'un empereur!

IV

Et c'est, ô Rhin qu'on déifie,
Pour ce haillon ensanglanté
Que toute ta philosophie
Souflette au front l'humanité?
C'est pour l'héraldique dépouille
D'un sceptre que mordra la rouille
Dans la tombe, ô peuple vainqueur!
Que, toi, le grand cerveau du monde,
Tu frappes de la *schlag* immonde
La France, le siège du cœur?

Que tu frappes, toi, nid de braves,
Allemagne aux pas triomphants,
Les mères, ces pauvres esclaves,
Sur les berceaux de leurs enfants?
Que tu romps sous ta spirale
Tout ce qui point? tout ce qui râle?
Le pauvre blessé qu'on guérit
A l'hôpital, qui le racole;
L'enfant sur le banc de l'école,
Cet autre hôpital de l'esprit?

V

Prends garde, toi qui vaincs la main sur l'évangile!
L'avenir que se fait la profanation
Élabore toujours, dans sa coupe fragile,
Les breuvages amers de l'expiation!

Vois! A l'heure où là-bas s'allume sa prunelle,
De bien plus bas encor, de l'enfer éclaté,
Tout ce qui rampe au sol, tout ce qui porte une aile
S'abat sur le front nu de la Réalité!

Alors, brisés, tordus, tombent tous les Icares
Sous les débris fumants du plumage vermeil,
Et le petit oiseau becquette, au bord des mares,
La grande aile de cire épiluchée au soleil!

Sais-tu ce qui fond là dans tes grandes fournaises?
Tout ce qui se débat sous ton brutal genou?
C'est un siècle de force, aux courtes parenthèses,
Qui rit devant le Droit portant la corde au cou!

Vingt ans de despotisme, autour aux pennes fauves!
Vingt ans de liberté qu'on abreuva de fiel!
D'art aux pieds des Laï's filant dans les alcôves!
De France éparpillée à tous les vents du ciel!

Regarde! D'Iéna la trompette farouche
Venge cette Pologne, amazone qu'on met
Les menottes aux mains, le bâillon à la bouche,
Sous le fil du couteau d'un cynique gourmet!

Et qui sait si déjà l'Avenir, ce dur maître
Qui fait tomber l'oubli sur tout ce qui tonna,
Là-bas, au fond des temps, n'efface pas peut-être
La chute de Paris sur un autre Iéna?!

XXII

LES MÈRES FRANÇAISES

À Antonio Ennes

I

Oh! Tout se tait là-bas, meurtri, rompu, foulé:

La pelle, qui refait le rempart écroulé,

Et l'obus, qui le rase!

Et la France, lion dont on brisa la dent,

Ne veut pas même plus succomber en mordant

Le talon qui l'écrase!

Étendards de Fleurus, de Jemmape et Valmy,
Plumes du coq gaulois, ou vous jette parmi
Les choses qu'on rebute,
Sans même rechercher, par un effort final,
Si tout ce qui se meurt dans le sommeil banal
Ne vit pas par la lutte!

O France, le héros qui te mène là-bas,
Le feu qui fait monter la flamme des combats
A tes lèvres pâlies,
C'est la Débilité, ce roquet à l'œil creux,
Qui s'endort dans un coin, le museau tout peureux
Sur ses pattes salies!

Qu'est-il donc devenu, ce magnanime élan
Qui, de l'Argonne au Pô, de l'Escaut à Milan,
Emportait comme une onde
Ces océans de bras et ces vagues de cœurs,
Qui broyaient des césars dans les remous vainqueurs
De leur masse profonde?!

Tous les bras sont tombés! Bien des cœurs se sont tus!
Et le cheval du Rhin, sur ses crins rabattus

Par la main qui le flatte,
Ne dresse plus l'oreille au long hennissement
Du grand coursier français, de ses fers allumant
L'étincelle écarlate!

Tout se tait sous le ciel de la France qui dort!
Autour de la Laïs qui, dans sa coupe d'or,
Noya, folle d'ivresse,
Le chant des Marseillais dans de sales chansons,
L'Europe avec effroi n'entend plus que deux sons
De deuil et de détresse:

Les longs cris des corbeaux s'appelant dans les airs,
Sur des mares de sang et des monceaux de chairs,
A la curée horrible,
Et le bruit sec du doigt d'un César glorieux,
Mesurant des sacs d'or à l'étalon pieux
D'un verset de la bible!

II

Cependant à côté de ces deux grands cris sombres,
Qui fatiguent l'écho de l'immense désert,
Une autre voix encore, au milieu des décombres,
Met sa note de deuil dans le triste concert!

C'est la veuve éplorée, au bord de cet abîme
Où tombent tout les corps et se tait toute voix,
Pleurant sur le tombeau de quelque fou sublime,
Mort pour un peu d'étoffe au bout d'un peu de bois!

De quelque enfant perdu, poète de la guerre,
Pauvre fou qui pensait et qui, seul, décida
Que le drapeau français ne doit tomber à terre
Qu'avec le dernier coup de son dernier soldat!

Elle est là, pauvre abeille, à l'ombre des murs vides,
Depuis la jour fatal où, de sa ruche à miel,
La torche éparpilla, de ses deux mains livides,
La cendre au ras du sol, la flamme au front du ciel!

Un enfant dans ses bras dort comme dans sa couche,
—Le doigt sur le bouton du sein qui lui complaît—
Tout las de rechercher, de sa petite bouche,
L'introuvable trésor d'une goutte de lait!

O mère! ô Prométhée, où le vautour immonde
Fouille, le bec sanglant, de ton cœur les débris,
C'est la France au berceau, c'est l'avenir du monde
Ce que tu berces là, dans tes bras amaigris!

Courage, donc, ô femme! allume ta pupille
Aux lueurs de l'espoir, ce Christ des nations!
Et fais de ce enfant, à la lèvre immobile,
Le flambeau rallumé des résurrections!

III

L'avenir c'est la mer sans lit et sans rivages!
C'est l'œuf universel au fond du nid des âges!
C'est le vert des bourgeons sur le noir des sarments!
L'aurore au bout du ciel! C'est la Sarah biblique
Portant dans ses vieux flancs l'embryon symbolique
De tous les rajeunissements!

C'est l'enfant rose et blond, pauvre âme d'ombre pleine,
Qui sait déjà pleurer, mais qui n'ébauche à peine
Un sourire incertain, sur son front obscurci,
Que quand, papillon d'or—fleur qui porte des ailes
Et vole autour des fleurs—autour de ses prunelles,
Ton baiser prend une aile aussi!

IV

Mère, chaque seconde au pas insaisissable,
Qui pose sur ton fils un talon triomphant,
Toujours dans l'ampoulette égrenne un peu du sable
Qui pétrit l'homme au fond du maillot de l'enfant!

Et quand, jeune homme alors, de son aile bleuâtre
L'ange de la pensée ombragera ses yeux,
Mets sa main dans ta main, et, de ton doigt d'albâtre,
Montre-lui du passé le gouffre spacieux.

Rêveur, il y verra cet avorton qui flaire
Quelque chose à gagner au tapis du hasard,
Petit, escalader le mandat populaire
Sur l'épaule d'airain d'un immense César!

Puis, un soir de décembre, éveillant les deux pôles
De leur funèbre echo, vomis dans les cités,
Ainsi que des chacals autour des nécropoles,
Hurler de lourds canons autour des libertés!

Puis encore il verra dans la pénombre blême,
Sous le bruit des grelots étouffant des clameurs,
Ce maudit exploiter, l'œil à son diadème,
La débauche des sens sur la tombe des mœurs!

Puis enfin, dans un jour où le trône olympique
Se prit à chanceler sous l'ouragan épais,
Ton enfant y verra l'intérêt dynastique
Souffleter sur le front l'archange de la paix!

Alors y passeront de lugubres armées
De squelettes blanchis sous des tas de haillons,
Et qui cherchent encore, au milieu des ramées,
Les aigles éperdus de leurs grands bataillons!

Alors il y verra sur la grande Colonne
Les épiques soldats de l'Égypte et du Rhin,

Cherchant à s'élaner sur le canon, qui tonne,
Porter leurs mains de bronze à leurs glaives d'airain!

Enfin, la France au fond, les flancs dans la poussière,
Demander à ses fils l'aumône du soutien...
Puis le canon du nord fumer comme un cratère...
Puis des pas; puis des cris; puis un éclair; puis... rien!

V

Et dis-lui: « Vois, enfant, le jour où l'étranger
« De ses dents, furieux, se mit à nous ronger
 « Nos âmes et nos villes,
« La France pourrissait, et, dans ses tristes flancs,
« Le démon des partis n'avait que des élans
 « Pour les guerres civiles!

« A la surface l'or! Mais sous cet or, qui rit,
« La gangrène du vice empoisonnait l'esprit
 « De ses noires morsures,
« Comme sous des lambris, où l'or peint des fleurons,
« L'eau des hivers sans cesse épanouit les ronds
 « Des vertes moisissures!

« Sois donc un homme avant que d'être aux nations

« Rien que l'ange déchu des prostitutions

« Des forces et des âmes,

« Et tu retremperas, au bord de longs flots clairs,

« Ton glaive dans la gloire, océan plein d'éclairs,

« Et ton cœur dans les flammes!

« Et que la Liberté, de son doigt immortel,

« Y burine à jamais, comme sur un autel,

« La parole chérie;

« Pont qui va du passé jusqu'au bout des longs jours;

« Tombeau toujours ouvert; nid repeuplé toujours,

« Qu'on nomme — la Patrie!

XXIII

LE PROCÈS DE LA GOMMUNE

À Manuel Pinheiro Chagas

I

Ils ont été méchants, tous ces faiseurs de trappes!
Tous ces cœurs à l'affût de funèbres agapes,
Quand le peuple en fureur flaire du sang au fond
De l'antre, où retentit le roulement profond
D'un mot frappant toujours sur le creux d'une idée!
Tous ces faux novateurs à la face ridée,
Aussi vieux que l'Envie éclaboussant de fiel
Les griffes de Satan et le front bleu du ciel!

Ces appétits qui vont de l'or à la puissance,
Trébuchant en chemin sur le sein de la France,
Où le soldat du nord, la trouvant par hasard
Sous les rideaux du lit d'un cynique César,
Mit l'affront du baiser sur l'affront des morsures!
Ces âmes, froids cercueils aux vertes moisissures,
Qui laissent dans leur vide, ou sur l'humanité,
Tomber d'un poids égal l'or de la liberté
Et l'écaille d'argent du poisson de Tibère!
De son œil hébété, la sinistre Misère
Applaudit aux lueurs de ce pâle flambeau;
Et, du fond de l'égout, qui lui sert de tombeau,
Le valet de quelqu'un de ces bourreaux infâmes
Qui soufflaient des fagots sous les ailes des âmes;
Celui même qui mit, devant Philippe Trois,
Avec un fer rougi, l'empreinte de la croix
Sur les lèvres du juif, hurlant dans l'agonie,
S'il sent sur sa mâchoire, entr'ouverte et jaunie,
Tomber un flot de sang, bien chaud et bien vermeil,
Remue un peu les bras au milieu du sommeil,
Tâte, du bout du doigt, les méandres de l'onde
Du pétrole, qui fume, et du peuple, qui gronde,
Et, pourvu qu'il y palpe un échafaud au bout,
Sourit au Christ à terre et à Rigault debout!

Ils ont été méchants! De leurs sombres canines
Ils ont mordu, là-bas, à toutes les racines
De l'arbre social par la foudre ébréché!
Et le petit oiseau, sur le rameau perché,
Sentant trembler son nid et craquer les branchages,
Se demandait alors quels animaux sauvages
Rôdaient, le soir, autour de l'arbre et, vains hurleurs,
Voulaient couper le tronc pour attraper les fleurs!

La dent de l'animal s'est brisée à la peine!

Est-ce tout? Plus de bruit? Le souffle d'une haleine
Ne vient-il plus troubler la branche avec l'oiseau?
Les racines encor, formidable réseau,
De leurs lacets puissants comme des blocs de marbre
Fixent-elles au sol la colonne de l'arbre?
Eh bien! Ecoutez là! N'en est-il pas resté
Quelque rumeur dans l'air? O sourde Humanité!
Va! Colle ton oreille aux rugueuses écorces!
Et dans le cœur du bois, résonnant sous les forces
De mille vers rongeurs, tu peux entendre alors
Ce bruissement confus qui s'épanche au dehors

En cris de rage, au jour où le peuple, farouche,
Met la torche à la main et la bave à la bouche!

Donc l'arbre est malade; et qui peut dire donc
Si c'est le ver qui fait pourrir le bois du tronc,
Ou bien si c'est le bois, pourri déjà si vite,
Qui fait éclore l'œuf d'où tombe le termite?
Oh! quel œil plongera dans cet abîme noir?
Qui sait si ce Ferré, sinistre laminoir
Qui sous son lourd cylindre a fait craquer peut-être
La balance du juge et la crosse du prêtre;
Rigault, qui but du sang; Urbain, qui le flaira;
Tout ce qui fut cruel, ou ce qui le sera,
Ne sont pas vos enfants, jetés au coin des bornes,
O splendeurs qui passez auprès des têtes mornes,
L'amour du peuple au cœur comme un cigare aux dents?
O cruautés de l'or! O molosses ardents
A la chasse du sou du pauvre et de la veuve!
Qui sait si ces serpents ne seraient pas la preuve
Que vos âpres plaisirs ne tombent pas toujours
Sur le sol épuisé d'infécondes amours?
O castes qui briguez les honneurs consulaires!
Pourquoi la lave en feu des volcans populaires
Ne serait-elle pas une réaction
Du caillou du chemin contre l'attrition

Des fers de vos chevaux, qui sous eux le refoulent?
Méditez là-dessus, vous dont les jours s'écoulent
Sur les pics lumineux de l'or et du pouvoir!
Amphytrions repus qui sommeillez le soir,
La tête sur la nappe où moussa le champagne!
Méditez, méditez sur la rude campagne
Du fer du piédestal contre l'or du sommet!
Et, si vos yeux, ternis par l'abus du fumet
Des coupes de cristal, peuvent s'ouvrir encore,
Fouillez de vos regards le grand arbre sonore
Pour chercher ce qui fait, du ver ou bien du bois,
Bruire plus de frelons dans ce concert de voix!

II

Vous en tuez. C'est bien. La Mort, spectre livide,
Se laisse mieux fouiller le crâne ouvert et vide,
Que le Rêve son front dans les deux mains penché.
Le glaive est moins brumeux que l'œil du sphynx caché
Dans les replis de l'homme. Au fond, dans les ténèbres,
Le bourreau les attend, distrait, les bras funèbres
Accoudés sur la Loi. Allez! Frappez! Trouvez
De votre plomb vengeur ces larynx enroués

A glapir, meute noire, après tout ce qui brille:
Mœurs, gloire, liberté, propriété, famille!
Eh bien? Après? Le monde en est-il moins fangeux?
Plus de taches de sang? Plus de flots orageux
Faisant monter la vase à la crête des ondes?
Plus de brouillard au ciel? Dans des bouges immondes
Plus de monstres perclus, rampant sur le genou,
De ce Grousset, le sot, jusqu'à Lullier, le fou?
Plus de longs sabres nus devant des barricades?
Plus de longs régiments, de longues cavalcades
Traînant de lourds canons sur les pavés boueux?
Plus de fantômes noirs, le doigt maigre et noueux
Sur la gâchette en fer du fusil prolétaire?
Plus de cendre froidie au foyer solitaire?
De petits orphelins que l'on voit, dans ces jours,
Cherchant leur père absent, à tous les carrefours,
Dans tout passant qui vient du côté où l'on tue?
Plus de froid? Plus de faim? Plus de femme abattue
Sur le sofa du riche, ou sur l'humble grabat
Où, les rayant de l'ongle, un enfant se débat
A rechercher du lait aux sources maternelles?
Plus de torches crachant leurs gerbes d'étincelles
Au front des vieux palais? O joyeux matelots!
Plus d'écueils sous la mer? D'écume sur les flots?
Plus de misère enfin? D'insolentes richesses?
De haines? De sanglots? De larmes et d'ivresses?

De tout ce qui partout au cœur des nations
Travaille au fait brutal des révolutions?
Oh! Non! non! le bourreau, la bête immonde et lâche,
N'a jamais rien guéri, les reins sous la cravache
Dont la pousse en avant l'automédon vainqueur!
Il peut vaincre le front, mais il échoue au cœur,
Quand les foules de cœurs qui peuplent les Sodomes,
— Les uns dans des égouts, les autres sur des dômes —
Sont le nid du Désir, serpent de fer et d'or
Dont la faim est la queue et la tête un trésor!

Échangez, croyez-moi, les bras de la potence
Contre les bras ouverts de votre omnipotence,
Serrant entre eux le corps du grand sphynx social
Pour ravir à l'iris de son œil glacial
Le secret du remous qui tord, dans ses eaux vertes,
Lois, mœurs et monuments: fleurs, fruits, feuilles couvertes
De toutes les splendeurs des baisers des printemps.
Cherchez. Grattez. Creusez. Il en est encor temps.
Cessez donc de vouloir, ô superbe cabale!
Corriger Domitien par Héliogabale;
La flamme par le fer; la torche par le sang;
L'égout par le charnier toujours s'élargissant;
La cruauté du fou par la sottise aveugle.
Autour de vous, devant, dessous, le monstre beugle,

Et s'il peut quelque jour briser sa chaîne, hélas!
Courbés par la terreur, vous entendrez le glas
De la société, victime pâle et blême,
Que vous pourriez sauver en le sauvant lui même!
D'ailleurs, vous qui devant la mort des scélérats
Battez de vos deux mains, vous êtes des ingrats.
Ce sont eux qui, devant leur fatale ineptie,
Font reculer le pied de la démocratie
Dans les sentiers obscurs où, d'un pas soucieux,
La boue aux mains, le sang au front, les pleurs aux yeux,
Elle rentre blessée après de courts voyages.
C'est la Peur qui soutient de vieux échafaudages
Où, sous de gros velours, les plâtres de l'arceau
S'écaillent en fragments et tombent au ruisseau.
Oh! Vous êtes ingrats: papillon qui te flattes
De sucer le doux miel des roses écarlates,
Et toi, mouche du coche, insecte dont l'entrain
Ne fait plus qu'ajouter son poids au poids du train!
Sacristain qui vends Dieu, — lui, la main; toi, l'argile!
Sur le comptoir ouvert derrière l'Évangile;
Courtisan chamarré de plaques et de croix
Qui tisses tes rubans dans le métier des rois;
Femme à l'épaule nue, alerte libellule
Qui vas du Saint-Esprit au moineau de Catulle,
Et puis, le lendemain, brûlante d'onction,
Repasses de l'amour à la dévotion;

Bilboquet, Harpagon, Gargantua, Pancrace,
Eve après le péché, Paulus avant la grâce,
Oh! Vous auriez dû tous décerner, de bon gré,
Un autel aux Rigault et le buste aux Ferré!
Car, tandis que c'est vous qui profitez du crime,
Oui, c'est toi, liberté! qui, du fond de l'abîme,
Entends le sifflement du coup, infâme affront,
Dont le fouet communard te cravache le front!

Et toi, poète qui, du haut de ton génie,
Plonges le regard clair dans la fosse infinie
Où vont tous les débris de la société,
Appelle auprès de toi la sainte Liberté,
Couvre-toi de son ombre, et, tête découverte,
Rêveur devant le seuil d'une tombe entr'ouverte,
Donne, ce dont au moins tu peux les secourir,
L'aumône du pardon à ceux qui vont mourir!

XXIV

ROSSEL

À Alberto Osorio de Vasconcellos

Là, douze chassepots! Devant, un homme pâle!

Feu! Le voilà tombé!

Rien de mieux qu'une balle

Pour montrer... que le plomb tue assez proprement!

Oh! mais c'est bien, messieurs! Vous fîtes le serment

De sauver votre France... et la voilà sauvée!

Le vieil aigle du Rhin et sa jeune couvée,
 De leurs becs triomphants, ne mordront plus au cœur
 Le coq gaulois perché sur le canon vainqueur
 D'un fusil frappant ceux que, sous sa gueule, on pousse
 Le bandeau sur les yeux et le cordon au pouce!
 Hourra! Chapeaux en l'air! Les prussiens sont vaincus!
 Dégorgez tous les sacs avalés pleins d'écus,
 Fiers soldats de Guillaume aux gros ventres sphériques!
 Eh! Vite! Replâtrez les tombeaux héroïques
 Que votre obus mordit au seuil du Panthéon!
 Ployez vos deux genoux devant Napoléon
 Qui, route de Sedan, prend le chemin des astres!
 Rossel n'est-il pas mort? Sur tous les grands désastres
 Un **** ne met-il pas le badigeon du sang?

Rossel n'est-il pas mort? Riche, qui vas passant
 L'œil oblique toujours du côté de l'émeute,
 Dors heureux! Les museaux de toute cette meute,
 Qui glapissait hier après le capital,
 Ne sauront plus flairer que l'odeur du métal
 Où la poudre a laissé sa crasseuse dépouille!
 Tu pourras désormais, quand ta lèvre se mouille
 Aux coupes où, le soir, tu fais mousser ton vin,
 Déguster jusqu'au fond ton breuvage divin
 Sans, qu'entre une gorgée et la goutte qui reste,

Quelque souffle brûlant d'une torche funeste
Ne te fasse éclater le verre sur les dents!
Il pâlisent, éteints, tous les flambeaux ardents
Qui teignent d'incarnat les voûtes éternelles
Au jour où se rallume au feu de tes prunelles,
O peuple! le brasier des révolutions!
On n'entend déjà plus les palpitations
Qui, du sud enflammé jusqu'aux glaces polaires,
Font tressaillir le cœur des masses populaires
Sous l'étreinte de fer d'un rêve aux ailes d'or!
Jouis et sois tranquille! Au fond du corridor
Tu peux laisser ouvert ton loquet inutile!
Tu n'auras pour voler ta *bank-note* subtile
Que l'aumône en soutane ou la Vénus du coin.

Oh! mais quoi! La Vertu, de son éponge, au loin,
Lave si rudement les crêtes sociales,
Que dans la plaine, en bas, les ondes pluviales,
Par cascades tombant du front chenu des rocs,
Emportent dans leurs eaux la vase des escrocs:
Ceux qui font le mouchoir ou le patriotisme!
Les chiffonniers, la nuit, chacals du paupérisme,
Chercheront vainement, après ces heureux jours,
Aux bords noirs des ruisseaux longeant les carrefours,
Quelque débris flottant, quelque loque perdue

De Judas qu'on achète ou de fille vendue!
Les brebis dormiront sous la garde des loups!
L'anglais à *muséum* gardera des filous
Mis dans de l'alcool, comme un objet antique
Très curieux à voir. Plus de grec politique
Qui fait sauter la loi, la fortune et le rang,
Comme une carte saute au fond d'un tapis franc.
Hup! La Vertu! Bravo! Dans la joyeuse course
Candide tient la corde et Pangloss tient la bourse!
Que voulez-vous de plus? Rossel n'est-il pas mort?

Oui, c'est parfait, messieurs! car déjà le ver mord
Aux douze trous béants dans une peau bleuâtre.
Dans chaque pot bouillit la poule à Henri Quatre.
Bah! La Misère engraisse et prend du ventre aussi!
Le pain tombe à deux sous! Des deux bras raccourci,
Le spectre de la Faim se case aux Invalides!
Du vieux bonhomme Atlas les épaules solides
Se courbent sous le poids d'endémique bonheur!
Les temps sont arrêtés! La Mort, ce grand sonneur,
Laisse là se rouiller ses bourdons en chômage!
Le corbeau ne veut plus qu'on vante son ramage!
Suzon met des faveurs au cou de ses pourceaux!
Et le Mal, ennuyé, ronfle sur ses faisceaux,
Comme un lecteur à qui César fait des vacances!

Il est mort! C'est fini! Fourbissez vos balances,
O juges! et passez à l'émeri vos lois!
Çà doit être rouillé; çà doit grincer parfois
Après les grands travaux dont çà porte les traces!
Que c'est beau quand on est—Commission des grâces—
D'avoir son outillage éclatant et propre!
Vous êtes fatigués? C'est juste! Le secret
De ces fatigues-là n'est pas un sphinx terrible.
Il laisse tamiser par les trous de son crible
La cause et les effets de votre charmant tour.
On se lève à midi pour aller à la cour.
Oh! le froid glacial! la sombre matinée!
On bâille longuement devant la cheminée,
En rêvant à l'empire ou toujours aux Bourbons!
Pent-être à tous les deux. On mange des bonbons
Après la côtelette, et l'on vaque aux affaires.
On arrive. Quoi donc? Deux ou trois prolétaires
A fusiller. C'est çà. D'un geste impatient
On vote d'une main, et de l'autre on retient
Un hoquet qui s'entête à sortir, sans qu'on sache
Pas trop si ces messieurs, au milieu de leur tâche,
Ennuyés, grelottants, font l'indigestion
Ou d'une côtelette ou d'une opinion!

Le lendemain Rossel tombe sous douze balles.

C'en est fait à jamais des infâmes cabales
Contre ce qui pourrit aux bas-fonds des cités :
Ordre, patrie et mœurs, famille et libertés !

Halte-là, donc, messieurs ! Devant ces gémonies,
Brisant le masque étroit des froides ironies,
Mon vers, que chauffe à blanc la haine des bourreaux,
Comme un dompteur, au fond d'une cage à barreaux,
Brûle de son fer chaud la dent des bêtes fauves,
Vous brûlera la griffe au milieu des alcôves
Où vous traînez au lit du bourreau, chaque soir,
La Pitié, cette vierge au sein rond, à l'œil noir
Où flambe, quand il pleure, une gerbe d'étoiles !
Il vous arrachera du front les sombres voiles
Dont vous avez masqué votre lâche pâleur !
On ne va pas, la nuit, mettant, comme un voleur,
La main sur sa lanterne et l'œil aux trous des portes,
Jeter dans des cercueils des tas de choses mortes,
En soufflant sur son nom, quand on entend des pas !

Caïn signe son meurtre, et Néron ne veut pas
Cacher ses doigts sanglants sous les plis de sa toge!
Toi, prévôt anonyme au pied lourd qui patauge
Dans un sol détrempé par les pleurs, s'il le faut;
Vous, qui montez la garde autour de l'échafaud,
Craintifs, l'oreille au vent, en regardant vos ombres,
Levez-vous! et, sortant de vos repaires sombres,
Réhabilitez-vous en prenant, au hasard,
La mâchoire à Caïn ou la hache au César!

Quoi? L'ordre; dites-vous? Mais depuis quand les anges
De leur vol lumineux effleurent-ils les fanges
Dont le sang a rougi le long méandre obscur?
Ne calomniez pas les rémiges d'azur
Dont le tuyau se creuse en corne d'abondance!
Il est là, l'ange bleu, le regard sur la France,
Cherchant à la bercer dans les bras de l'oubli,
Comme un enfant qui dort, encore tout pâli
Par quelque rêve affreux, dans les bras de sa mère!
Et vous, rampant après une ignoble chimère,
Vous voulez effrayer le monstre énorme et faux
En le ressouffletant par dessus l'échafaud,
De la main d'un cadavre! Au loin, dans les ténèbres,
Ne le voyez-vous pas sur les gradins funèbres
De la rébellion, debout, échevelé,

Battant de ce squelette un volcan refoulé,
En faire rejaillir le feu par les crevasses?
Au milieu des écueils, et dans d'affreuses passes,
Par les eaux engloutis, rejetés par les eaux,
Là, ne voyez-vous pas, comme de noirs oiseaux,
Passer dans l'ouragan des lambeaux de suaire?
Et lui, cet homme pâle, ainsi qu'un belluaire,
A voulu museler le terrible puma
Qu'on nomme—Multitude—et dont la chair fuma
Parfois sous le fer chaud qu'y mit la discipline!
La bête, enfin, d'un coup de sa patte féline,
Le rejette à Mazas; Mazas à Satory;
Rigault, le procureur, à d'autres gens d'esprit
Qui ne comprennent pas, le traînant dans la boue,
Qu'ils frappent, du soufflet dont ils frappent sa joue,
Le dieu dont ils se font les prêtres; et que, là,
Seulement dans son trou, joyeux, le ventre à plat
Sur ce corps fusillé, le lion anarchique
Se plaît à reflairer le poignet énergique
Qu'ils lui jettent meurtri sous son museau sanglant.
Il regarde à sa griffe, et puis se bat le flanc
De sa queue, alléché par l'odeur des blessures.
Comme l'aimant au fer, est le sang aux morsures.
Et toi, juge imprudent, héros du talion,
Tu fais fumer le sang sous le flair du lion!

La patrie? Il est là, debout, rêveur et sombre,
La main sur son épée. Il fouille la pénombre
De son regard de feu, pour chercher où, demain,
En y frappant du pied, ainsi qu'un vieux romain,
Il puisse en arracher des cohortes nouvelles.
L'horizon est muet. Ses brumes éternelles
Ne laissent entrevoir que d'immenses vautours,
Qui s'en vont du côté de la France, toujours
Le bec ouvert et l'œil rougi de sombres flammes!
Autour de lui tout craque: et les corps et les âmes!
Tout se rompt sous les fers des chevaux d'outre-Rhin!
L'herbe croît aux glacis, sous la gueule d'airain
Des canons muselés par des mains étrangères!
Et comme, dans un coin, de pâles ménagères
Enfouissent leurs écus à l'heure des combats,
On enfouit le drapeau de la France, là-bas,
Dans les sentiers obscurs de la diplomatie.
Mais, lui, la haine au cœur, dans la brume épaisse
Voyant parfois passer des éclairs d'Iéna,
Il prêta son oreille à tout ce qui tonna
A l'unisson du cri de son angoisse énorme.
Peu lui fait l'étendard, et le nombre et la forme,
Pourvu que le canon crache son boulet noir
A la face de l'aigle au double front. L'Espoir

Ouvre son aile bleue au-dessus de sa tête!
Et quand vous, maréchaux, en beaux habits de fête,
Y perdiez des combats en gagnant au billard,
Il voulait de sa main briser le corbillard
Où l'on traînait la France à la fosse commune!
Paris bout? A Paris! Qu'est-ce que la Commune?
Des fusils et des bras. Autour de cet ilot,
Dont la vase verdit le pied noir sous le flot,
Son œil ne voit au front des lames triomphales
Que les panaches blancs qu'y mettent les rafales!
Il veut, le pauvre fou, titan qu'on a flétri,
Escalader le ciel, de son genou meurtri,
En élevant, là-bas, dans cette sombre plaine,
Les dalles de l'égout au niveau de sa haine!
Et vous, qu'avez-vous fait, vous qui le condamnez?
Oh! Je les vois encore, à l'abattoir menés,
Ces pauvres régiments sans pain et sans cartouche,
Qui s'en vont, les pieds nus, et la rage à la bouche,
De Scylla-Bonaparte à Charybde-Le Bœuf!
Le prussien est bien fort, mais quatre-vingt dix-neuf
Retrempe aussi ses bras pour de nouvelles luttes!
Qu'on l'assomme! En avant! Ecrasons sous les chûtes
Du vieil aigle allemand la jeune liberté!
Et, puis, la France tombe, et, sur son corps jeté
Comme un pont sur des bords que quelque gouffre écarte,
Vous passez du serment à Monsieur Bonaparte

A des serments nouveaux et très-républicains!
Eh! Lapidez Rossel, scribes et publicains!
Allez! Vous êtes purs! et votre main austère
Peut jeter des cailloux à la femme adultère!

O mœurs! D'un arbre mort vieux noyaux pleins de fiel!
Pourriture qui vas aux quatre vents du ciel!
Comme un filet de sang donne aux sciures de l'arbre
La dureté du fer et le poli du marbre!
Il est bien loin ce temps, sous l'histoire abattu,
Où, d'une main légère, au bord de la Vertu,
Pour franchir ce ruisseau, qui sous eux se dérobe,
Phryné trousse sa jupe et Caïphe sa robe!
Les sénats ne font plus la sauce des poissons!
Autour des lampes d'or, la faux de ces moissons,
Le feu ne rogne plus les ailes des phalènes!
Dans l'église à la mode un tas de Madeleines
—A la fin de l'orgie où leurs dents ont mordu
A toutes les douceurs du beau fruit défendu,
La lassitude au bout de leurs rêves étranges—
Comme on jette au ruisseau l'écorce des oranges,
Ne jettent plus au Christ les zestes de l'amour!
Quand la lampe pâlit devant l'aube du jour,
L'Hypocrisie, alors, sous son regard punique,
Ne va plus rajustant les pans de sa tunique

Qu'ouvre, la nuit, le doigt des folles Astartés!
Rome revient à Rome, et sur ses libertés
Les fers d'Incitatus ne laissent plus de traces!
Debout, pour les nourrir, le dernier des Horaces
Donne son sang à boire aux louveteaux romains!
Commode n'est plus dieu! Par de nouveaux chemins
Caligula, le fou, remonte au Capitole!
L'Usure se promène aux rives du Pactole
En jetant du biscuit au brochet affamé!
Là, devant le Baptiste, au plat de Salomé
Fume quelque régal pour sa bouche rieuse!
La Misère, la nuit, sombre et mystérieuse,
Ne va plus dans un coin marchander son enfant!
L'Envieux, ce ver noir à la bouche qui fend
Les rameaux de tout arbre où toujours l'on attrape
L'arome d'une fleur ou le jus d'une grappe,
Passe à côté de l'or, du rang et du pouvoir,
Sans même y regarder, comme un passant, le soir,
Auprès de quelque bois hanté par des sorcières!
L'or, le rang, le pouvoir, ces remous de poussières
Que creuse le simoun dans le sable mouvant,
N'aveuglent déjà plus le cheval qui souvent
Fourbu, le sang au ventre, et le dard de la mouche
Lui mordant à la langue au dehors de la bouche,
A travers le désert porte au fond du Maroc
Quelque bédouin voleur, aux moustaches en croc,

Au long burnous flottant, à lourde carabine,
Au grand poignard d'acier, que l'argent damasquine!
Et c'est un peu de plomb, par des fusils craché,
Qui redore le monde! O grand aigle perché
Sur les pics nuageux de la philosophie!
Ouvre l'aile de feu qui, là-haut, s'atrophie
Dans le vide effrayant du discours où l'on va
Du poisson de Tibère au dragon de Siva;
Remonte dans l'azur sillonné par les mondes
Et, de là, foudroyant dans leurs bouges immondes
Tous les oiseaux de nuit, qui hantent les charniers,
Fais tomber de leurs becs les os des prisonniers
Que livrent les bourreaux à leur gueule vorace!
Va, vieil aigle puissant, de ton foudre terrasse
Ces hibous aux yeux verts, au vol aux longs détours,
Qui, quand ils vont le soir à la chasse, toujours
Mettent des taches d'encre au front de quelque étoile!
Les mœurs! En quoi cet homme avait-il de son voile
Dépouillé la Pudeur, statue où tout faquin
Met, en passant, un mot au crayon de Pasquin?
Ne le voyez-vous pas, de sa sombre pupille,
Le front pâle accoudé sur sa main immobile,
Dévorer quelque page où la Victoire, au loin,
Le clairon à la bouche et le *telum* au poing,
Repasse en déployant le drapeau de la France?
Avez-vous jamais vu son pantalon garance

Sur quelque canapé du boudoir de Laïs?
Son doigt a-t-il fouillé le gousset du pays
Pour faire à Danäe d'olympiques averses?
L'avez-vous jamais vu de ses deux mains perverses
Déchirant la tunique aux martyrs, quelque jour,
En jouer les fragments sur la peau d'un tambour?
Quichottes du supplice, allez, ô preux sensibles!
Redressez tous les torts dont les mœurs sont passibles,
Et, sous l'œil de Panza, héraut du carrousel,
Enfoncez votre acier dans le cœur de Rossel!
Bien! Que tu serais grand, quand ta lame l'accule,
O Quichotte! si tu n'étais pas ridicule!

La famille? Oh! réponds, toi, la frileuse enfant,
Toi, la petite sœur qu'il faisait, triomphant,
Sauter sur ses genoux devant le feu de l'âtre
Quand l'hiver, au-dehors, de son manteau noirâtre
Secouait le grésil sur le pignon du toit!
Réponds-leur, ô vieux père! aussi réponds-leur, toi,
Pauvre mère, et vous tous qu'au foyer domestique
Fondiez vos pauvres cœurs dans un cœur, extatique
A se sentir fondu dans tous ces autres cœurs!
Vois, petite Sarah! Ils ont, tous ces claqueurs
Du succès, fusillé, pour sauver la famille,
Celui qui t'embrassait sur le front, jeune fille,

Quand quelque rêve noir de son aile effleurait
Le cristal de ton front! Naguère il accourait
Le baiser sur la lèvre, et pour sécher tes larmes,
Quand ta poupée, hélas! te causait des alarmes
Lorsque les yeux d'un chat en convoitaient les yeux!
Depuis, quand la Pensée, en tâtonnant aux cieus,
Y cherchait le chemin de ton intelligence,
Quelle onde de baisers paya la diligence
Qu'alors ton doigt mettait à l'épellation
De ce doux nom de frère! O mon pauvre alcyon
Qui restes presque seul au bord de la tempête!
Qui pourra, désormais, détourner de ta tête
Les éclats du granit, quand sur elle, effaré,
Perdu sur quelque écueil, d'écumes entouré,
L'avenir soufflera l'orage de la vie?
Tes vieux parents? Ta sœur? O jeune âme asservie
Aux tribulations des immenses douleurs!
Ne sais-tu pas, enfant, toi, que toutes les fleurs
Se fanent quand le tronc se rompt sous un orage?
Où l'ouragan a-t-il emporté, dans sa rage,
Ta mère, scabieuse, avec ta sœur, un lys?
Où sont-elles? Là-bas dans quelqu'un des replis
Du deuil de la Tristesse? ou, dans leur course ardente,
Sous la porte d'airain où la strophe du Dante
A mis du désespoir le distique infernal?
Un soldat foule-t-il, de son lourd pied banal,

Les débris de ces fleurs sur la boueuse couche
Où ton frère a laissé l'empreinte de sa bouche?
Ton père? Mais ton père usa ses deux genoux
Et son âme à traîner sa douleur devant vous,
Pourvoyeurs de gibets, qui nourrissez vos âmes
De sanglots de vieillards, et de larmes de femmes!
Que reste-t-il, hélas! de cet essaim si beau?
Quatre rayons sans miel et l'abeille au tombeau!
Pleure! Ils ont passé là, ces rédempteurs austères
Qui sauvent la famille en fusillant des frères!

Les libertés? Silence! Oh! n'effarouchons point
Ce chœur d'anges du ciel—élargissant au loin
Les cercles de leur vol dans la voûte infinie—
En mettant sous leurs yeux, à la lueur jaunie
D'un froid matin d'hiver, adossée à des pieux,
Devant des chassepots, le bandeau sur les yeux,
Les menottes aux mains, et les pieds dans le givre,
Leur sœur aînée, hélas! la liberté de vivre!

C'est ainsi qu'on arrache aux bas-fonds des cités
Ordre, patrie et mœurs, famille et libertés!

Comme jadis au temps des empereurs de Rome,
— Quand elle pourrissait au fond de l'Hippodrome
Sous la casaque bleue ou verte d'un cocher —
Elles s'apprêtent, là, pour la course au clocher,
La faction des blancs, la faction des rouges.
Partout sur les gradins les palais et les bouges
Vomissent des joueurs à chaque faction.
Deux chevaux sur la piste. Un est *Réaction*;
L'autre, *Démagogie*. Au loin un d'eux se cabre
Sous l'éperon de l'or et sous le fouet du sabre;
L'autre bondit de peur devant tous les haillons
Que la Faim met au dos de ses noirs bataillons.
Trois épreuves. On part. Bravo! *Démagogie!*
Tout craque sous tes fers! Dans cette folle orgie,
Ton jarret fait sauter la fange jusqu'au ciel!
Tout reste éclaboussé de cendres et de fiel!
Bon premier. On repart. Mais, bravo! l'autre bête!
De cendres et de fiel quelle folle tempête!
Et comme jusqu'aux cieux tu fais sauter le sang!

La multitude hurle et se bat.

Ravissant!

Allons! Un autre tour! Vous êtes manche à manche,
O toi, Commune rouge, et toi, Commune blanche!

SEGUNDA PARTE

COMEDIA

XXV

LENDAS POLITICO-MUNICIPAES
DO SECULO XIX

A João Chrysostomo Melicio

I

D. XAROPE, O PAE DA PATRIA

(LENDAS ELEITORAL)

I

Em março, mez das tosquias,

Este caso foi passado;

Segundo *As Economias*,

Consulibus: **** *

E um *****-**** desbotado.

Ha que tempos não foi isto?!
 Ainda o T. não ia ao fato
 Dos taes Judas do seu Christo!
 Pedir ao ***** o—visto—
 Ainda vinha o candidato!

O ***** não se importava
 Co'a voz do ***** , tremenda,
 Nem a todos perguntava
 Porque *fulano* jantava
 Co'o ministro da fazenda!

O ministerio n'essa hora
 A trote rasgado —serio!—
 Ia pela patria fóra!
 Hoje precisa d'espóra
 Para andar, o ministerio!

A historia que, ó musa, arriscas,
 É velha como o *****!
 Data das eras ariscas
 Em que comiam as iscas
 Os que *et cætera*... nas redes!

II

Era uma vez um sujeito,
Modelo de caridade!
Pondo-se-lhe um pinto ao peito
Dava cabo, dito e feito,
Das tosses da humanidade!

Oh! que tempos tão felizes!
Ninguém, por menos dinheiro,
Por todos esses paizes,
Desentupia os narizes
Cá da terra e do estrangeiro!

Ninguém defluxos cozia
Co'uma perfeição tão bella,
Como o nosso heroe fazia
Com dois litros de agua fria
E tres figos dentro d'ella!

Era mesmo um gosto vel-o,
Da fornalha sobre o cume,
Arrancar ao figo o pello
Do bolor! depois, cozel-o
De barrete branco ao lume!

E no emtanto, como settas,
Ia a *réclame* a galope,
Embocando nas trombetas
As pharmaceuticas petas
Do famoso D. Xarope.

Xarope! nome elevado
Qual no céu de agosto o cirro!
Que parece destinado,
Por algum deus constipado,
Ao parlamento do espirro!

III

Era o rei dos elegantes!
— Seja dito isto em segredo —
Luminosos, scintillantes,
Trazia nove brilhantes
Na terça parte de um dedo!

Tinha peitilho bordado
Com seus folhos de canudo!
Punho um tanto amarrotado
Por andar desconfiado
Co' o casaco de velludo!

Uns quatorze botões de ouro
Na camisa transparente!
E de *votos* um thesouro
No metal luzente e louro
Do relógio e da corrente!

Tanto á farta luva usava
No dominical folguedo,
Que sempre lhe sobejava
O tamanho de uma fava
Na ponta de cada dedo!

Côr de mel e azul-ferrete,
Amarello e verdes-gaios
Lhe pintavam a *toilette*;
Tudo vindo no paquete
Da Paris... dos papagaios!

E a chronica até declara
Que, á vista d'este espavento,
O ***** lhe encommendara
Trezentas pennas de arara
Para a escripta do orçamento!

IV

Por fóra todo chibante!
Bengalinha de ir ao *centro*;
Bota fina—o pé... possante—
Gravata de côr frisante
No pescoço. E lá por dentro?

Por coração, anjo bento!
A nojenta prateleira
De um *prego* a trinta por cento!
Na séde do entendimento
Tres lascas de pederneira!

V

Cançado de pellar figo
N'uma noite de novembro,
Poz a cabeça ao postigo,
Viu Portugal e consigo
Resmungou, se bem me lembro:

« Esta vida de agua fria
« Não me agrada, cavalheiro,
« Tudo figura hoje em dia,
« E só vossa senhoria
« Deixa o nome no tinteiro?

« Segundo a fama buzina,
« Faz cousas dignas de espanto,
« Obra rica, papafina,
« O pintarroxo da esquina,
« Do largô do Corpo Santo!

« De chanfalho posto ao lado,
« E seja qual for o ensejo,
« Representa de soldado
« O macaquito pellado
« Das pequenas do realejo;

« Memoria das eras toscas,
« Do Lagoia o velho macho,
« Mascando do freio as roscas,
« Faz figura e enxota as moscas
« Com as plumas do pennacho;

« Um maltez, ultimo filho
« De Maria-Rita— a gata —
« Piza com dobrado brilho,
« Nos becos d'Alfama, o trilho
« Da materna patarata;

« E só vossa senhoria
« Encerrado aqui no templo
« Dos figos e da agua fria!
« D'essa illustre bicharia
« Não lhe pica n'alma o exemplo?

« Pois não vale o senhor tanto
« Como o gato e o macho... e tudo?
« Deita, por ventura, ao canto
« Macacal purpureo manto
« Um casaco de velludo?

« Vamos! eia! á valentona!
« Tome de arrojo uma gramma,
« E faça andar n'uma fona,
« Com dez litros de mamona,
« Todas as tripas da Fama! »

VI

Apenas findara a rima,
A serpente da vaidade
Trepou-lhe pela alma acima.
Sentiu-se materia prima
De alguma celebridade!

Mas o diabo era a escolha
Do modo de haver renome;
Costumado ao frasco e á rolha,
De como ataria a folha
Á cauda do proprio nome?!

Diz-nos o livro citado
Que chegou ao ponto a festa
De bater o desgraçado,
Julgando o predio habitado,
Quatorze vezes na testa!

Como ninguem respondesse
De aquelle deserto *Chaco*,
Disse ao moço que descesse,
Pois queria que lhe dêsse
Uns dois dedos de cavaco.

VII

« Bento? — *Meu xenhor?* — Do olvido
« Vae rasgar meu nome a lousa!
« Estou prompto e resolvido
« A tornar-me conhecido
« Nos annaes... de qualquer cousa!

« Tu, que lês, um dia inteiro,
« Os *relatorios* do *****;
« O *Perfeito Cosinheiro*;
« E os discursos do *****
« Nos Carvalhos, *pro* *****;

« Tu, que tens conhecimento
« — E gostoso hoje o registro —
« De governo e parlamento,
« Por já teres sido, ó Bento,
« Trintanario de um ministro;

« Vem salvar-me d'este aperto,
« Pois o caso é doloroso!
« Que hei de ser famoso é certo,
« Mas nem por diabo acerto
« Co'ò o modo de ser famoso!

« Que sorte, ó Bento, me espera?
« — *Ó patron, eu chei lá de icho...*
« — Sabes, sim. Tal eu soubera!
« Vá... não sejas mau... pondera
« Que é negocio de capricho!

« *Ó patron, nun chei...* — Amigo,
« De gatas peço e requeiro...
« — *Baya! Entonches, patron, digo:*
« *Se fôche a coicha comigo,*
« *Nun desgostaba... de archeiro...*

« — Tens razão! Que bellas fardas!
« Que chapéu tão elegante!
« Que lindeza de alabardas!
« O diabo é fazer guardas
« Sósinho... de noute... adiante.

« — *E se fôche despachado*
 « *Commendador?* — Ai, dizia,
 « E diz um rifão citado,
 « Que todo o gato escaldado
 « Foge sempre da agua fria!

« — *E múxico, patron?* — Vales,
 « Bento, o ouro que o mundo encerra;
 « Mas n'isso agora não falles;
 « Já repenico os tymbales
 « Nas orchestras cá da terra.

« — *Redactor do «Furibundo?»* —
 « — Isso sim, que me servia,
 « Se não fôra o odio profundo
 « Que consagro n'este mundo
 « Às cousas da orthographia!

« — *Oicha lá patron. Fallaban*
 « *Lá na cache onde eu cherbia*
 « *N'unx homes que che chentaban*
 « *E depois che lebantaban*
 « *N'uma chala muito esguia;*

« *Que andaban chempre em barulha,*
 « *E eran coicha achim de botos;*
 « *Que em tocando na borbulha*
 « *Unx aos oitros, ai que bulha*
 « *Fachiam! que terramotos!*

« — *A borbulha pede unguento,*
 « *Então é comigo a historia!*
 « *O nome d'elles, ó Bento!*
 « *Vamos! fura o entendimento*
 « *Co'a verruma da memoria!*

« *O nome patron? Que demo!*
 « *Ai que num me lembra... — Sabio*
 « *Mancebo, um esforço extremo!*
 « *Não vês como todo tremo*
 « *Suspenso d'esse teu labio?*

« — *Ora oicha, patron, les daban*
 « *Por nome... — Ó propicios fados!*
 « — *Chim... por nome... les nomeaban...*
 « — *Ai! que estouro! — Les chamaban...*
 « — *Les chamabam... — Depuitados!!*

« — Deputado! deputado!
« Ir ao Paço!... Dar ao dente
« Nas funcções!... Chapeu armado!...
« Ver ministros!... Apoiado!...
« Rejeito!... Approvo!... Presente!...

« Deputado!!! Sobre um cento
« De coraes de pato mudo,
« Te juro e rejuro, ó Bento,
« Que ha de entrar no parlamento
« Um casaco de velludo! »

E o Xarope todo grego,
De alegria, avança e... pára;
Dá dois beijos no gallego
Que, com o maior socego,
Se safou, limpando a cara!

VIII

Vendo-se só, dá tres passos...

Estaca... põe-se no recto;

Depois... abertos os braços,

Ajoelha, e diz a espaços,

Cravando os olhos no tecto:

« Ó James! ó fonte rica

« Dos patacos que se batem

« No balcão d'esta botica!

« Mercurio, que pões na estica

« A bolsa dos que rebatem!

« Ó suborno, habil sereia!

« Calumnia, de nectar golo!

« Intriga, mágica teia!

« Ó medo, do fraco peia!

« Ó promessa, anzol do tolo!...

« Valei-me, nobre *seteto*,
 « N'estes novos, largos contos!
 « Se nas côrtes o pé metto,
 « Resolvo, juro e prometto,
 « Cumprir estes quatro pontos:

1.^o

« Juro nunca mais na vida
 « Emprestar a tres por cento;
 « A cinco, ao menos! que lida!
 « —Cada mez... cousa sabida—
 « E com penhor, accrescento!

2.^o

« Tambem juro n'este dia
 « —Da politica mysterios!—
 « Por dever... de cortezia,
 « Pertencer á maioria
 « De todos os ministerios!

3.^o

« Por maior que seja o pico,
 « Tambem juro hoje e sustento,
 « E por esta jura fico,
 « Que nunca abrirei o bico
 « Na sala do parlamento!

4.^o

« Por ultimo, não me ensaio
« Para jurar, finda a historia,
« Que hei-de, até ao mez de maio,
« Ir direito como um raio,
« Como o outro que diz... á gloria! »

E cançado—o livro o aponta—
D'esta enorme brincadeira,
Sentindo a cabeça tonta,
Foi dormir a sua conta
N'um fardo de herva cidreira.

IX

Então é que foram ellas!
Toda a noute em vagos sonhos
Viu cartinhas, esparrellas,
Governos, engraixadellas,
Figos, votos e medronhos,

Listas, cabos, lambedores,
Meias libras e vinhaças,
Basalicão, regedores,
Foguetes, agua, penhores,
Fardas, urnas e linhaças,

Correios, secretarias,
Tosses, concertos, estradas,
Tymbales, anjo, harmonias,
Bandeiras, gallegos, pias
E mil outras trapalhadas!

Foi tal o nocturno aneio
—Aqui falta a rima em «oudo»—
D'esse rijo devaneio,
Que quando acordou no meio
Do outro dia... estava doudo!!!

X

Tomou logo um fogueteiro
D'empreitada, por um anno.
Promoveu a conselheiro
O gallego, e fez bombeiro
A todo o genero humano!

Reformou todos os tachos
Da botica e o velho sêllo!
Descobriu talentos machos!
Deu mitras e fez despachos,
Que era mesmo um gosto vel-o!

Compadre por atacado,
Mandou concertar os sinos
E pôz, nos papeis, ao lado
Do xarope, um novo brado:
«Quem quer baptisar meninos?»

Disse ao sol: « como equilibras,
« Sem me ouvir, a massa ardente? »
E sentindo em lume as fibras
Começou a dar com libras
Na cara de toda a gente!

XI

E venceu!!! N'esse momento,
Mez e meio após o entrudo,
Cumprira-se o juramento!
Tinha o luso parlamento
Um casaco de velludo!

XII

Diz a chronica citada,
N'um párrafo pequerrucho
Que um dia, feita a chamada,
Foram dar com elle na escada
A chorar como um repuxo.

Qual era a razão do alarme,
Perguntaram-lhe os porteiros:
« Não' venham apoquentar-me!
« É que o ***** não quer dar-me
« A pasta dos estrangeiros!!! »

XIII

E aqui pára o manifesto
Do livro em que, ó musa, boles;
Mas diz uma nota ao texto:
Quem quizer saber o resto
Vá buscal-o a Rilhafolles!

II

D. XAROPE, O ORADOR

(LENDAS PARLAMENTAR)

I

N'uma certa quarta-feira,
O *deficit* muribundo
Tinha padre á cabeceira
Que, sem pôr mão na algibeira,
O mandava ao outro mundo.

D'esta arte a moral o ensina;
Nunca deve, certamente,
Confessor de raça fina
Ajudar a medicina
A dar cabo do doente.

Ora a cousa deu tal brado,
Que o *****, bom patriota,
Fez mercê de um *t* dobrado
Ao *t* desemparelhado
Do nome do padre *****.

E provou-lhe— d'esse athleta
Em signal de preito ás luzes—
Como elle, o *****, é, sem peta,
A mais larga taboleta
De cordões, fitas e cruces.

Ora, desde esse momento,
Anda tudo em corropio;
Patria, lei, povo, orçamento,
Ministerio e parlamento
Lhe pendem da bocca em fio.

Pois a logica propala
Que se o *****, em facil esmo,
O universo inteiro eguala,
É claro que em tudo falla
Quando falla de si mesmo.

Mas, do *****-*** á vista,
O que muito bem percebo
É que a famosa entrevista
Entrará, por fim, na pista
De alguma questão de cebo.

E assim foi! Tudo termina
Por encommendar o hyssope,
Da parte do tal grazina,
Um pataco de benzina
Ao famoso D. Xarope.

Veiu a droga; e da leitura
Do papel, que embrulha a venda,
Como de fonte segura,
Foi extrahida a escriptura
D'esta nova, egregia lenda.

II

Quasi um mez era passado
Desde que o Xarope, o mudo,
Já metterá, todo inchado,
A aprendiz de deputado
O casaco de velludo;

Desde que *sua excellencia*,
Se a questão lhe dá no goto,
Para votar com prudencia,
Mette a mão na consciencia...
Do senhor *****;

Quasi um mez, de Lysia ó filhos,
Desde que, no parlamento,
Já gastara uns dois fundilhos
Co'a eloquencia dos sarilhos
De repôr e alçar o assento;

Quando disse, da demencia
Co'os botões, um certo dia:
— Fallo assim na intelligencia
De que eram de *sua excellencia*
Os botões com que o dizia —

« Hoje ouvi contar na escada,
« E, tambem, nos corredores,
« Que o *****, de mão beijada,
« Vae fazer uma fornada
« De novos commendadores.

« Ora, como o ministerio,
« Se não traz perdido o vezo,
« Ha de lembrar-se, mui serio,
« Co'o seu mui sagaz criterio,
« De varios homens do pezo;

« Ha-de lembrar-se, sustento,
« D'este seu dilecto filho
« Que, no luso parlamento,
« Traz vinte kilos de assento
« Em dois metros de fundilho!

« O diabo é que não devo
« Aceitar mercê ou fita,
« Em quanto o meu nome escrevo
« Com parlamentar relevo...
« Nos bilhetes de visita;

« Em quanto, empregando as sobras
« D'esta minha humanidade
« Em votar mil varias obras,
« Salvo a patria co'as manobras
« Do centro de gravidade.

« Porém devo á cortezia
« Do governo, se bem grasno,
« Provar, bem á luz do dia,
« Que a mercê não recaía
« Em nenhum pedaço de asno.

« Resolvo, pois, de caminho,
« Porque possam vêr-me o adarme,
« N'esse mez, que está visinho,
« Todo inteiro, entregadinho,
« Nas côrtes apresentar-me,

« E em voz alta—ó cataclismo!—

« Perpetrar requerimento

« Na pessoa do mutismo

« Com que sempre voto e scismo

« Nas cadeiras de S. Bento!

« E então se verá mil vezes

« Que não foi em vão que o brado

« Dos catarrhos portuguezes

« Transformou, quasi ha dois mezes,

« Um xarope em deputado;

« Que a legislativa, ardente

« Chamma em que esta alma se embebe,

« Poz na electrica corrente

« A moção de—*farda urgente*—

« Para a mesa... do algibebe!»

III

Apenas fallado tinha,
Larga a banca, de repente,
Onde, a um canto da cozinha,
Temperava uma mézinha
Muito parlamentarmente.

Manda chamar pelo *Avintes*
Logo, a cavallo no potro,
Um dos seus constituintes,
Homem bom para os acintes
De fallar por labios de outro.

Vem o amigo. Uma cadeira
Toma no meio da sala;
E, depois d'exposta a feira
D'espadim, farda e bandeira,
D. Xarope assim lhe falla:

« Antes que loureje o trigo,
« E que o mez acabe o curso,
« Preciso, como lhe digo,
« Meu bom e leal amigo,
« De que me faça um discurso.

« — O tamanho? — Meia folha.
« — O estylo? — De deputado.
« — Qual o assumpto? — Á sua escolha.
« — Quero uma semana. — Dou-lh'a.
« — Voltarei. — Muito obrigado. »

E foi-se! Porém ao cabo
D'esse prazo concedido,
— Faça-nha d'eterno gabo! —
Tinha a arara prezo ao rabo
O discurso promettido.

IV

Começou de madrugada,
Logo no dia seguinte,
A decorar a estopada
Que lhe fôra alinhavada
Pelo seu constituinte.

Desde então, misera historia!
Passa o heroe a vida inteira
N'uma tarefa irrisoria
De furar com a memoria
As lascas da pederneira.

Elle, o mais vivaz derricko,
O melhor bufão do mundo,
Fez-se pallido, remisso,
Boquiaberto, espantadiço,
Tetrico, meditabundo.

Olhava com vistas tortas;
Fallava só nas esquinas;
Era até visto, a horas mortas,
Escondido atraz das portas,
A resmungar sabbatinas.

Confundia a tosse e as asthmas
Com politicos principios;
Cheio de negros phantasmas,
Misturava cataplasmas
Com verbas de municipios.

Uma vez que, no *Recreio*,
Repenicava os tymbales,
Deixando o rufo no meio,
Exclamou, com vivo aneio:
« *Cifra! Cifra! Quanto vales?* »

Outra em que, para alimento,
No fogão encaixa um toro,
Deixa queimar, desattento,
Um tacho de cozimento
E relincha: « *Meteoro!* »

Um dia chega uma velha
E pede-lhe um sinapismo
Para pôr atraz da orelha;
Elle franze a sobrancelha,
E responde: « *Anachronismo!* »

Em fim, trouxe tanto a lume
Tal e tanto despauterio,
Subiu tanto do erro ao cume,
Que a serpente do ciume
Mordeu todo o ministerio!

V

Chega, em fim, o grande dia!
D. Xarope, co'elegancia,
Para honrar a maioria
Faz,—e quem não a faria?—
Toilette de circumstancia.

Á força de chibatada,
Põe lustroso o terciopelo;
E da manga avelludada
Pinta, com rolha queimada,
O ruço do cotovello!

Tira do armario das banhas
O chapéu de seda pura
Que comprara, todo em sanhas,
Para as immortaes campanhas
Da sua candidatura!

Co'os anneis, que estima e adora,
Anda á roda, em dois instantes;
Depois... logo... sem demora...
Vira da parte de fóra
Todos os nove brilhantes!

Para que não se incommode
Co'a pomada, que anda em mingua,
Salivando quanto póde,
Lustra o pello do bigode
Com duas voltas da lingua!

De uma ex-caixinha d'unguento
Saca a bolsa, libras, notas;
E co'um rodilhão sebento
Puxa, a cuspo, o polimento
Das possantes, longas botas!

Com magnesia calcinada
Caia o punho e o folho antigo,
Onde a camisa bordada
Tinha a côr amarellada
De algumas nodoas de figo!

Para a egregia caturreira
Do parlamentar concurso
Se arranjou de tal maneira,
Que até poz na cabelleira
Um vintem de banha de urso!

E nem, sequer, se lembrava
Que elle assim—fatal excidio!—
Connivente se tornava
N'uma cousa que cheirava
A crime... de fraticidio!

VI

Desce. Chama pela velha
Típoia, guinchante mono,
Que, como a fama aconselha,
Anda sempre de parrelha
Quando vae lá dentro... o dono.

Depois senta-se, assoprando;
Sua o rosto em bastas chuvas;
E lá vae, de quando em quando
As bochechas abanando
Com as dez favas das luvás!

VII

Como o relógio mostrasse
Que era um pouco já tardinho,
Por que o ensejo não passasse,
Disse ao moço que apressasse
O passo do cavallinho.

Zune o pingalim! Chibante
Corta o pello como fouces!
Mas o pobre rocinante,
Em vez de andar adiante,
Anda para cima... a couces!

Berra o dono, puxa o freio,
Sem lembrar-se D. Xarope
Que o bruto, d'espravões cheio,
Ha quatorze annos e meio
Se esquecera do galope!

E que assim tudo lhe andava
Em symetrica apparencia:
Pois se um das pernas puxava,
Ai! tambem o outro mancava
Do lado da intelligencia!

Por fim, quebrado o chicote
No espinhaço do jumento,
A dois-quinze-avos de trote
Se encaminha D. Quixote
Para o largo de S. Bento.

VIII

Cumprimentou, do caminho
Em muitos e varios pontos:
Dezoito ramos de vinho,
A rebeca e o *Machadinho*,
Dois fiscaes e o *. *** *****.

Um malsim, dez aguadeiros,
O ministro das gebadas,
A mulher dos fogareiros
E tres duzias de bombeiros
Das eleitoraes fornadas.

Um freguez dos lambedores,
O tótósinho de um cego,
Dois cabos, tres regedores,
Vinte gatos d'eleitores
E cem victimas do prégo.

Dois velhotes de chinello,
A preta da fava rica,
O rapaz do caramello,
E até o macho amarello
Do carrão do *Fomenica!*

Taes cumprimentos desabam,
Que aos cumprimentados cheira
Que essas epochas voltavam,
Em que as urnas se encontravam
De comadre á cabeceira!

IX

Pede a palavra. Ó desgosto!
Ao ouvir esta parodia,
Da sala no canto opposto,
A syntaxe vela o rosto
Na mortalha da prosodia.

Dão-lh'a. A face rubra expande
Ao calor da interna fragua!
E, antes de que a lingua lhe ande,
Por fazer de cousa grande,
Pede logo um copo d'agua.

Abre a bocca; coça a orelha;
Fecha a bocca; vendo a pista,
Torna a abril-a. A sobrançella
Franze, encrespa, e uma centelha
Lhe relampeja da vista.

Centelha de genio? alento?
Nada! Apenas a luzeira
Do bater pesado e lento
Do *ferro* do esquecimento
Nas lascas da pederneira!

Com olhos reparadores
Percorre, de lado a lado,
Galerias, corredores;
E não vendo os eleitores
Sentiu-se mais animado.

Precaução mui providente!
Pois o seu medo era aquelle
De que estivesse presente
A maior parte da gente
Que tinha votado n'elle.

E ainda assim, como não golfa
Da memoria o que aprendera,
Na algibeira o braço engolfa,
Tira um papel, lê por solfa
A cantiga que esquecerá!

Paro aqui. Razão nenhuma
Ha de seguir na materia,
Porque se esta historia, em summa,
Té aqui respeita ao Numa,
D'aqui por diante... á Egeria.

X

Ó vil turba de invejosos,
Que zombas, em vil cavaco,
Dos effeitos milagrosos
Dos caldos ferruginosos:
Mette a viola no sacco!

A verdade bem patente
É que, nunca, foi ao vivo
Cumprindo tão fielmente
O systema que essa gente
Chama — representativo.

Pois, por mais que a mente o pinte,
Nunca em tão directo brado,
Nem com tão fiel requinte,
Fallou um constituinte
Por bocca de um deputado!

XI

E eis aqui, segundo a lenda
Que vae pôr o extremo tope,
Como agradeceu a prenda
De aquella *ideal* commenda,
O famoso D. Xarope!

Mas, ao cumprimento rico,
Responde o ***** fumando:
«Oradores de fanico
«Logram só callando o bico,
«O que não logram, fallando.»

III

D. XAROPE, O VEREADOR

(LENDAS MUNICIPAL)

I

Meia-noute bateu... Assim começam
Os contos de bruxedos e phantasmas,
Ou de uma egregia musa a lyra peçam
Ou pintem um auctor de cataplasmas.
Meia-noute! Hora triste em que tropeçam
Mais rijas na guela a tosse e as asthmas,
Embicando em xaropes de morphina
Como embica o borracho n'uma esquina.

II

Meia-noute! um luar resplandecente
 A cerulea amplidão do espaço trilha...
 — Perdoae-me, senhor vice-presidente
 Da camara... de tal, que ufana brilha,
 Se o *c* d'este—*cerulea*—imprevidente,
 Deixou em casa o rabo da cedilha,
 Esquecendo a vistosa orthographia
 De que usa, e abusa vossa senhoria!—

III

Fixada a hora mui bem, co'o meu remanso
 Lá vou principiar a entrar na lida,
 E espero em Deus, em Deus fio e descanso
 Que ao resto chegarei com falla e vida;
 E, para prova certa do que avanço,
 Prometto, como cousa resolvida,
 Nunca, nunca beber, ou coxo ou manco
 Os caldos peitoraes de mestre *****!

IV

No largo dos ***** um vulto
Absorto encara o velho monumento,
Que a mão de um rei feliz erguera ao culto
Da rainha immortal do firmamento.
Aprumado bordão, nodoso, inculto,
Lhe àmpara a custo o passo debil, lento;
De rôta capa sob os vis destroços,
Escuta-se assim como um ranger de ossos.

V

Era o esqueleto, o pó de um marinheiro
Da nau São Gabriel— a nau do Gama!—
De um bravo que nos lumes do cruzeiro
Dourara o coração em patria chamma;
De um que lidara, até ao derradeiro
Suspiro, pelo nome e pela fama
Do obreiro do futuro, o egregio povo
Que deu ao velho mundo um mundo novo!

VI

Quatro seculos quasi vão corridos
Desde que transpuzera as negras portas
D'esse abysmo fatal, onde os ruidos
Se escutam do cair das raças mortas,
Quando uma noute, em meio de alaridos,
E librando no espaço as azas tortas,
Um phantasma de torva catadura
Pairar-lhe veio sobre a sepultura.

VII

E que horrendo! Do lombo lhe repuxa
Um pêllo negro, hirsuto, longo e vario,
Qual se o rapara a mão de alguma bruxa
Do coração de certo boticario!
Move na bocca a lingua pequerrucha
De papagaio audaz, e, por fadario,
Tem dos braços no fim, por mãos sómente,
Uns *prégos* de levar o couro á gente!

VIII

Tem na aza de morcego a pelle frouxa
De um papo de Perú, já na cozinha;
Flacidas as bochechas; dura e chôcha
A caixa cerebral, mas branda a espinha;
Mirrada a mioleira e nedia a coxa;
Pesçoço de bernardo; e, se caminha,
Um vago olor de sene, de agio e de urna,
Traz d'elle empesta a viração nocturna!

IX

E o trasgo paira alem no ar sereno,
Miando com a lingua pequenina:
«Quem quer arrematar algum terreno
«Em frente de uma egreja manuelina?
«Vista de terra e mar. O sitio, ameno.
«Botica ao pé da porta, e cousa fina.
«Vamos! eia! aproveitem a lembrança!
«Zás! zás! trás! um! dois! tres! e quem mais lança?

X

« Bem sei que ha por ahi uns litteratos,
« De má morte e cotão nas algibeiras,
« Que hão de assanhar-se todos como gatos
« Á vista de uma d'estas brincadeiras.
« Bem sei que hão de fallar em desacatos,
« Em Gamas, Indias e outras baboseiras,
« De que falla um sujeito cego, ou torto,
« Que não sei se inda é vivo, ou se é já morto.

XI

« Fóra tolos! Que vale um aggregado
« De pedra suja e gothicos pilares
« Em frente de um bom predio, bem caiado,
« Com loja, sobreloja, e tres andares,
« E que póde render, quando alugado,
« De redondos vintens bem bons milhares,
« Além do projectado e grosso premio
« De alguns tostões de foro e de laudemio?

XII

«Patria! o que é patria? Gloria! o que é a gloria?
«A patria a vereação, e a gloria os pintos!
«Que valem os latidos d'essa escoria
«A par dos intrincados labyrinthos
«Por onde gritam, como o diz a historia,
«Suados, affanosos e famintos,
«Atraz das bombas sempre os meus devotos
«E o ouro municipal atraz dos votos?

XIII

«O Gama! que me importa— a mim — o Gama?
«Que tenho eu co'as suas escapulas?
«Poz elle mais barato o mel e a grama
«Ou soube até medir rações de mulas?
«Se as Indias descobriu, como o proclama
«O tal zarolho, ou cego, em phrases chulas,
«Dos altos mastareus no excelso tope
«Levou lá por ventura o meu xarope?

XIV

« Callai-vos, pois, vós todos, ó poetas,
« Chronistas de viagens e de frotas,
« Letrados, gazeteiros, vãos prophetas,
« Artistas, escriptores, patriotas!
« Vós todos sois apenas uns patetas
« Que aos saltos não chegaes das minhas botas,
« E como tenho farda, e até carrito,
« Quem manda aqui sou eu... e tenho dito!

XV

E disse. No aposento derradeiro
Tremeu de indignação a velha ossada,
Qual se a chamara á vida esse berreiro
De criança tolinha e malcriada.
E, Lazaro da patria, o marinheiro,
Despedaçando a funebre morada,
Surgiu á luz da lua erguido a prumo
Em quanto o trasgo se esvaía em fumo.

XVI

E então foi quando o viram no *****,
Absorto o monumento contemplando,
Como se tenebroso pesadêlo
Prendesse ali no solo o miserando.
Depois, como se a voz do patrio zelo
Logo o resuscitara, soluçando,
—Mysterio, que maior jámais o vistes!—
Arranca estas chorosas fallas tristes:

XVII

« Foi para que um phantasma torpe e immundo
« Nos ossos me cuspiisse a ruindade,
« Que ouvi no Cabo o grito gemebundo
« Do genio mau de aquella immensidade.
« Que alem, pelos confins do velho mundo,
« Silvou na enxarcia a voz da tempestade
« Quando nas vagas, e do abysmo á borda,
« Era fouce o tufão, paveia a corda?

XVIII

« Foi para o inventor de uma farinha,
« — Antes d'elle já de outros inventada,
« Desde que ha fogareiros na cozinha
« E mós na azenha, e sêmea na cevada —
« Viesse escarnecer da patria minha
« E do heroico pendão da minha armada,
« Que na faina lidou, lidou na guerra,
« Ao braço unido, o amor da lusa terra?

XIX

« Foi para lhe ouvir tantos desatinos,
« Que nas pedras do templo o egregio obreiro,
« Á ponta de cinzel, gravou meus hymnos,
« E do meu capitão o audaz roteiro?
« Que a ogiva se recurva nos divinos
« Perfis e nos relevos do mosteiro,
« E como de mãos postas agradece
« De Deus o auxilio com marmorea prece?

XX

« Que o brado — terra alem! — da gavea dito
« Em rosto a essa indiana immensidade,
« Soou na arte e commercio como o grito
« De uma resurreição da humanidade?
« Que ficou, desde essa hora, todo escripto,
« Nos factos da vindoura sociedade,
« O prologo immortal das epopéas
« Futuras do trabalho e das idéas?

XXI

« Foi por que um avejão co'o pé te afaste,
« Operario da esplendida abbadia,
« Que, n'um consorcio mystico, enlaçaste
« Á fórma o sentimento e a poesia?
« Que mil e mil estrophes arrancaste
« Das betas do lioz, da rocha fria,
« Cantando n'esse augusto, immenso plectro,
« Da patria o nome e do monarcha o sceptro?

XXII

« Oh! se puderas tu, co'o ferro em punho,
« Á vida resurgir do mundo externo,
« Como deveras, de odio em testemunho,
« Pegar-lhe da cabeça, á luz do inferno,
« E abrir-lhe sobre a testa o largo cunho
« De stygma expiatorio, fundo, eterno...
« Inda que em pedra tal, logo de um sopro,
« Houvesse o risco de partir-se o escopro!

XXIII

« Quem me auxiliará na empreza bella
« De vingar-me do ultraje que me é feito?
« A mim—que digo?—á patria! que por ella
« Me doem as affrontas no osseo peito.
« Quem pôde devolver-me á podre tela
« Da campa sepulchral, ao frio leito,
« Vingado e bem vingado, de um só rasgo,
« Das injurias villás do negro trasgo?»

XXIV

« Eu! » De repente um vulto lhe responde
Que assoma além, do céu no immenso espaço;
Jorra a luz donde o pé lhe passa e donde
Passa a fronte formosa, o peito e o braço.
As glórias e a deshonra a um tempo esconde
Nos refolhos gentis de seu regaço,
Do qual chovem na aerea immensidade
As sentenças finaes da humanidade.

XXV

Fogo ou ferro não traz nas mãos tranquillias,
Nem petrechos de guerra apparatusos,
Porém mata co'um raio das pupillas
Ou co'um franzir dos labios desdenhosos.
Ante elle vem fugindo em longa fila
Um tropel de aturdidos e raivosos,
Como se nas espaduas os zurzira
De longo açoute a sonora spira.

XXVI

Vem ali no montão de varias gentes
Que se atropella, agita, esmaga e afoga,
Generaes sem as fardas reluzentes,
Juizes sem a vara e sem a togá!
Mulheres sem amor; mastíns sem dentes;
Ministros sem as pastas, e até voga
Que vem n'esse tropel, que os atordoa,
Prelados sem annel, reis sem corôa.

XXVII

« Quem és tu, quem és, ó visão linda? »
O pobre marinheiro logo brada.
« És a ventosma, deus, potencia infinda,
« Duende, anjo do céu, demonio ou fada? »
« — Eu sou tudo isso, tudo, e mais ainda!
« E velho donde vem a luz dourada!
« Sou a *Opinião Publica*, a rainha
« Que perdôa, que esquece... e que espésinha!

XXVIII

« Deixa-te de carpir desconsolado;
« Modera de teu peito o flebil grito;
« Aqui me tens de pé, já posta ao lado
« Do cantico immortal na pedra escripto.
« Não temas que elle ás vistas affrontado
« Te seja de algum trasgo pequenito,
« Nem que o não possa ver de sobre a areia
« Das tagides gentis a alva choreia.

XXIX

« Não sabes tu que, ao mais ligeiro aceno
« De minha sobrançelha contraída,
« Se muda em agua chilra o atroz veneno
« Na taça da ignorancia presumida?
« Que os gigantes ventosos do agio pleno,
« E os colossos banaes da sêmea ardida
« Repuxam, sob as rodas de meu carro,
« Em titeres de feira e anões de barro?

XXX

« Modera, pois, ó filho, o teu queixume,
« Que á tumba volverás, limpo de affronta;
« No espelho do Tejo, e da agua ao lume,
« Se mirará da grimpa a excelsa fronte
« Em quanto houver, da historia sobre o cume,
« Portuguezes que a fama ao dedo aponte,
« E houver um portuguez de raça antiga
« Que saiba ao que esse nome leva e obriga! »

XXXI

Assim falla e o moimento sobranceiro
Lhe repercute a voz do extremo canto,
Ao passo que na rua o marinheiro
Lhe vae beijando a fimbria do alvo manto.
Ella o conchega a si, mas por inteiro
Sempre o deixa beijar, e tanto e tanto,
Que se póde pensar que—sem blasphemia—
Deusa ou mulher sempre é vaidosa a fêmea.

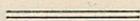
XXXII

E ao clarão do luar resplandecente,
Que rutilava a flux no ethereo polo,
Uma benção da mão omnipotente
Co'um sorriso de amor lhe cae do collo.
Depois... solta no ar o vôo ardente,
Em quanto do esqueleto ao rez do solo
Vacilla o debil passo. Alto mysterio!
Ella... ás estrellas! Elle... ao cemiterio!

XXVI

O POETA

A Luiz de Campos



Não te illudas, Luiz; isto de fazer versos

Não leva a gente longe.

Outros e mui diversos

São os caminhos bons para subir aos cumes

Onde os raios do mando, e da riqueza os lumes,

Aquecem os botões, que em rosas se desatam.

Esqueces-te, Luiz, talvez, do que relatam
As chronicas fieis de gente grave e seria
Ácerca da peçonha amarga e deleteria
A que—*poetas*—chama, engatilhando os labios
N'um gesto de desprezo, uma porção de sabios
Que engorda o pão de Deus, para felicidade
Quer do reino do ceu, ou quer da humanidade.
Por ellas se conhece o quanto é necessario
De cabello espetado e sujo vestuario,
De preguiça, de vicio, e malvadez sem conto,
—De tudo quanto é mau—para fazer de prompto
Um d'esses aleijões, raça bastarda e informe
Que leva a alma devassa até ao ponto enorme
De amar os rouxinoes, as flores, os affagos,
As estrellas do céu, o espelho azul dos lagos,
A criancinha loura em que dorme esquecida,
Por ora, a podridão sob o arrebol da vida!
N'uma palavra: tudo que a Moral detesta,
Quando, garganta nua e pó de arroz na testa,
Por detraz do seu leque, e atraz das bambinellas,
Conversa, folga e ri, co'as timidas donzellas:
Política, Finança, e Farda, e Béca, e Estola,
Ou qualquer outra dama honesta, e de alta escola,

Que ampara o seu pudor, deitando-lhe d'espeques
As frinchas do charão dos arrendados leques!

Luiz,— quando se sente após um dia gasto
Em labutar tristonho, inutil ou nefasto,
Que é necessario abrir as valvulas da mente
Para que, concentrada a chamma intelligente
N'um circulo de dor, e pela dor soprada,
Como a polvora quebra o globo da granada,
Não partam a razão as explosões da idéa —
Isto de se evocar a pallida choréa
Das rimas d'entre o pó, em que as sepulta o mundo,
Deve ser, com certeza, o indicio mais profundo
De uma devassidão, tão negra e tão medonha,
Que deverá tingir, no rubro da vergonha,
A gente que n'essa hora engraxa algum calçado
Com a grã-cruz ao peito, ou lança no mercado
Alguns frangalhos vis da rota consciencia!
Fazer versos, Luiz! pois ha maior demencia
Do que estragar papel com esta ninharia
N'uns tempos em que até a ultima senhoria,
Vindo do chafariz, ou não se sabe donde,
Morreu por fim ás mãos do universal visconde?
Sempre é preciso ter, para esta faina impura,
Bem duro o coração e a idéa inda mais dura!

Pois, quando espavorida em meio de trabalhos,
— Como a cançada pomba em cima dos carvalhos
Forceja por pousar as fatigadas pennas —
Forceja a alma tambem por encontrar apenas
Um tronco onde repouse os vôos arquejantes;
Em logar de a embeber nos lumes rutilantes
Dos espaços azues, atraz de alguma estrella,
Não vale mais, Luiz, em baixo aqui prendel-a
Aos labios sensuaes de alguma Messalina,
Ou ás farpas, talvez, de lingua viperina
Que, em meio ás trevas, morde em tudo o que a rodeia?
Não vale mais jungil-a aos labios da sereia
Que canta á moça pobre essa cantiga leda
Do *tinlinton* da libra, ou do *fru-fru* da seda?
Isso sim, meu Luiz, tudo isso é que é fidalgo!
Mas correr a alma após, esbaforido galgo,
De uma idéa de amor até á poesia,
Isso é mui proprio só da truculenta harpia
Do verso, tão faminta e de olho tão immundo,
Que até devora a mesa em que consôa o mundo!

Versos! pois por cada um que vem juntar-se á conta,
— Attonita, surpresa, espavorida e tonta —
Não vela a face a lei na banca do advogado?
Por cada verso mais no limbo profundado,
Não surge mais um padre atraz da medicina?
Por cada cantilena, ou grande ou pequenina,
Não passa em contrabando uma porção de fardos?
A rosa alva de amor não se transforma em cardos,
Quando a haste lhe humedece aquelle nevoeiro?
Pois, se não fosse o verso, a cada conselheiro
Não tocara um conselho, ou pomo inteiro, ou lasca,
Que nos justificasse o rótulo da casca?
A politica sempre, um pouco mais polida,
Não fallaria bem alguma vez na vida?
Ó verso, emanação do inferno, torpe e rude,
Deixa arder á vontade os fogos da virtude!

Pelo que fica dito, é claro a toda a gente
Que ser *poeta* é ser um monstro que sómente
Se pôde consentir por mera tolerancia.
Torna-se pois decente, e da maior instancia,
Cavar-lhe fundo a cova onde desapareça.
Os manes de Catão lhe pedem a cabeça.

Deferida. Depois, á valla infame o busto!
Em quanto que o censor, inchando o papo augusto,
Para poder trepar aos cumes do universo,
Basta que faça... em prosa o que attribue... ao verso!

XXVII

EM QUE PARARAM AS MUSAS

A Joaquim Thomaz Lobo d'Avila

Qual de *Clavileño* outr'ora
Desmontado o heroe manchego,
Quem vos viu e vê agora,
Ó côrte do deus da aurora!
Bas bleus do Parnaso grego!

Moças que, no tempo airado
Das velhas Arcadias lusas,
Trazieis pó no toucado,
Quando até, por desenfado,
Pastaveis os bois, ó musas!

Gamos que, dos taboleiros
De Le-Nôtre, e em curto exilio,
Dos caçadores matreiros
Fugieis para os salgueiros
Com os seis pés de Virgilio!

Desde que Pégaso explora
Os varaes da prosa raza
A seiscentos réis por hora,
Como, ó lindas! por hi fóra
Levou volta a vossa caza.

E, com tombas no cothurno,
Já cada uma de vós lida
Por achar, no antro soturno
D'este mundo, qualquer turno
De dar algum modo á vida!

Pobre adella paralytica,
Melpómene, a da tragedia,
Vende fato velho á critica;
E botou centro, politica,
A outra mana da comédia!

Terpsicore, a picaresca,
Fabrica pastas na lua;
E a da musica, mui fresca,
Da janella offenbachesca
Tosse a quem passa na rua!

A alta Clio é vendedeira
De jornaes de miscellanea!
É a Erato inculcadeira!
E vive n'uma trapeira
Do largo da Estrella a Urania!

Calliope ata na argola
Um ramo de louro ao vento;
E Polymnia pede esmola,
De muleta e de sacola,
Á porta do parlamento!

Qual de *Clavileño* outr'ora
Desmontado o heroe manchego,
Quem vos viu e vê agora,
Ó côrte do deus da aurora!
Bas bleus do Parnaso grego!

XXVIII

APPARENCIAS

A Ignacio Francisco Silveira da Motta

I

Como prefiro o vicio, em frente á luz do dia,
Ao tributo... moral, que a infame hypocrisia
Por hi paga á virtude em azebrados réis!

São tres horas da tarde. Um tiro de corceis,
Bisnetos do que foi o timbre do Quixote,
Resolvem o problema em que o marchar a trote

É x e os dados são: tres pernas entre os dois.
As outras cinco: zero. Atraz lhes vae, depois,
Um caixotim de pau, retinto em verde-gaio.
Pilota na almofada o rumo do pangaio,
Promovido a caleche á força de aleijões,
Um Fulano de Tal, tristes sobejidões
Talvez do sangue azul de alguma velha raça!
Dentro, em nuvens de pó, cantarolando passa
A avinhada Gauthier d'esse imbecil Duval.
Desalinha-lhe o vento a cuia de torçal,
De encontro ao marroquim do descoberto carro.
Chupa o canto da bocca a ponta de um cigarro,
Que lhe embacia em fumo as chapas dos anneis;
E, da perna traçada, em rigidos paineis
De cassa teza em gomma, os folhos do vestido
Esvoaçam á mercê do norte desprendido
Dos altos de Carriche, em rapidos tufões.

Ha touros amanhã.

II

Referve, nos salões
De algum palacio, a flor do mundo da elegancia.
Começa no patim da escada essa fragancia

Que lá por dentro sae de trinta collos nus.
Em cristaes de Bohemia, a perfumada luz
Das vellas côr de rosa aviva os escarlates
No estofo da mobília e os ouros dos remates
Das columnas de jaspe, em que repousa o alvor
Dos estuques do tecto, esplendido lavor
Que se afigura á vista em nevoas rendilhado.
Andaram mãos de fada entregues ao cuidado
De compor o matiz da alfombra d'Aubusson,
Onde, em rapida mó, doudeja a turba ao som
De uma valsa de Strauss. Erguem-se, em toda a parte,
As mil encarnações da grande deusa da Arte:
Louças de Palissy; telas do Veronez;
Bronzes de Benvenuto e armas que algum chinez,
Embriagado de opio, encaba em pedras finas.

No canto de um *boudoir*—envolta em musselinas,
Erguendo a vista ao tecto em flacido langor,
E arrastando no chão o que lhe falta á flor
Do collo no vestido—uma mulher formosa
Encosta n'um sofá a espadua côr de rosa.
O brevissimo pé, calçado de setim,
Pudicamente foge á luz do pharolim,
Que poussa n'um *trumeau* de Boule os pés dourados.
Falla a lingua de amor n'uns trechos decorados

De *Consuelo* ou *Fanny*. Em frente a ella se vê,
Perfumado Duval d'essa imbecil Gauthier,
Um mancebo, gentil de corpo e vestuario;
Mendigo de casaca, astuto e vil corsario,
Que prêa nos salões, infame e atroz mister,
O ouro do homem a par da honra da mulher!
Tambem com gesto grave aspira o olor do pomo
Defezto á probidade, a occultas assim como
Tambem na unha roubou, hypocrita nebri,
Uns trechos sensuaes de *Consuelo* ou *Fanny*
Com que veste a aridez da intelligencia chata,
Em quanto ageita o nó da alvissima gravata,
Ou abotôa ao espelho a luva de Baron.

III

E depois, a primeira, a que navega ao som
Do instincto bestial, entre os parceiros da vida,
Sem nome, sem familia, infame, escarnecida,
Alem de si a quem, ignobil, deshonorou?
Que máculas trará da tasca onde jantou?
Um passo do hospital mais feito no caminho!
Na saia um pingo mais de algum pichel de vinho!

Tem filhos e marido a outra; e que trará,
Hypocrita, do baile, onde, risonha e má,
Brilhante de elegancia e negra de malicia,
Pudicamente cospe em rosto á pudicicia?
Sciente do que é bem, sciente do que é mal,
Que trará d'esse amor inepto e sensual?
Talvez um pingo mais a ensanguentados trilhos!
Mais um pingo de lama ao nome de seus filhos!

XXIX

O CARNAVAL

A Francisco Joaquim de Sá Camello Lampreia

I

Nunca a intelligencia minha
Achou fonte donde saque
A razão porque a folhinha
Põe o entrudo só na linha
De dois mezes do almanaque!

Porque o põe em março, ás vezes,
Ou em fevereiro, agora,
Se os mezes todos são mezes
De *cancans* e d'entremezes
Por todo esse mundo fóra!

Pois a dama não se agarra
Ao crescente, sempre, e ás luvas,
Á *tournaire*, e aos pós da jarra,
Por disfarçar... com a parra
O que lhe falta... nas uvas?

Encontrando assim um meio
De poupar a formosura,
Pondo-a, á volta do passeio,
De remissa, toda em cheio
No cestinho da costura?

Pois no *Gremio* em fevereiro
É que só, á força viva,
Apparece marceneiro
Que grude a Europa, lampeiro,
Com dois dedos de saliva?

Ou ponha tudo em bagaços
Com seus calculos profundos,
Derramando nos espaços
Uma chuva d'estilhaços
Da *Revista dos dois Mundos*?

Só, então, que brilha a imagem
De algum typo de janotas
Que, em constante vadiagem,
Ande só de carruagem...
Por não ter já para botas?

Que dá baile algum Fulano,
Em que passa um dia á louca
A fazer de Créso, ufano,
Passando o resto do anno
A fazer cruces na bocca?

Pois é em março sómente
Que de noute, e que de dia,
Como negocio corrente,
Por hi anda toda a gente
Mascarada em fidalguia?

Que, por falta de letreiro,
Corre uma pessoa o risco
De mandar um conselheiro,
Á loja do carvoeiro,
Buscar trinta réis de cisco?

Ou de expôr-se, quasi á tôa,
A duellos... abortados,
Por tratar hoje, em Lisboa,
Só por — barão — a pessoa
De algum moço de recados?

Que tem as phases da lua
Com que um Fould imaginario
Peça um pataco na rua,
Quando por emprestar sua
Duzentos milhões ao Erario?

Com que o noivo, dando á perna
Atraz de um *magot* da China,
Com juras de chamma eterna
Namore a burra paterna
Nos aleijões da menina?

Com que a visita de gala
Espere uns minutos sete
Que o gallego venha á falla,
Com a casaca da sala
Sobre a camisa do frete?

Só no entrudo é que ha sujeito,
Tão eximio *dilettante*,
Que discuta o *si* do peito
Dado pelo... *basso* a geito
No *Mosé*... de *Mercadante*?

É só no tempo alludido
Que, de uma paixão em troco,
Para a seda do vestido,
Sob as azas de Cupido,
Andam as libras no choco?

Que ha gente muito engraçada
Que, de dia, a musa açoute
Até dar-lhe uma charada,
Que ha de ser... improvisada
Nas *tertulias* d'essa noute?

II

Só se levanta, n'esta hora,
Da mesa dos ministerios,
O *deficit*, sem demora,
Para morrer... de plethora
No sofá dos salvaterios?

Que ha sómente homem d'estado,
Com succursal em Pantana,
Que, da Economia ao brado,
Puxe ao labio apaixonado
Um discurso por semana?

Adorando a *nympha bella*,
Tanto da alma, tão do fundo,
Que, para á moda trazel-a,
Gastaria só com ella...
As cinco partes do mundo?

Que por ella, de um só traço,
Faça o *deficit* em postas
Com dezoito pennas de aço
E setenta mãos de almasso
Reduzidas a propostas?

Sendo o effeito mais provado
D'estas nobres, altas scenas,
O de cair sobre o Estado
A despeza do recado,
Do papel e mais das pennas?

Té, que ao fim do movimento,
Aconteça que, algum dia,
Morra o thesouro em São Bento,
De uma dor de esalfamento,
Nos braços da Economia?

É só do entrudo nas pistas
Que se ha visto, algumas vezes,
Com prosapias nunca vistas,
Porem-se a jogar as cristas
Uns gallinhos portuguezes

Que, por entre as luctas vastas
Do seu patrio gallinheiro,
Aves de mui finas castas,
Façam da questão das pastas
Uma questão de poleiro?

Resumindo-se o fogacho
De toda essa larga esgrima,
Ó basbaque populacho!
Em questão d'estar de baixo
Ou questão d'estar de cima?

Que, se em baixo, em grã farofia,
Corra o gallo sem fadiga,
Morda e arranhe por basofia?
Que, se em cima, cante, e a embofia
Se lhe vá toda em cantiga?

Que, por chegar ás supernas
Glorias mil dos carrapitos,
Com piadas muito ternas,
Faça, até, degraus das pernas
Dos frangãos mais pequenitos?

Que, rôla mansa na peia
Do voto, que é seus amores,
Seja açor de cara feia
Quando falla com a aldeia
N'um canto dos corredores?

Despedindo o bico, irado,
Da censura o fel sinistro,
Em quanto o pé, socegado,
Vá tomando um rebuçado
Da carteira de um ministro?

Que pie a voz n'essa arena
Com fumos de vituperio
Em quanto, branda e serena,
Vá, pela bocca pequena,
Sustentando o ministerio?

E assim, n'esta intermittencia
De peçonha e chá de tília,
Ministrados com prudencia,
Fique bem... co'a independencia,
Sem ficar mal... co'a familia?

E que o paiz, finalmente,
Traz as pupillas queimadas,
A alma em fogo, e em fogo a mente,
No lavor egregio e ardente
Do fabrico... das charadas?

III

Bem demonstrado pois fica
Que nos mente o padre-mestre,
Quando faz a pelotica
De não pôr o entrudo á bica
De anno bom a São Silvestre.

Pois embora, ó lusitano!
Pouco ande fóra do centro
De um trimestre o tal magano,
Sempre, no resto do anno,
Anda o Carnaval por dentro!

XXX

ALI

(CONTO ORIENTAL)

A José Luciano de Castro

I

Dizia o turco Ali: «Toda a Turquia bella
«É do sultão Babur. Ao nivel da chinella
«Do excelso padischá, varrendo o pó do harem
«Com as prostradas cãs, e a alma no pó tambem,
«O grão visir Omar roja empallidecido
«Sob...»

O turco parou. Julgava ter ouvido

Quasi da espalda á flor, um como ciciar
De riso n'uma bocca e de aza pelo ar.

Olhou. Buscou. Volveu-se. Em baixo, em cima, ao lado
Nenhum rumor se ouvia.

O turco, socegado,
Assim continuou: «...sob o fulgor da luz
«Que da Syria aos Balkans, de Creta ao mar de Ormuz,
«Só tem por maior sol, em mais subida meta,
«O Deus de quem Mafoma é o unico propheta!»

D'esta vez estacou de voz e coração.
N'um hombro lhe pousara estreita e brusca mão,
E de uma bocca aberta, em cynica toada,
Brotara a mais formal e rija gargalhada
De que ha memoria alem por terras de osmanlis.

Ali, morto de susto, a pallida cerviz
Escondendo no alvor do linho do turbante,
Nem viu como do solo, aberto e flammejante,
Ficou, por largo tempo, erguendo-se em cachões

Esse classico mar d'enxofre e de alcatrões,
Que sempre traz consigo um demo de azas pretas,
Se é demo bem criado e sabe as etiquetas
Com que o inferno visita um misero mortal.

Ora convem notar que o bom do oriental
Prezava-se de ter a consciencia clara.
Não matara ninguem; nunca tambem roubara,
De alfange em punho, a bolsa ao desgarrado iman.
Não tinha uma só vez cuspidos no firman
Do grande imperador de seu desprezo a baba.
Pelo contrario: em Meca, e em frente da Kaaba,
Dera uns sequins d'esmola ao Deus de Mahomet;
E quando, pela mão de um negro d'Embayet,
Passava relinchando o imperial ginete,
Inda que o estribo de ouro em fórma de stylete
Vazio lhe pulasse ao estremecer do arção,
Sempre o devoto Ali, cozendo ao coração
Os dois braços em cruz, humilde, curvo e serio,
Saúdava o esplendor do musulmano imperio
Nas plumas do corcel do excelso imperador.

É verdade que a Fama, enchendo a seu sabor
De murmurios subtis o bronze das trombetas,

Espalhará no mundo umas historietas
De orphãos em que preara a garra d'esse Ali.
Fallara-se, também, na venda, em Scutari,
De polvora e de balla a tribus rebelladas.
Cousas de turcos! vis, estupidas rajadas
Do vento da calúnia e de uma atroz má fé
Que se nega, teimosa, a perceber o que é
A belleza moral d'esplendidos negocios,
Em que pôde qualquer matar o tempo e os ocios,
Repartindo a sua alma entre as rebeliões
E o respeito aos corceis dos pallidos sultões!

É pois claro como agua, a toda a intelligencia,
Que tinha o bom de Ali tão pura a consciencia
Como pranto da aurora ou veio de cristal.

Seguro de que o demo, o horrendo Belial,
Nada tinha que ver, portanto, em sua caza,
Ido o primeiro choque, e amortecida a braza
Com que o raio do susto os olhos lhe queimou,
Pouco e pouco, ao revez, Ali desembainhou
Da palpebra meio olho, em gesto surrateiro,
E depois o outro meio, e logo um olho inteiro,
E, por cortar razões, o certo é que, depois,

Ao cabo de um momento, havia aberto os dois!

Em vez de algum dragão de fôrmas deshumanas,
— Como os pinta o chinez em suas porcelanas,
De cabeça de açor e garras de leão—
Diante d'elle, em pé, sorria-lhe o avejão
Mais lindo que jámais houvera na Turquia.
No labio a côr da rosa! a tez da côr do dia!
Na mão, que dera inveja aos lyrios de Sambul,
Esfumava-se a veia em transparente azul!
Nos ouros do cabello, aberto em risca ao centro,
Pelo alto dos anneis se via só que dentro
Alguma cousa mais tinha de haver, em fim,
Do que os fartos bandós das poupas de setim,
E o bipartido pé, de fôrma breve e leda,
Como que era a pedir uns escarpins de seda!
Era um demonio, em fim, tão bello e tão cortez
Que, se não fôra o olor do enxofre e até do pez,
Ninguem pensara em ver, do ninho e em torpe arranjo,
Sair a aza do djinn de sob a casca do anjo!

Sorvendo um riso mau nos dentes de marfim,
Como vespa que suga, em folhas de jasmim,
O neectar que se muda em peçonhento caído

Na retorta cruel da ponta do seu dardo!
Saltando como pella, e erguendo em grita a voz,
Exclama o demo lindo em tom d'escarneo atroz:
« Bravo! bis! muito bem! bravissimo! excellente!
« És orador, meu caro, e dos que dão á gente
« Mil cócegas de inveja ao cabo da oração!
« Com que o grande Babur, o esplendido sultão,
« Debaixo da chinella, e ás portas da valida,
« Esmaga na poeira a fronte envilecida
« Do escravo que se chama o grão-visir Omar?
« És grande sabio, Ali! dá gosto o ver pensar
« Com tão buido engenho! e morto de canção
« De certo ficaria o maternal regaço
« Da pobre Natureza, elaborando em si
« O olho phenomenal do perspicaz Ali!
« Pergunta, ó lynce, a Abdul, o bey dos mamelucos,
« E ao negro Zabussar, o chefe dos eunucos,
« Por quem trabalha o alfange e o lugubre cordão,
« Se por Babur no throno, ou por Omar no chão!
« Tu vendeste metralha ao rebellado mouro
« Para crivar com ella as meias luas de ouro,
« E roubaste, meu caro, os orphãos de Al-Hariz...»

«—Negocios e commercio» o turco, a tremer, diz.

«—Rapinas e traições» lhes chama a realidade!
«Mas, socega! eu bem sei o que é necessidade
«De um serralho bem farto e de aureo latakié
«No forno do cachimbo. O que eu te digo é
«Que, apesar das traições á patria e dos vexames
«Ao fraco e ao pequenino, em placidos certames
«De beijos e de fumo, e em tua infamia, audaz,
«Do sacco de farélo impavido rirás
«Onde a cabeça cae do condemnado á morte!
«Mas conheces Zabel, morena flor do norte
«Das ribas do Cedron, e escrava d'esse Omar?
«Mas viste alguma vez, das portas do Bazar,
«Correr coberto de ouro o esplendido cavallo
«Do grão-visir? Pois bem; se queres ter o abalo
«De fortes commoções em frente do yatagan,
«É simples a receita e custa pouco affan:
«Nega que da judia a trança desprendida
«Circumda em dupla volta a espadua enlanguescida
«Do escravo de Babur; ou nega que o alazão
«Descenda em linha recta, e em pura geração,
«De trezentos avós illustres e provados,
«Que não te dou, Ali, sequer alguns bocados
«De roto narghilé por tua lingua atroz!
«E saberás então se é serio isto de avós

« De corceis de visir — ou de feições de escrava »

E o atordoado Ali baixinho murmurava:

« — Sem duvida. Não chega a ter comparação

« Com o alazão de Omar o ruço do sultão!

« E agora gloria a Deus, na voz do seu propheta! »

E dispoz-se a sair.

« — Essa é melhor, pateta!

« Quem te falla de Deus ou mesmo do Alcorão?

« Deus é o iman, Ali! Se na religião

« Queres pousar da vida o teu dorido braço,

« Não precisas d'erguer a vista pelo espaço

« Á procura da luz dos penetraes do céu.

« Basta-te o concertar erguido coruchéu

« De mesquita que ameace em terra dar consigo,

« Ou construir, então, qualquer dourado abrigo

« Onde o bonzo por ti recite a orações

« Que por falta de geito, ou de vagar, não pões

« Por tua propria mão da Divindade aos pés.

« Basta-te o percorrer, de meia Asia através,

« O caminho de Meca em largas caravanas,

« Repousando ao luar no collo das sultanas
« A testa, e o lasso tronco em flacidos coxins;
« Basta que os ossos nus, espolio dos festins,
« Se calcinem ao sol na areia d'essa estrada,
« Em quanto sob a tenda, em sedas debruada,
« Saboreias o mel das tamaras do Hedjaz,
« Para que logo tu, contente e em santa paz,
« Sintas em torno a ti remurmurar no ouvido
« O applauso dos imans e o approvador ruido
« Dos mil salamaleks das bastas multidões!
« Afoga Belial na agua das abluções;
« E se queres até da campá, onde repousa
« O grande Mahomet, esborrifar a lousa
« Co'ò sangue de uma grei de um centenar de bois,
« Verás, meu caro Ali, como ao voltar, depois
« De ter dado á mesquita uns rolos de piastras,
« Com que santos laureis a tua fronte ennastras,
« E como para ti afôfa o bonzo o véu
« No collo das huris, para dormir no céu
« Teu corpo terreal o somno dos eleitos!
« Os orphãos de Al-Hariz eram uns maus sujeitos,
« E a polvora do mouro uns innocentes grãos
« Que não podem sujar a nitidez das mãos
« De quem degola bois na tumba do propheta! »

E de outra gargalhada a vibradora setta
De novo se cravou na orelha do osmanli,
E, por segunda vez, o atordoado Ali
A cerviz escondeu no linho do turbante;
Depois, quando de novo, e ao cabo de outro instante,
Os olhos reabriu aos osculos da luz,
Sómente dos cordões da esteira, e como a flux,
Saía um vago olor dos alcatrões do inferno.

Diz a lenda que o turco, em seu pensar interno
Ficou tão embebido até pela manhã,
Que toda a noute, olhando a spira tenue e vã
Do fumo do cachimbo, estólido esquecera
Quantas vezes, no harem, a breve mão de cera
Da escrava favorita houve de amarrotar,
Despeitada e febril, um lenço de assoar,
Em quanto o ouvido em ancia ás portas escutava
Se outro lenço caía em collo de outra escrava.

II

Na vespera findara o santo Rhamadão.
Nas ruas de Stambul referve a multidão,
Como lava que o Etna em torno precipita.
Vae dar graças a Deus, na principal mesquita,
O rei dos reis, o heroico, o esplendido Babur.
O espumante corcel do oásis do Darfur
Deixa vestigios de ouro onde pousou seu casco.
Encaba-se em rubis a folha de Damasco
Que pende da cintura ao fulgido sultão.
A penna de avestruz, de sobre o murrião,
Quando a aragem a curva ao nivel das espaldas,
Espaneja do pó tres fios d'esmeraldas
No lavor cordovez do couro do telim.
Disputa alvor á neve a tela de setim
Do caftan de Babur! e, como que a adoral-o,
Vinte passos atraz, no pó que o seu cavallo
Levanta no bater do rijo galopar,
Encurvado e submisso, o grão-visir Omar,
Qual segue a barca a nau, terror dos nazarenos,
Segue a custo, andorinha, os circulos serenos

Que traça na amplidão esse condor do Islam.

De dentro do jardim de um respeitado iman,
Vira passar Ali as pompas do cortejo.
Diante d'elle a relva agradecia o beijo
Do sol, erguendo a prumo as folhas a tremer.
Passou o padischá, e a relva a agradecer
Ficou, a prumo erguida, o beijo idolatrado.
Alguns momentos só, depois de ter passado,
Submisso e reverente, o pobre grão-visir,
De todo esse tapiz de folhas a bulir,
—Qual se a fronte de Ali, da pequenina selva
Martellasse no pó as folhas mil da relva—
Nenhuma ponta a prumo estremecia então.
Dir-se-hia que sobre elle escorregara a mão
Do anjo mau, o Azrael do turco cemiterio!

III

Ali morreu de velho e seraskié do imperio.

IV

Diz porém a calúnia em mui baixinha voz
Que, quando o raio azula os marmores de Cós
Do sepulchro de Ali, em noutes de tormenta,
Sae do alto da cornija uma aza pardacenta
De djinn que vae voando em torno ao mausoléu,
Em quanto os echos mil da terra e lá do céu,
Como bocca gigante, e em cynica toada,
Repetem o estridor de immensa gargalhada.

PANCRACIO DA LOURINHÃ

(CONTO OCCIDENTAL)

A João Antonio dos Santos e Silva

Pancrácio, o bom rapaz, nasceu na Lourinhã.
Ignoro se isto foi de noute ou de manhã.
O que sómente diz a chronica da aldeia
É que elle veiu á luz do sol, ou da candeia,
Alguns mezes depois de haver um tal João
Ido co'uma Joanna ouvir certo sermão
De um francez missionario, o qual, do Tejo ao Marne,
Pintava de tal fôrma as tentações da carne,
Que dava gana até, tal era o traço e a côr,
De não deixar mentir o padre prégador.

Pouco importa o que fez o nosso heroe nos dias
De sua meninice. Escondem biographias
Geralmente esse alvor da vida dos heroes.
Seja em filho de rei, ou de F. e tal de Anzoes,
Sempre mostra o cueiro o que é a humanidade!
Apenas sei que aos vinte e dois annos de idade,
Como é de um paiz livre um livre cidadão,
O captura um malsim que o leva a um capitão
Que lhe abre de soldado a praça n'um momento;
E, como a Carta diz que é livre o pensamento,
A lei fundamental por dignamente honrar,
De bayoneta ao peito obrigam-n'o a jurar
Que morrerá de amor pelo pensar dos outros!

Já tinha no esquadrão espravonado uns potros
Nos campos marciaes de varias procissões;
Talvez que mesmo até, em Seixo de Gatões,
Tivesse conseguido, á força d'estocadas,
Salvar este paiz de grandes trapalhadas,
Quando, por alta noute, o seu sargento faz
Saltar da cama em pêllo o nosso bom rapaz.

Trata-se de prender o coronel e de ir-se
A salvar... a nação atrás de alguma Circe
Que, mágica, transforme em banda algum bernal.
Ha tumulto e o esquadrão divide-se a final.
Uma parte, fiel, conserva a disciplina;
A outra em aguardente a afoga na cantina.
Pancraccio suspeitoso, em sua estupidez,
De que o seu coronel deve mandar talvez
Com direito melhor do que esse tal sargento,
Respeita o official. Mas vinça o movimento
E Pancraccio n'um forte, ou na grilheta — eu sei? —
Expia o crime atroz de obedecer á lei.

Liberto da prisão, faz por ganhar a vida.
Á falta de melhor, emprega-se na lida
Obscura de zelar nem sei já mesmo o quê.
Um dia em que o seu chefe, então rondando, o vê
Deixar uma saloia andar por um passeio
Co'um fardo enorme onde ha, talvez, bem kilo e meio
De queijo ou de manteiga, e occupa o enorme vão
Onde coubera á larga a Regeneração,
É suspenso por ter, maldoso ou desattento,
Deixado de encoimar tamanho pejamento.
Mas, tres dias depois, achando uns dez barris
Á porta do *salão* do conselheiro X,

—Com loja de calçado inglez e mais da terra—
Lembrado da saloia, a multa, audaz, lhe ferra
Na bochecha. Ó Pancraccio! ignoras, imbecil,
A distancia que vae de um queijo a um barril?
E até, de mais a mais, barril de conselheiro?
Ao fresco! ao fresco! já! és um trampolineiro
Indigno de lidar com gente fina.

Aós paus

Anda outra vez Pancraccio.

Emprega os dias maus

Da fome e da miseria em vasculhar no sizo
Noticia de um local onde haja o pão preciso
Para não se mirrar, qual sapo em canna ao sol;
E como, em pequenito, escrevinhara o rol
Da roupa da mamã, inchando o papo e a crista,
Sentiu a inspiração de pôr-se a jornalista!

Como ficara a arder com as pirraças vis
Do malsim, do quartel, do queijo e dos barris,
Começa a dar co'um pau na cara a toda a gente.
As palavras:—ladrão! traidor! lapuz! demente!—

Em girandolas mil retinem pelo ar.
Accusa a opposição de ter comido o mar,
E accusa-a por não ter tambem bebido a terra;
E tanto faz e diz, e tanto grunhe e berra,
Que se vende o papel que é um louvar a Deus.
O povo gosta e ri. Cobre-o de jubileus
O pobre do editor da folha ex-semi-morta.
Já lhe sabe um ministro o numero da porta;
E outro, do seu *coupé*, lhe diz adeus co'a mão.
É Pancraccio feliz! mas, ó desillusão!
Empana-se esse azul, um dia, em fusca areia!
Adeus quem compre e pague! adeus quem pague e leia!
Que houve? que bafo mau cuspiu n'esse esplendor?
Que pampeiro rachou a penna do escriptor?
Tinge as faces de pejo, ó numen do orçamento!
Pancraccio analysando o *deficit*, attento,
Perpetrara o descuido, em phrase mui cortez,
De confessar que dois mais um prefazem tres!

Inutil é dizer que, após tal falcatrúa,
Lhe emendam a equação pondo-o no andar da rua.

Achava-se a concurso em tal occasião
Um lugar de porteiro. Alem da certidão

D'edade e de vaccina, e de outra papelada,
Exigia o programma: inglez, jogo d'espada,
Botanica, obstetricia, algebra, algum latim,
Sanscrito, cantochão, direito e dança, em fim!
Sómente com que tu, programma, não te importas
É co'ò simples mister de abrir e fechar portas.

Pancracio ao dito vae; mas, como se provou
Que não sabe fechar a porta, aonde entrou,
Em sanscrito ou latim, mas só como porteiro,
Fica a chuchar no dedo e perde o seu dinheiro.

E aqui anda outra vez o nosso bom rapaz,
Em busca de uns vintens, de Annás para Caifás.
Começa o caso a ser bem pouco divertido:
Fôra preso, suspenso, expulso e demittido;
E exhalava, portanto, um cheiro de má rez
Que affectava o nariz da publica honradez:
A sensitiva verde, aerea e delicada,
Que a folha encaracola á minima dedada
De quem lhe toca ao sol, em quanto, na raiz,
Socegada tolera as mordeduras vis
De algum verme ascoroso, humido e peçonhento...

Felizmente para elle andava em tal momento
No estado interessante a urna eleitoral.
Succedera, tambem, que de uma catarrhal
Morrera outro porteiro, havendo assim, portanto,
Novo moxo vazio á mesa de pau santo
Alcunhada—thesouro—: um movel grandalhão
E tão especial que, ali, trocada a acção,
Quem come é que recebe... e paga o cozinheiro.

Pancraccio sabe de isto e, muito sorrateiro,
Espalha que dispõe dos votos de uns cazaes.
—Imaginario sonho em cujo fundo o mais
Que havia era do emprego a desejada nova—
Depois, reincidindo em affrontar a prova
Da obstetricia e do inglez, a outro concurso vae.
Qual Cesar, chega, vê, e triumphante sae!
Justa compensação que tudo arranja e alinha!
Se fôra hontem vencida uma aptidão que tinha,
Conseguem vencer hoje uns votos que não tem!

E o mais é que, depois, torna elle a cheirar bem!

Qual no cadinho funde a lamina de cobre,
Dura pouco a alegria em caza a gente pobre.
E vejam como o demo as sabe, em fim, tecer!
Tocam sinos a fogo, e onde ha-de o fogo ser?
Pois na repartição d'esse infeliz Pancraccio!
Das onze horas passava. Ardia um cartapacio
De vinte e duas mãos e meia de papel,
Onde se demonstrava—em conta mui fiel,
E após doze annos bons, gastos em romarias
De officios e alvarás entre as secretarias—
Que deve o Estado... ao Estado uns vinte e tres tostões,
Por saldo do aluguel de varios lampiões
Que o ministerio Tal, a Est'outro menos rico,
Alugara por noute a trinta réis o bico,
De festa nacional em certa occasião.
Arde tudo, e, depois de ter ardido, então
Se manda proceder a rigoroso estudo
Do modo de não mais tornar-se a queimar tudo;
E como se provou que, na hora matinal
Das onze, inda ninguem se achava no local
Alem d'esse Pancraccio, expulso a vil degredo
Expia elle d'esta fórma o crime d'entrar cedo!

Como o caso era atroz, mandaram-n'o guardar
Com tão dura prisão, nas terras de alem-mar,
Que nem teve, sequer, penna, papel, carteira
Para escrever ali alguns annaes da Beira.

Passados annos, volta á patria em que nasceu,
Nusinho como Job e sem real de seu.
Começa a malucat no modo mais azinho
De como arranjará o fato, o pão e o ninho.
De noute, de manhã, de tarde, qual lebréu,
Lingua ao ar, corre atraz d'esse maná do céu!
Lembra-se de inventar xaropes inventados;
De cantar de tenor; de alliciar soldados;
De, mui sabio, escrever de cousas que ninguem
Perceba, e até de abrir, na Alfama ou Borratem,
Alguma succursal de sabios institutos.
Mas só depois de ter, nas mãos, palpado os fructos
De todo esse aranzel, consegue perceber
Que entre dois meios só lhe é licito o escolher:
Mendigo ou millionario.

Em paz e mui facundo,
E como é de razão, prefere o tal segundo.

Tendo por capital um pouco de cotão
Na algibeira, redige uma proposição
Em que offerece dar, dinheiro de contado,
D'emprestimo dois mil e tres milhões ao Estado.

A conta era exquisita, e tal que, d'esta vez,
Parece só que o verso após do agudo a fez.
Pois mente a presumpção. Se querem conferil-a,
Procurem nos jornaes a larga e longa fila
De contas de sommar, de multiplicação,
De outras de dividir, e até de subtracção,
Com que foi n'esse tempo a nós annunciado,
Coberto e defendido, exposto e commentado,
O novo sol que vinha, a golpes de guinéus,
Rasgar as cerrações de nossos patrios céus.

Pela terceira vez, Pancraccio começava
A ver sorrir-lhe a sorte, e tanto que habitava
Um palacio de truz e tinha *phaéton*.
Borboletas gentis, nas salas de bom tom,
Faziam por queimar as azas de cambraia
Nas flammulas do gaz que em torno d'elle espraia,
Por sobre os corações, o facho do sequim.
Fazia mesmo dó vel-as pensar assim;
E diz-se de uma até, que, insecto bem bonito,
Laminava a paixão até ao faniquito!

Suava o bom Pancraccio em ancias de occultar,
Como é certo e bem certo o adagio popular
De que nem toda a luz espalha o brilho do ouro.
Mas o negocio é tal, que um homem alto e louro,
—Pelos modos inglez— da aurora ao primo alvor,
E de malla na mão chegado no vapor,
Lhe bate á porta um dia e diz que traz dinheiro
Com que Pancraccio faça o caso verdadeiro.
E trazia. Sempre ha algum Shylok inglez
Que empreste a Portugal a dois por cento... ao mez.

Pancrácio um grito dá que faz tremer Lisboa.
Não vae a passo, corre, e até não corre, voa.
Em tres saltos se põe o nosso bom rapaz
No Terreiro do Paço, e tanta bulha faz
Que o ministro que estava, a serio e mui lampeiro,
Occupado em pescar no fundo do tinteiro
Alguma idéa, então, do seu antecessor,
O manda logo entrar. Mas, ó pungente dor!
Compromettida estava a firma do thesouro
Com outro inglez mais alto, e dizem que mais louro,
Que dava os taes milhões por juro... inda maior!
E Pancrácio — que, em quanto, em gélido suor,
Gemia no lavor d'escogitar os pintos,
Era fundido em bronze e posto sobre plynthos—
Agora, que encontrou quem lhe abra amiga mão,
Apanha uma assuada, e em tal afinação,
Por querer emprestar varios milhões ao Estado,
Que se lhe some o inglez de puro encavacado,
E mais Pancrácio fica o que Pancrácio é já;
Dizendo-se tambem que desde então não ha
Sombras de faniquito em lindas borboletas.

Por quarta, ou quinta vez, lhe crava as unhas pretas

A fome na garganta, infame, atroz, cruel;
E o nosso heroe, voltando a frente do painel,
Salta de millionario a esqualido mendigo.

Se virdes pela rua, e sêcco como um figo,
Á noute, um homem sujo, e roto, e de pés nus,
É Pancraccio. Se passa, então, do gaz á luz,
Um alferes... moderno; um chefe que ali ronda;
Um politico audaz; uma cerviz redonda
Cheirando a *bureaucrata*; as plumas de um chapéu;
Ou uma borboleta a esvoaçar no céu,
Ouvireis exclamar a suas excellencias:
«Sempre estes pobres são de umas impertinencias!»

E, para concluir, uma interrogação:
Sabem o fim da historia? eu, francamente, não!

FIM

A MINHAS FILHAS

Vós, meu maior prazer, e meu maior cuidado!
Razão entre as razões porque, preocupado,
Por vezes baixe o olhar ante as provocações
Com que a Morte me chama ás calmas redempções
Do eterno esquecimento e do socego eterno!
Vós, que me appareceis, em meu penar interno,
Como um raio de luz nas sombras do porvir,
Quando o meu coração como que pára a ouvir
Quem vencerá por fim na dilatada arteria,
Se a reacção vital, se as forças da materia!

Vós, innocente lenho! a principal razão
Das brumas com que visto o pobre coração
No cimo do Calvario em que me foge o dia!
Calices de amargura, ou taças de ambrosia,
Segundo vos contemplo, em alternado affan,
Ou verdes botões de hoje, ou rosas de amanhã,
Em torno ás quaes não sei que soes ou que negrumes
Diffundirão no ar que nevoa ou que perfumes!
Minhas filhas! aqui vos deixo, ó minha luz!
Ó minha escuridão! meu goso! e minha cruz!
Em amor condensado, e em ultimo lampejo,
Agora... o ultimo verso, e logo... o ultimo beijo!



INDICE

INDICE

	PAGINAS
Carta-prologo.....	III
A minhas filhas.....	XXI

PRIMEIRA PARTE—DRAMA

I A intelligencia.....	I
II Ingratidões.....	17
III O povo.....	23
IV Romeu e Julieta.....	27
V A velhice do seculo.....	31
A velhice do seculo?.....	45
VI O seculo envelhece.....	51
VII D. João e Elvira.....	59
VIII Visões e realidades.....	63
IX Um heroe.....	73
X Dois cesares.....	77
XI Um epitaphio.....	79
XII Othelo e Desdémona.....	81
XIII A raça latina.....	85

	PAGINAS
XIV Os monumentos.....	95
XV Res, non verba.....	99
XVI Amor paternal.....	101
XVII Duas nobrezas.....	105
XVIII A lua no occaso.....	107
XIX Espronceda.....	111
XX A morte.....	113
XXI La chute de Paris.....	125
XXII Les mères françaises.....	137
XXIII Le procès de la commune.....	147
XXIV Rossel.....	157

SEGUNDA PARTE — COMEDIA

XXV Lendas politico-municipaes do seculo XIX.....	—
1.ª D. Xarope, o pae da patria.....	177
2.ª D. Xarope, o orador.....	201
3.ª D. Xarope, o vereador.....	225
XXVI O poeta.....	141
XXVII Em que pararam as musas.....	247
XXVIII Apparencias.....	251
XXIX O carnaval.....	259
XXX Ali.....	266
XXXI Pancraccio da Lourinhã.....	281
 A minhas filhas.....	 295

SECUNDA PARTE COMEDIA

ERRATAS

177
178
179
180
181
182
183
184
185
186
187
188
189
190
191
192
193
194
195
196
197
198
199
200

201
202
203
204
205
206
207
208
209
210
211
212
213
214
215
216
217
218
219
220
221
222
223
224
225
226
227
228
229
230
231
232
233
234
235
236
237
238
239
240
241
242
243
244
245
246
247
248
249
250
251
252
253
254
255
256
257
258
259
260
261
262
263
264
265
266
267
268
269
270
271
272
273
274
275
276
277
278
279
280
281
282
283
284
285
286
287
288
289
290
291
292
293
294
295
296
297
298
299
300

ERRATAS

PAGINAS	VERSOS	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
9	18	Hossana	Hosanna
32	7	corações	corações,
43	15	amigo,	amigo
47	16	perbendas	prebendas
80	3	a	á
90	16	a	o
93	26	como	com
94	17	de	da
»	18	da	de
102	16	crystal,	crystal.
109	1	a	o
111	8	caistes	caístes,
117	14	pulto	pulso
127	12	sous	sur
133	15	romps	romps, toi,
138	2	ou	on
141	11	ce	cet
144	4	a	à
150	3	est	est bien
184	11	esquina,	esquina.
191	11	nome	nome,
205	15	do	de
233	6	factos	fastos
235	13	longa fila	longas filas
236	14	velho	venho
238	4	fronte	ponta
»	6	aponte	aponta
242	18	tudo	tudo o
272	1	dardo!	dardo;

N. B.—Alem das incorrecções que ficam apontadas, algumas outras que tenham escapado ainda, devidas á falta de paciencia do auctor para os enfadonhos trabalbos de revisão, serão benevolmente corrigidas pelas boas letras do leitor.